
José Iuamilson Silva Barbalho

Bem conviver

ENSAIOS DE CIDADANIA PLANETÁRIA

José Iuamilson Silva Barbalho

Bem conviver
ENSAIOS DE CIDADANIA PLANETÁRIA

Maceió/AL
2025



Agência de Produção Editorial de Alagoas

COMISSÃO EDITORIAL

Felippe Rocha Presado Menezes de Barros (UEA)
Fernanda Lins de Lima (UFAL)
Marseille Evelyn de Santana (UFAL)
Mariana Lessa de Santa (UFAM)

Diagramação

Mariana Lessa de Santana

Produção de capa

Mariana Lessa de Santana

Imagen de capa

Freepik

Imagens dos Capítulos

Freepik

Revisão de Língua Portuguesa e Normalização (ABNT)

Caroline Pereira de Almeida Ribeiro

Catalogação na Fonte

Departamento de Tratamento Técnico da Agência de Produção Editorial de Alagoas

B229b Barbalho, José Ivamilson Silva.
Bem viver : ensaios de cidadania planetária / José Ivamilson Silva
Barbalho. – Maceió : Apeal, 2025.
214 p. : il. : color. (e-book).

Bibliografia: p. 209-214.
ISBN: 978-65-85656-26-9.

1. Humanidade. 2. Cidadania. 3. Educação. 4. Planeta. 5. Democracia.
6. Vida humana – Terra. I. Título.

CDU: 342.71



Muitíssimas pessoas só trabalham e produzem pensando em consumir, mas ao mesmo tempo, vivem na insatisfação permanente de suas necessidades. Produção e consumo se tornam, assim, uma espiral interminável, esgotando os recursos naturais de maneira irracional e acirrando ainda mais a tensão criada pelas desigualdades sociais. Nesse ponto, desempenham papel determinante muitos avanços tecnológicos que aceleram o círculo perverso de produção crescente e apetites cada vez mais vorazes.

A transição a sociedades pós-extrativistas se dará sobre bases ecológicas e com crescente equidade social, sobre fundamentos eminentemente democráticos, ou não se dará. Devemos aceitar que nenhum processo econômico pode ser sustentável se não respeita os limites dos ecossistemas, e que a economia é parte de um sistema maior e finito: a biosfera. Portanto, o crescimento permanente [...] é impossível.

Alberto Acosta

O Bem Viver [é] uma oportunidade para construir outra sociedade, sustentada em uma convivência cidadã, em diversidade e harmonia com a Natureza, a partir do conhecimento dos diversos povos culturais existentes no país e no mundo.

José María Tordosa



Sumário

APRESENTAÇÃO	7
1. UMA COALIZÃO PELA EDUCAÇÃO	11
2. SALVAGUARDAR A UNIVERSIDADE	19
3. DEFENDER A DEMOCRACIA	25
4. COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA	35
5. SOMOS DESENHOS DE UMA MESMA IMAÇÃO	41
6. A REGENERAÇÃO NECESSÁRIA	47
7. CULTURA DE PAZ	55
8. REPELIR AS INDIFERENÇAS	63
9. DISCERNIMENTO	71
10. SEPULTEM AS ESPADAS	77
11. EDUCAÇÃO PARA A PAZ	83
12. SĀ RAZĀO	89

13. COMPAIXÃO	95
14. AFETO EM TEMPOS DE IRA	99
15. REEQUILÍBRIO	105
16. EU, NÃO, TU!	113
17. BOM TERMO	117
18. PROTEGER A CASA COMUM	123
19. DAR FORMA À VIDA	133
20. A SEDUÇÃO DAS COISAS	141
21. “EU EXISTO!”	151
22. POLÍTICA DO BEM VIVER E POLÍTICA DA SOLIDARIEDADE	157
23. LIMITAR A VORACIDADE E DEFESA DA VIDA DOS POVOS INDÍGENAS	167
24. APRENDER COM A CARTA DO CHEFE SEATTLE (DUWAMISH)	175
25. 10 LIÇÕES DA CARTA DO CHEFE SEATTLE	185
26. PALAVRAS FINAIS	203
REFERÊNCIAS	208



Apresentação

Obem conviver não nasce da ideia de um desenvolvimento alternativo, mas de uma consciência alternativa ao desenvolvimento. Por isso, é tão atual, juntos/as, com os mais pobres, redescobrirmos as necessidades de uma nova civilização planetária.

Conforme sabemos, no grande percurso de nossa evolução criadora, são incontáveis as mortes geradas em nome da ordem, da ciência e do desenvolvimento. A orientação necrófila, o amor à morte, moldada pela emoção e pela excitação, tem nos levado a uma grave situação de fanatismo moral. A inumanidade parece se sobrepor ao sonho de humanidade.

Assegurar os direitos da Natureza em todo o planeta será, não obstante, realizar o reencontro da humanidade com a Mãe Terra, voltarmos a, originalmente, o que já fomos: seres interdependentes, amorosos, íntegros. Crescer em equidade e menos em consumo; fazer eclodir uma humanidade solidária; forjar uma sociedade igualitária, liberta das tiranias, dos medos e da falta de esperança; ver o Brasil e o mundo, como outros já sonharam, transformarem-se numa nova civilização do amor, que recupera e não destrói a Criação, mas cuida/acolhe/protege os/as filhos/as da Terra: eis o cerne do bem conviver.

Desejar que a ninguém falte água potável, saúde com qualidade; alimentação regular e nutritiva; educação em todos os níveis de escolarização; lazer regular; trabalho com remuneração adequada para suprir as necessidades do dia a dia; moradia decente e vestimenta a toda família; direito ao deslocamento; um meio ambiente saudável; hospitalidade para os imigrantes; entre os povos originários, suas terras demarcadas e livres de invasores recorrentes; fim da violência doméstica contra as mulheres e do assédio moral e sexual; vida feliz para as crianças, livre de abusos ou



explorações; esperança e vigor para os jovens; bairros harmoniosos, sem a violência de gangues, polícias truculentas e ausência de serviços fundamentais; um Estado nacional acolhedor, que não exclua nem promova intolerâncias; mais solidariedade e amizade social em lugar de rivalidades, ciúmes ou intrigas gratuitas; um Senado e um Congresso Nacional onde o decoro parlamentar prevaleça e as grandes necessidades da população sejam discutidas de verdade; que cheguemos ao fim da corrupção do orçamento secreto das emendas parlamentares; não eleger líderes tacanhos, irresponsáveis, extremistas, mal educados, mentirosos, corruptos e impresentáveis: será tudo isso anormal?

Com a urgência que o tempo nos pede, precisamos refundar certos valores que têm guiado nossos comportamentos, o que nos alimenta e que nos foi alimentado a partir do que herdamos, para, de posse de um melhor discernimento, assumirmos responsabilidades com tudo o que agora fazemos e, por conseguinte, vamos deixar como legado para as próximas gerações. Se, no passado, nunca foi aceito o sofrimento como norma, hoje, muito menos, deveria ser. Nossa sobrevivência e a do planeta andam juntas. Declaramos que toda vida é sagrada. Que ferir uma vida é ferir todo o universo. Garantir a dignidade da pessoa humana e os direitos da Natureza deveriam se tornar base central das regras em todas as sociedades. A paz entre as pessoas também pressupõe a paz com a Natureza. Somos hóspedes da Terra. Mantê-la sob cativeiro é uma grosseria inaceitável de nossa parte. Desse modo, mais do que nunca, precisamos lutar contra toda forma de humanicídio.

Estamos, conscientes ou não, atravessando o novo século com a explosão de inúmeras cruidades. Pelo conhecimento dos erros cometidos (assim compreendemos), já deveríamos ter superado a sobrecarga de antigos problemas. Ante a euforia das grandes conquistas tecnológicas nas diversas áreas do saber, difícil tem sido nos livrar dos horrores herdados em nome da ciência, da razão, da lei e da fé. Perigosamente, não diminuímos os conflitos bélicos, ao contrário: mais tensões são produzidas anualmente no mundo inteiro; logo, os que não estão em guerra se preparam para par-





ticipar ou iniciar uma. Líderes autoritários têm se multiplicado e, como um encantamento que beira a alucinação, multidões têm dado coro aos novos extremistas de plantão.

Quão lamentável é o número de pessoas passando fome em um mundo abarrotado de alimentos. Inconcebível (inominável) é dispormos de um Senado Federal que aprovou um projeto de lei (PL) – não por coincidência, é a mesma siga do Partido Liberal, expressão máxima da extrema direita fascista brasileira – que vai na contramão da conservação ambiental (às vésperas da COP 30 de 2025), ou seja, favorece a devastação das áreas pouco conservadas que ainda nos restam. Essa proposta, além de cruel, é uma insanidade monstruosa.

Concordamos com Morelli (1997, p. 539) quando disse (profetizando) que “o planeta não será mais contado em séculos ou milênios, se não houver respeito às fontes da vida e não se erradicar a fome e a miséria que se alastram por todos os quadrantes do mundo” e que “o pão comido sem ser partilhado é um pão maldito”. Temos visto o crescimento da egolatria, a diminuição da empatia, a gélida miséria do cinismo, o fracasso do amor, a preocupação com o efêmero e o declínio da pureza de atitudes sinceras. Tudo isso tem um propósito: a ruína da civilização.

Há, todavia, caminhos que têm sido experimentados por diversos coletivos (guardiões/ás da Casa Comum), provando que o zelo pela Natureza, a comunhão cósmica e a defesa da dignidade de cada pessoa são dimensões inegociáveis; apontando que, SIM, é possível criarmos uma fraternidade sem limites, instaurarmos o bem conviver entre os seres humanos com todas as outras criaturas, alçados de consciência, interdependência, reciprocidade e amorosidade universal.

Não buscamos, aqui, analisar problemas abstratos de ecologia teórica, política, paz social ou educação, tampouco indicar qualquer tipo de receita. As reflexões que se seguem pretendem, tão somente, aproximar-se de apelos mais pacíficos, de opções generosas que, de algum modo, conduzam-nos a vias serenas de comunhão com a vida, rumo a uma nova cosmogênese.







Uma coalizão pela educação

1





Se estamos tentando descer ao fundo dos problemas, uma pergunta se coloca à nossa reflexão: a educação que gerou o nosso mundo liberta ou escraviza?

Dom Hélder Câmara

Avontade altruísta deve imbuir os espíritos que anelam defender um propósito maior, além de cuidar de si mesmos: o de compor uma “coalizão pela educação cidadã; favorecer ações de não violência e fecundar cidadania planetária, em âmbito local/regional/internacional”.

Em primeiro lugar, qualquer busca pela verdade deve evitar anular outras concepções, inclusive as discordantes (a isso, chamaremos de espírito de finesse – fineza, finura, razão cordial, gentileza), livre de prescrições/cânones/prerrogativas/impositividades). Para o momento atual do Brasil, na tentativa de uma “nova unidade nacional” (apelo das mentes mais serenas à nossa volta), faz-se necessário: a) desativar o laço da ignorância e da arrogância – atrofiado no campo das instituições políticas; b) remover das entranhas pessoais a seiva da raiva – mal-estar de contendas intermináveis; c) superar a acidez do revide – gerador de conflitos gratuitos; d) retirar do coração toda violência em si, seja ela espontânea ou induzida; e) não subtrair os valores da justiça – pautados pelos direitos humanos, pela proteção à vida e pela diversidade das espécies; f) revigorar a consciência ética – diluindo o que estimula o egoísmo, a discriminação, o racismo ou rivalidades doentias; g) superar os limites do pensamento único e das certezas autoritárias, rumo à consciência universal – ser mundo e estar no mundo –, revigorando-se.

Onde houver o fracasso da convivência pacífica, que triunfe o valor da solidariedade edificante. Se fanatismos e cegueiras vingarem, faça-se valer a nobreza da cooperação pedagógica, promotora de boniteza geral. Que não nos esqueçamos da natureza terrena por um só instante e que possamos nos sentir unidos/as à comunidade dos seres criados para vi-





ver em paz. Agindo assim, haveremos de superar o sentido pervertido de conquistar, sujeitar e dominar a terra, e passaremos a fazer do hoje um contínuo alvorecer primaveril, lugar onde crianças, jovens e adultos viverão sem temer uns aos outros.

Todavia, um pequeno passo, não menos fundamental em torno desses propósitos, é o da convicção neles. Convicção vem de “vencer” dificuldades. Ampara-se no andaime da perspectiva o saber ver através de – um dos muitos significados nas coisas. Cada pessoa de boa vontade disposta a acolher dentro de si a necessidade de cooperar com a vida pode desenvolver o intento de sentir-se parte da mudança que deseja; torna-se, portanto, signatária dessa coalizão. E não precisa pensar complicado, tampouco recorrer a articulações irrealizáveis, nem carece agir movida por gratificações financeiras para a formação de equipes. Basta o aceite pessoal, livre das amarras do ego, e pronto! Não precisa concentrar poderes em grupos ou pessoas; mas somente entender que o agir humanista revela-se clara e suavemente na natureza cósmica – una e múltipla – de nossas diferenças.

Mas o que se busca com essa coalizão pela educação cidadã e cidadania planetária local/regional/internacional? Dialogar com a sociedade, acolher as necessidades do povo. Uma enorme quantidade de instituições, grupos ou organizações populares estão espalhadas no interior das cidades, em povoados, bairros, logradouros, mas, em grande medida, ainda pouco sintonizadas com seus entornos e reais apelos. Cabe a esses segmentos ouvir o clamor do povo e com ele dialogar (jamais impor) – demorada, pacífica e democraticamente. O diálogo nos unifica, a escuta nos liberta.

Cessar as batalhas. Compete-nos diminuir os conflitos ao invés de instigá-los; compreender que qualquer forma de exclusão é antinatural e distorce a vocação da civilização democrática, atrofia a via cidadã e a consciência planetária. Permanecer no duelo é estupidez. O caos e o cosmo renascem sempre; o diabólico e o simbólico se alternam. Um mundo criado pela engrenagem da ordem e acionado pela catraca da desordem não significa o fim. Nossa existência ainda há de se completar em sua plenitude.





A evolução que vivemos (lenta e processual) nos levará a descobrir o caminho correto do encontro com as diferenças e vibrar com a riqueza das identidades plurais, aninhados pela ética cordial. Sabemos que a mudança é, muitas vezes, lenta, árdua, difícil; ainda assim, perene, inelutável. As tentativas de retraimento fundamentalista e empreendimentos guerreiros precisam ser combatidas. Somos o escudo que deterá a guerra, a mão benfazeja contra a insanidade, a nova gênese avessa às destruições e aos retrocessos autoritários.

Nem um a menos no interior das escolas. A luta contra a evasão é uma questão cara à educação cidadã. Isso indica a necessidade de restaurar o espírito de responsabilidade e de solidariedade com o destino “comum” dos/as alunos/as; combater constantemente a presença das desigualdades, formas de exclusão e a ausência de oportunidades nas diversas fases da escolarização.

Ciência ao alcance de todos/as. Uma consciência elevada de pertencimento ao mundo oferece janelas de esperança, coragem de enfrentar dificuldades e discernimento na busca por respostas. Que a ciência guiada pela ética ganhe destaque no coração das instituições de ensino, atravesse os ambientes domésticos e promova a grande transformação por que reclamam, há séculos, as civilizações, numa gigantesca rede de diálogos.

Elevar a dignidade da pessoa humana, defender a condição feminina e a face materna da Mãe Terra. Seja de onde for, venha de onde vier, cada indivíduo carrega uma história, muitas vezes afetada por enormes dificuldades. Mas a trajetória de cada um/a não é só tragédia. A educação cidadã pensa no todo – humano –, não o fragmenta, nem o anula, busca a elevação dos valores, a evolução do caráter e a assunção integral da personalidade. Que a proteção à dignidade das mulheres torne-se um atributo inegociável de uma nova ordem social verdadeiramente justa e fraterna.

Que a defesa da Terra, combinada à proteção de seus sistemas ecológicos, torne-se parte indissociável da formação holística entre as crianças e, desde o terno alvorecer da infância, o cuidado com o Planeta, nossa Casa Comum, possa atravessar os sentimentos e projetos das futuras gerações





sob os cuidados dos laços maternos. Que a ética da responsabilidade ambiental se desenvolva e germine definitivamente – entre nós.

1. Saber viver a pujança do heterogêneo. O Brasil é um país pluriétnico, logo, uma educação cidadã deve levar em conta a grandeza das identidades culturais, com suas belezas e contradições. Saber reconhecer que a diversidade é um tesouro a descobrir, a matriz central da unidade humana. Viver na coesão e na solidariedade fará com que superemos as grades do individualismo e a visão que atrofia o caminho do reto agir rumo à amizade social anular-se-á completamente;
2. Acolher os diferentes. Sabendo bem conviver, dificilmente havemos de nos arvorar na destruição daquilo de que não gostamos. Educação cidadã não despreza o estrangeiro, muito menos irá temer o que considera estranho. Todo jovem precisa compreender melhor o valor dos diferentes e das diferenças; atentar para o etnocídio das pequenas populações, opor-se a modelos de comportamentos misóginos; não compactuar com qualquer forma de violência e agressão a mulheres, imigrantes ou marginalizados/as;
3. Realizar o sonho da cidadania planetária. Somos todos/as desafiados/as a manter viva a chama radiosa da via democrática e a cuidar da biosfera. Jamais devemos permitir que se esgotem os princípios da resiliência e do envolvimento fraterno, que fazem suscitar a maravilha da esperança, os valores da paz, o vigor da solidariedade e a grandeza da unidade nacional. Ninguém deve sentir-se feliz por destruir qualquer forma de vida (se não podemos dar vida, não temos direito de tirar vida alguma). Que a visão biófila se torne o modelo ético do agir individual e comunitário no seio das sociedades;
4. Suprimir do discurso educacional o vírus da discórdia gratuita. Que atravesse nossas consciências e instituições o eco da unidade e do enterneecimento;
5. Fortalecer laços de solidariedade com a sociedade. Tecer projetos nas áreas de extensão da saúde e amparo jurídico – junto às Casas de So-





corro Fraterno, principalmente nas grandes cidades, onde o número de moradores de rua cresce exponencialmente dia após dia. Deselitar o acesso a determinadas áreas de assistência, suscitando novos espaços de promoção humana;

6. Apoiar a economia solidária. Não se trata apenas de adquirir produtos, mas de compartilhar experiências e tecnologias com quem tem menos acesso (e tecnologias, as grandes universidades e os Institutos Federais têm bastante);
7. Eliminar as condenações prévias. Rejeição indiscriminada, xenofobia e racismos destrutivos devem dispor de espaços de audiências contínuas (observatórios de educação antirracistas) nas instituições de ensino, como forma de eliminar sua difusão;
8. Defender o Estado Previdência. Que a defesa dos mais vulnerados – em todos os níveis – seja como um documento inalterável e a grandeza de toda instituição se caracterize pela proteção de pessoas, grupos ou famílias mais frágeis, movendo-se por políticas inclusivas transformadoras, ações generosas e respeitadoras;
9. Instituir kits de leitura para estudantes, um programa de livro acadêmico nas mãos dos/as alunos/as, indistintamente. Isenção total no preço dos livros. Bônus-livros para quem os lê. Seria uma revolução no destino-fim da produção impressa e virtual de boas obras. Que maravilha seria, ao invés de horas nas redes sociais virtuais, vermos milhares de estudantes partilhando círculos de leituras, debatendo conteúdos temáticos – dentro e fora das salas de aula – em praças, áreas de lazer, abrigos, campos florestais, sítios, grupos coletivos. Irrealizável? Não mesmo!
10. Formação profissional e cuidado terrenal. Cuidando uns dos outros, protegendo a Terra, nossa Casa Comum, imbuídos de afetos, amorosidade e comunhão geral, haveremos de garantir a sobrevivência de todos/as e reinauguraremos o reino humano que, há muito, deixamos de





lado. A proteção do planeta nos salvará do Antropoceno e nos livrará do que há de pior em nós.

A coalizão pela educação cidadã e cidadania planetária alagoana/brasileira/mundial poderia estabelecer muitas outras e melhores metas, de curto e médio prazo. Quiçá, ajudar na reforma do pensamento antidemocrático e combater o desperdício de experiências, porque acreditáramos que um novo amanhã é possível. A coalizão não espera um mundo perfeito, mas crê num mundo melhor.



Salvaguardar a Universidade

2





Você será criticado se permanecer em silêncio, será criticado se falar demais e será criticado se falar pouco. De qualquer forma, será criticado.

Ensinamentos de Buda

Em geral, medimos a grandeza de uma instituição pelo tamanho dos resultados que gera ou pela força estrutural de seus impactos sociais. Com a universidade, não é diferente. Quantitativo de cursos, nível de satisfação, transformação promovida, investimentos, números de servidores e alunos a fazem se destacar – ou não – onde se encontra localizada. Os anos passam; seus “usuários” criam vínculos, deixam marcas, dão outros rumos às suas vidas, em geral, definidas a partir de situações que julgam dignas e merecedoras. São escolhas nem sempre livres – ainda assim, escolhas.

Quase todos advogam que o mundo atual, marcado por avanços tecnológicos inimagináveis e dilacerado pelas metamorfoses dos conflitos, é um mundo em crise. São vários os seus desdobramentos, dimensões e tensões. A universidade, não obstante, vive também a polaridade do presente e a intensidade das crises, isto é, “a crise global do neoliberalismo como modo de governar as sociedades” (Dardot; Laval, 2016, p. 27). Como a universidade perdeu, significativamente, espaço para outras formas de produção de saber e ocupa lugar secundário no âmbito das relações econômicas de muitos governos, ela se encontra no epicentro de um terremoto cultural de grande magnitude, sem conseguir formular as respostas – de que julga ser portadora. Seus departamentos, ainda com certo frenesi de gentes, não conseguem travar diálogos com a reciprocidade esperada, seja entre si ou com a sociedade envolvente. Todos “conhecem” os problemas, mas bem poucos encontram saídas.

Uma instituição que pensa para o povo – e não com ele – corre enorme risco de se tornar insuficiente e necessita, com urgência, recuperar o significado de sua função social. Por função social, compreenda-se: i) a





capacidade de sentir e colocar aquela dimensão profunda que falta às coisas compartilhadas no labor do cotidiano; ii) substituir a insuficiência do agir unilateral pelo princípio da corresponsabilidade mútua; iii) depositar verdadeira confiança nas mãos da comunidade local e envolvente; iv) experimentar a radical peculiaridade de cada situação humana naquilo que faz valer a pena todo instante vivido quanto aos empreendimentos que joga ser capaz de realizar. Mas muitos dirão: o que tem a ver a universidade, que é pura técnica, com responsabilidades para além de sua missão? É como misturar óleo em água? Diremos: técnica, poesia, comprometimento e cooperação são as mesmas coisas, força de uma única grandeza, partitura de uma mesma sinfonia – executada de muitas maneiras: a coragem de dizer e viver a verdade.

Quando professores e alunos não se entendem por estudarem de mais ou de menos, então se sabe que algo de ruim está acontecendo. Aqui, a lucidez de uma voz à frente de seu tempo pode nos auxiliar ao dizer o quanto é importante que “[...] a universidade readquira o seu papel de salvaguarda de valores permanentes que vêm correndo o risco de serem jogados fora, quando do necessário despejo de tabus intoleráveis. [...] É urgente que a Universidade cresça em sabedoria para contrabalançar os exemplos a que está levando a Técnica...” (Câmara, 1995). Por fim, a mesma voz faz uma generosa solicitação: “tenho a confiança de pedir-vos a criação de uma cátedra dos Transcendentais, isso é, das riquezas espirituais que ainda mais iluminarão a caminhada dos jovens...” (Dom Hélder Câmara, 1995, p. 58).

Urge acolher o sentido epistêmico anelado por Câmara (1995) se quisermos reconduzir a universidade para um novo início, pois um de seus piores inimigos é a falta de convicção em seu sentido político transformador, inúmeras vezes confundido com burocracia e assolado pela baixa resolutividade dos problemas recorrentes. Em grande parte, presenciamos repetidas cerimônias – espetáculos discursivos – nas searas dos eventos e cursos sem conseguir criar, verdadeiramente, cooperação intelectual entre os pares, re-





velando, sob pena de lamento, que cada um só tem em vista o seu próprio proveito, desconsiderando o bem maior da comunidade a que deve servir.

Certamente, tornam-se atuais (e se complementam às de D. Hélder) as palavras assertivas ditas por um dos maiores pensadores de todos os tempos, o físico e teórico alemão Albert Einstein (1878-1955), que defendeu uma educação em vista de um pensamento livre. Enunciava ele:

Não basta ensinar ao homem uma especificidade. Porque se tornará assim uma máquina utilizável, mas não uma personalidade. É necessário que adquira um sentimento, um senso prático que vale a pena ser empreendido, daquilo que é belo, do que é moralmente correto. A não ser assim, ele se assemelhará, com seus conhecimentos profissionais, mais a um cão ensinado do que a uma criatura harmoniosamente desenvolvida. Deve aprender a compreender as motivações dos homens, suas quimeras e suas angústias para determinar com exatidão seu lugar exato em relação a seus próximos e à comunidade. Estas reflexões essenciais, comunicadas à jovem geração graças aos contatos vivos com os professores, de forma alguma se encontram escritas nos manuais. É assim que se expressa e se forma de início toda a cultura. Quando aconselho com ardor 'As Humanidades', quero recomendar esta cultura viva, e não um saber fossilizado, sobre tudo em história e filosofia. Os excessos do sistema de competição e de especialização prematura, sob o falacioso pretexto de eficácia, assassinam o espírito, impossibilitam qualquer vida cultural e chegam a suprimir os progressos nas ciências do futuro. É preciso, enfim, tendo em vista a realização de uma educação perfeita, desenvolver o espírito crítico na inteligência do jovem. Ora, a sobrecarga do espírito pelo sistema de notas entrava e necessariamente transforma a pesquisa em superficialidade e falta de cultura. O ensino





deveria ser assim: quem o receba o recolha com um dom inestimável, mas nunca como uma obrigação penosa (Einstein, 1981, p. 29).

As palavras de Einstein nos levam a pensar em prioridades necessárias. Por isso, não podemos desistir de defender a universidade como lugar de possibilidades, onde pessoas diversas encontram horizontes e refazem certezas, constroem abrigo de esperança e rotas a ser (re)formuladas. Valores novos surgem quando se questiona a normatividade daquilo que nos mantém presos à falta de perspectivas (Makarenko).

Embora permeada por conflitos, a universidade pode ser empolgante, majestosa, elegante, acolhedora, ética, estética, brilhante, bonita, magnânima. Em grande medida, somente nela pulsam, com maior vigor, ideias que estimulam mudanças de atitudes e comportamentos. A universidade não deve morrer, porque a equidade e a participação jamais podem acabar. Todos os que defendem a causa da universidade sabem que precisam lutar contra as reformas não reformistas ou pseudorreformistas da perspectiva liberal em curso, que visa ao desmonte, à precarização dos serviços, ao estrangulamento financeiro e às dívidas inflacionadas, e compreendem que os/as professores/as contribuem para modificar suposições, valores e escolhas dos/as alunos/as, tanto pelo que dizem quanto pelo que deixam de fazer (Apple, 2002, p. 189).

A soberania intelectual de uma nação depende muito da existência da universidade. Defendê-la é condição indispensável para a construção de uma visão sobre a grande causa comum da humanidade: a harmonia entre os povos. Abraçando essa certeza, edificaremos um mundo melhor, numa outra ordem possível. Por isso, os três segmentos das universidades esperam sempre mais de seus gestores, das instituições, dos setores e da sociedade em geral – para além de discursos, eufemismos e jargões repetidos: esperam que não deixem a universidade morrer.



Defender a Democracia

3





Uma governança que funcione não se constrói com ódios. Exige uma visão racional do que pode funcionar, inclusive levando em conta as irracionalidades. Vamos resolver o drama da desigualdade e das migrações construindo um muro? Um condomínio cercado chamado USA? A realidade é que o sistema herdado, chamado neoliberalismo, já não cabe no mundo contemporâneo. O mundo precisa reinventar os seus caminhos.

Ladislau Dowbor

Vivemos momentos delirantes de polarização partidária no cenário brasileiro. Os políticos que abandonaram a reserva institucional – cujo percentual é expressivo – estimulam-se por extremismos e intolerâncias. Diversas lideranças religiosas que entraram em massa na política estão motivadas por valores vingativos e têm atacado danosamente as instituições, em nome de crenças insustentáveis e argumentos estapafúrdios. Táticas antes consideradas aberrantes e inadmissíveis, como “mentir, roubar, trapacear, intimidar” (Levitsky; Ziblatt, 2018, p. 185) e eliminar, agora ocupam um lugar proeminente na caixa de ferramentas dessa gente.

Civilidade política e reconciliação pós-eleitoral deixaram de existir na agenda extremista. Os insultos públicos e as mensagens ofensivas nas redes sociais vêm acompanhados por aumento do desvio comportamental, corrosão do caráter, perturbação das regras. É um pesadelo diário contra o sistema democrático, buscando-se, com isso, quebrar normas institucionais e levar as pessoas a desacreditar da democracia. Esse perigo não é hipotético, mas real.

As divergências de opiniões não podem ceder lugar a posições extremadas. Dispor de visão contrária é significativo e necessário dentro do espírito democrático. Negar ao outro a possibilidade de expressar visão divergente, ainda que se afaste daquela com a qual nos identificamos, só faz crescer ambientes de discórdias e relações antidemocráticas por todos os lados. O mundo das grandes metrópoles parece infectado por pensamentos





e ações sectárias. Quase sempre ninguém quer ceder ou recuar sobre as verdades que carrega, julgando-as únicas, necessárias ou melhores. E, numa terra de cegos, onde quem tem um olho é rei, o olho por olho levará todos/as à cegueira, como dizia Gandhi.

Décadas já se passaram, mas ainda não compreendemos suficientemente que estamos ligados uns aos outros, razão suprema da vida em sociedade. Somos elos da grande família humana – luz da mesma luz –, e não rivais de lutas mortais. A natureza de algumas estruturas que criamos foi projetada para alçar níveis melhores de convivência e sobrevivência. O tempo social, conforme sabemos, trouxe aperfeiçoamentos e também desequilíbrios. Instados, pelas necessidades, à vida em grupo, alimentamo-nos entre rivalidades e acordos, antagonismos e consensos. Nossa caminhada na construção de relações menos conflitivas é ascendente/decadente; não obstante, nunca acabada. Milhares de anos transcorridos e ainda estamos aprimorando retratos democráticos de um viver decente. Haveremos de logo alcançá-los? Não sabemos, ainda que os fatalistas queiram nos fazer descrever dessa perspectiva.

Aspiramos, de modo geral, a um “modelo” de sociedade integral, radicado pela defesa cordial de toda vida na Terra. Assertivamente, diz Leonardo Boff (2023, p. 93):

Todos nós temos a ver com uma democracia total que inclui seres humanos e todos os demais seres que conoscemos participam da existência dentro da mesma Casa Comum. Tudo o que existe e vive merece existir e viver. Todos eles devem ser respeitados, pois possuem sua autonomia e seu modo de inserção no todo social.

Nessa compreensão includente de mundo, não cabe a continuação de explorações, violências, injustiças, corrupção, mentiras, negação dos direitos daqueles/as mais fragilizados/as ou mesmo a impiedosa destruição





dos ecossistemas naturais proporcionada pelas classes dominantes e a cultura do descarte em que nos inserimos.

Reconhecemos que muitos países, assim como o Brasil, encontram-se fraturados por divisões, conflitos, rivalidades, tensões políticas ou crises financeiras. Mais do que nunca, faz-se urgente recuperar o princípio da cooperação e enterrar, de uma vez por todas, a orientação necrófila, geradora de exclusão, tensões, instabilidades e mortes.

Por isso, de suma importância é o papel a ser desempenhado pelos representantes eleitos através do voto popular. O lugar que ocupam, mesmo cruzado por posições antagônicas, não é um *front* permanente de luta a favor da derrota do outro. Lamentavelmente, o Parlamento brasileiro se transformou numa rinha de anulação do outro e mentiras demolidoras. Interesses escusos dos mais torpes têm se sobreposto às necessidades da nação.

Em verdade, não é todo/a parlamentar que viola as regras básicas do decoro; todavia, é vergonhosa a forma como grande parte deles/as utilizam o microfone da tribuna na apresentação e na defesa de propostas estapafúrdias. Felizmente, não aconteceu nenhuma fatalidade – por ser proibido, inclusive à bancada da bala, usar arma de fogo no interior do plenário de votação.

Aqui, bastante atual, cabe lembrar uma antiga cobrança dirigida aos políticos pelo memorável Dom Hélder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife, que nos ajuda a entender o lugar da ação parlamentar e o cuidado com aquilo por que se deve velar. Proclama ele:

Ofenderíamos a memória de figuras do nosso Parlamento, grandes por sua lucidez, ainda maiores por sua bravura cívica, se nos faltasse ânimo de, ao menos, manifestar a esperança e o anseio de ver o Parlamento, reintegrado em suas imunidades, não, evidentemente para acobertar abusos de Parlamentares indignos, mas para tomar possível a inalienável missão política de em nome do Povo, exercer sua função crítica para





com o Executivo, denunciar injustiças e opressões, velar para que o modelo de desenvolvimento adotado, oficialmente, importe no desenvolvimento integral do homem (mulher) brasileiro(a) e de todos os brasileiros(as), em lugar de ser enriquecimento desmedido de grupos privilegiados, altamente ligados a macro-empresas, multinacionais, e isto, como sempre, ao preço da proletarização de massas mais amplas do nosso País (Câmara, 1995, p. 76).

Quão extraordinário seria dispor de plena confiança na ação parlamentar e sentirmo-nos identificados com pautas e projetos advindos ou em sintonia com nossas principais necessidades. Mas o que prevalece, em regra, é uma total ruptura da prestação de serviços em defesa do bem comum e um sentimento de profunda traição ao povo. A configuração de forças no Legislativo é o espólio torpe da sociedade autoritária que herdamos.

Há pouco mais de uma década e meia, com a ascensão de partidos da extrema direita, a polaridade saudável do jogo político limpo deixou de existir. A civilidade perdeu lugar para a barbárie. Particularmente, a Era Bolsonaro (um ex-presidente com pouquíssimo escrúpulo, baixíssima reserva moral e sem cautela) tem sido responsável pela maior catástrofe da democracia brasileira dos últimos anos. Bolsonaro instaurou a visão política como guerra, transformando seus adversários em inimigos em vez de rivais.

A implacabilidade sectária se manifesta em várias frentes dentro do Parlamento. O respeito à norma da tolerância mútua é rasgado, dia a dia, pela disposição gratuita em se obstruir o trabalho do Legislativo, encontrando andaiame nas presidências das casas – laços de apoio e conluio que favorecem a atual animosidade partidária.

O Congresso Nacional se tornou arena mista de conflitos abertos. Atualmente, dispõe de uma legião de agentes impregnados de intolerância sectária, desde extremistas esdrúxulos, golpistas de plantão, falsos moralistas e corruptos de carteirinha a vigaristas da Bíblia, figuras brutalmente anti-





democráticas. O lema é sempre dividir, nunca unificar; agem despudoradamente em todas as frentes temáticas. Esses agentes, demagogos extremistas, autocratas eleitos, gerenciam – em seus laboratórios de autoritarismo, gabinetes de ódio – um projeto de sociedade dividida, cuja visão de mundo tenta sedimentar a incompatibilidade entre cidadania e pluralidade ideológica.

Em grande medida, a falta de senso de decência política promove o processo de erosão das normas democráticas vigentes, como temos presenciado no seio da comunidade nacional. Lembra-nos Schwarz (2019, p. 19; 24; 39): “Naturalizar a desigualdade, evadir-se do passado, é característico de governos autoritários que, não raro, lançam mão de narrativas edulcoradas como forma de promoção do Estado e de manutenção do poder”. Nisso, é fundamental não esquecer que

desde o período colonial, passado pelo Império e chegado à República, temos praticado uma cidadania incompleta e falha, marcada por políticas de mandonismos, muito patrimonialismo, várias formas de racismo, sexism, discriminação e violência. Aliás, enquanto persistir o racismo, não poderemos falar em democracia consolidada (Schwarz, 2019, p. 19; 24; 39).

Diante desse cenário, faz-se necessário recuperar o princípio da tolerância mútua, isto é, a ideia de que, enquanto nossos oponentes “jogarem pelas regras institucionais, nós aceitaremos que eles tenham direito igual de existir, competir pelo poder e governar. Podemos divergir, e mesmo não gostar deles nem um pouco, mas os aceitamos como legítimos. [...] tolerância mútua é a disposição dos políticos de concordarem em discordar” (Levitsky; Ziblatt, 2018, p. 114). A tolerância mútua se apoia nas normas de reciprocidade que envolvem comedimento no uso do poder, sem antagonizar demasiadamente o oponente, pondo em perigo futuras cooperações (Levitsky; Ziblatt, 2018, p. 132).





Levitsky e Ziblatt (2018, p. 33-34), alertando eleitores e partidos políticos, nos Estados Unidos, sintetizam quatro perspectivas que orientam demagogos e extremistas de plantão:

Rejeitam, em palavras e ações, as regras do jogo (se opõem à Constituição ou expressam disposição de violá-la; tentam minar a legitimidade das eleições, recusando-se, por exemplo, a aceitar resultados eleitorais dignos de créditos; 2) Negam a legitimidade de oponentes (descrevem seus rivais como subversivos ou opostos à ordem constitucional existente; afirmam que seus rivais constituem uma ameaça, seja à segurança nacional ou ao modo de vida predominante; 3) Toleram e encorajam a violência (patrocinam ou estimulam seus partidários a ataques de multidões contra oponentes; endossam a violência de seus apoiadores, recusando-se a condená-los e puni-los de maneira categórica; elogiam atos significativos de violência política no passado ou em outros lugares do mundo; 4) Dão indicações de disposição para restringir liberdades civis de oponentes, inclusive a mídia; apoiam leis ou políticas que restringem liberdades civis, como expansões de leis de calúnia e difamação; elogiam medidas repressivas tomadas, por outros governos, tanto no passado quanto no presente.

Qualquer semelhança com a realidade brasileira não é mera coincidência.

Quando nossas lideranças se recusam cumprir eticamente suas responsabilidades políticas, a democracia corre perigo e a nação passa a flertar com as loucuras dos demagogos e sectários oportunistas. Contra extremistas violentos, é preciso que os partidos organizados – guardiões da democracia – impeçam sua ascensão. É praxe dessas figuras incitar o uso da violência e exibir explícita desconsideração pelas normas cons-





titucionais vigentes. Obstar demagogos e escolher democratas é sinal de maturidade política.

Em um passado recente de processo eleitoral, a nação brasileira escolheu – democraticamente – para presidente um personagem de temperamento inconsequente, minguada capacidade técnica e baixíssimo discernimento intelectual para assumir o principal posto da política nacional. Seu principal projeto foi descarrilar a democracia, o que, em grande medida, conseguiu com êxito. O verniz da legalidade lhe ofereceu condições de mandato. À sua volta, um conluio de autoritários fascinados pela violação das regras não poupou esforços para alterar as normas básicas de civilidade e cidadania.

Por isso, é preciso guiar nossos sentidos pela coragem de defender a verdade e a confiança no Estado democrático, lastrando-nos à luz da razão e dos valores que nos unificam. Os ideais de justiça, compaixão, amor social, educação e cidadania planetária não podem ser abdicados, pois já ultrapassamos o tempo de nossa história em reconhecermos que há somente um destino comum; de que dispomos de uma mesma Terra e que, não obstante, somos parte de uma única família humana. Isso implica sentirmo-nos corresponsáveis pelo bom êxito desse destino.

A extrema divisão partidária arruina a democracia; daí, a necessidade de uma coalizão pró-democracia ser tão urgente, conforme preconizou Ulisses Guimarães em meados da década de 1980. Isso nos leva à busca de mitigar a inimizade sectária no País e reconduzir caminhos para a amizade social como principal força motriz de defesa de valores democráticos.

Não podemos nos agarrar aos momentos de catástrofes para, só então, promover mudanças. O agir preventivo funciona como salvaguarda de normas institucionais. É urgente a presença de lideranças capazes de reduzir animosidades partidárias e que consigam afastar perspectivas extremistas e sectárias do jogo político.





Comunicação Não Violenta

4





Empregar o nome da não violência quando existe uma espada em vosso coração é, não somente, hipocrisia e desonesto, mas, ainda, covardia.

Gandhi

Se formos guiados pelo amor verdadeiro, venceremos o ódio.

[...] a paciência é o antídoto mais potente para a raiva, a satisfação para a ganância, a coragem para o medo e a compreensão para a dívida.

Dalai Lama

Razoavelmente, todos os adultos compreendem: somos suscetíveis a amar ou odiar; erguer a taça da bondade ou empunhar a espada da dor; geramos empatia e promovemos indiferenças. Em geral, o que produzimos serve para o bem ou para o mal, para nutrir a vida ou destruí-la. Estima-se que, somente no século XX, foram chacinadas mais de 200 milhões de pessoas em todo o mundo.

Não temos dúvida: pelo caminho do discernimento, haveremos de nos encontrar, outra vez mais, sentados lado a lado, na grande mesa da partilha comum, movidos/as pelo mútuo afeto, sentindo-nos parte indivisa da grande família humana. Quem combate o mal com o mal nunca encontrará o bem. O desamor deve ser vencido pelo amor em qualquer circunstância, tempo ou lugar. Alojar no coração o azedume do revide só faz crescer ambientes de ódio, epidemias de violência, detritos de ignorância e chagas de dor. Faz-se necessário que edifiquemos nossas instituições, revestindo-as com princípios imperecíveis, ornando-as com entendimentos de justiça, dignidade, unidade sincera e cooperação gratuita.

À nossa volta, ombreamos com pessoas modificadas superficialmente, imbuídas de hostilidades e formas danosas de pensar a vida; indivíduos assim, por milênios, enxameiam a humanidade. Urge, mais do que nunca, fazer crescer cidadãos/ás amorosos/as, capazes de erguer um mundo acolhe-





dor, coberto de paz, cujo sentimento de pertencimento à comunidade terrenal seja atravessado de resiliência e comunhão sem fronteira. A fraternidade geral, ainda que equidistante, é um sonho sublime, imperecível, real e possível de uma humanidade verdadeiramente emancipada. Por isso, cabe-nos, a cada dia, exonerar os detritos da maldade que se alojam em nosso meio.

Que a paciência, a serenidade, a empatia, a alegria e a paz presidam o campo doméstico, e não sejamos hostilizados com tempestades de discórdias, nem afetados por raios de desarmonias destrutivas. O tempo dos que propagam mentiras e *fake news*, disseminam ódios, medos, fundamentalismos e teorias da conspiração haverá de acabar. Mergulhemos os sentimentos no domínio da lucidez e ela nos dará o entendimento mais sensato de tudo, como sinal de um novo *ethos* humano.

Ora, se um simples disjuntor é capaz de iluminar um enorme salão, imagine o que não pode proporcionar o pensar pautado pela justiça cordial e a compaixão acolhedora? A pessoa que busca a justa medida age pela correta vontade; realiza em si a caridade fraterna; anela para todas as criaturas proteção divina/terrenal e fulgura em seu pensar os sentidos do poder inegoísta. Por isso, o reto pensar significa recuperar a sã razão, vítima dos mais variados obscurantismos políticos e ideológicos contemporâneos.

Neste momento, em um mundo de perversões não inibidas, onde os sadismos ganham força em expansão quantitativa, em que tiranias béticas se espalham, envenenando nações mais frágeis, é preciso acreditar no rigor ético, com toda a radicalidade freireana, para reverter a ausência de testemunho à verdade e a incomensurável falta de decência entre os seres humanos.

Praticamente todos os governos revezam-se em pautas e programas artificiais, sem uma clara relação com as necessidades do povo, especialmente o mais pobre. Vivemos o triunfo da ciência sem sabedoria promovendo um rastro de escravidão num mundo cansado de esperar por um melhor sentido para as coisas. Dizia, décadas atrás, Tomas Merton (1967, p. 14):





Os problemas das nações são problemas de pessoas mentalmente perturbadas, aumentados, porém, milhares de vezes porque têm a plena aprovação de uma sociedade esquizoide, de estruturas nacionais esquizoides, de complexos militares e de negócios esquizoides e, será preciso acrescentar, de seitas religiosas esquizoides. Estamos em guerra conosco.

Sob um turbilhão de problemas estruturais e políticos, o Brasil nunca precisou, escreveu Freire (2022, p. 114-115), “tanto quanto hoje, de mulheres e de homens progressistas, radicais, sérios, engajados na luta pela transformação da nossa sociedade e testemunhando ao povo seu respeito por ele” como nos dias atuais.

Grandioso é quem sai sem saber para onde e, mesmo assim, realiza os desígnios da cooperação sem fronteira. Talvez nosso grande problema seja este: não degustar ou perceber a presença viva da paz, da comunicação não violenta nos muitos momentos, com todas as criaturas, sentir-nos unos na indivisa comunhão cósmica.

Mergulhados no oceano da mente pacífica, que se expressa na face visível dos mais sofredores, poderemos dizer: deixamos para trás o pântano da divisão, abolimos o cativeiro das opressões; estamos, pois, instaurando o planeta da igualdade, da solidariedade e da comunhão geral. Porém, para não cairmos numa vontade telúrica, superficial ou mesmo irreal, será prudente travarmos o combate à violência, pois ela, de acordo com Merton (1967, p. 22), “é essencialmente muda e só pode ter início onde o pensamento e a comunicação racional falharam”.

Qualquer sociedade, argumenta o autor, “aparelhada para a ação violenta é, por esse mesmo fato, sistematicamente irracional e muda”. Logo,

[...] o pensamento não é estimulado e a troca de ideias é evitada como sendo cheia de toda espécie de riscos. As palavras são reduzidas ao mínimo, pelo menos quanto à variedade e ao conteúdo, embora possam





derramar-se em cataratas sobre a multidão armada; são apenas um ruído organizado e sem sentido, destinado a obstaculizar o pensamento e facilitar a violência, inibindo todo desejo de comunicação com o inimigo por qualquer forma a não ser pelo impacto destrutivo (Merton, 1967, p. 22).

Que nosso corpo abrigue a bandeira da vida e dele se afastem os laços que produzem dor, sofrimento e opressão. Que nosso sangue fecunde a semente do amor, compartilhando a paz onde quer que estejamos. Desse modo, tomados pela luz do discernimento, alcemos encontrar sabedoria nas tarefas exitosas e não exitosas do dia a dia. E que, nos braços da Mãe Terrena, encontremos a suave alegria ao chegar o dia da grande fraternidade geral.

Sem prender-se. Sem revelar-se. Sem impor-se. Sem alarido. Sem reconhecimento. Sem prestígio. Sem fortuna. Sem apego. Sem vantagem. Sem glória. Sem expectativa. Sem paga. Sem moeda.

Se pudermos sentir dessa maneira, poderemos viver desse modo.





Somos Desenhos de uma
mesma Imagem

5





Todo ser é uma lamparina acendida de outra. A intensidade da luz não modifica sua natureza. Somos todos da mesma Luz.

Aceitar a singularidade de compartilhar o destino que nos une no mesmo intercâmbio genético há mais de 30 mil anos faz uma enorme diferença no momento atual, com o afloramento das tensões inter-raciais e o crescente belicismo internacional. Certamente, uma das coisas mais estranhas que persiste entre nós é deixar de reconhecer, ou insistir em não querer entender, o lugar da singular disposição que cada grupo ocupa na nossa comum história evolutiva.

Eclodimos de um tronco único, diferenciando-nos tão somente por diversidades periféricas, formando uma extraordinária rede de conexões permanentes. As geografias não representam sequências de separações, mas revelam justamente o contrário: o quão magnífico foi, e continua sendo, o processo de migração planetária, origem da atual distribuição de genes na população humana, conforme argumentam vários estudiosos do tema.

O ser humano é a grande síntese da unidade entre tempo, espaço e matéria, urdido pela multiforme família de línguas, profusão realizada por nossos ancestrais desde o Paleolítico. Nesse sentido, cada um/a deveria sentir-se cocriador do cosmo, membro especial de povos que se interpenetram através do tempo. O repertório de genes de que dispomos é igual em todas as populações, independente de diferenças étnicas, políticas ou culturais; noutras palavras, as pessoas carregam o mesmo gene, não importa com qual cor se identifiquem.

Somos rasura de uma uníssima imagem, perfeitíssima síntese de unidade na diversidade. Cada ser humano traz consigo a maravilha de um cérebro: 100 milhões de neurônios conectados a 10 mil outros, com seu milhão de bilhões de sinapses. Sem dúvida, é o que há de mais completo no processo evolutivo da espécie *Homo sapiens*. Todavia, as consequências do agir também nos definem.





Porquanto, um sólido discernimento ético (à luz da ecossolidariedade terrenal) favorecerá o crescimento da consciência amorosa, base ontológica da edificação de um mundo mais harmônico, possível e necessário. Nisso, é fundamental permitir-se ser sujeito de intercâmbio salvívico, isto é, unir-se aos que lutam para evitar o aumento exponencial das desigualdades; não se alinhar aos que geram tensões, ampliam rupturas, favorecem catástrofes, acirram conflitos, provocam guerras, produzem escassez e destroem vidas. Opor-se ao tempo presente, atravessado de dissensos inconciliáveis, é uma opção política fundamental.

O modelo econômico neoliberal do mercado financeiro instado por lucros e desigualdades não traz novidade alguma e já provou ser um desastre contínuo. A lógica econômica predatória que se julga imaculada tem realizado a corrosão do frágil tecido social, desenvolvendo rupturas e crises alternadas em quase todas as sociedades. Logo, faz-se necessário deixar de reproduzir a pegada compulsiva do hiperconsumo de sociedades mais ricas, elites financeiras e grupos abastados.

Sem claudicar nossos desagradáveis comportamentos, dirigidos pelo frenesi do descarte irresponsável, haveremos de tornar a Terra inabitável e mais doente do que já está; hoje, dispomos de sinais visíveis de que a herança a ser deixada às sociedades vindouras será catastrófica. Devemos, não obstante, atentar para tudo aquilo que destrói os laços de solidariedade e cooperação; abrigar no coração, outra vez, a boniteza de viver sob o sentido profundo de paz, desvelo e esperança, com a certeza de que podemos mudar de rumo.

Superar a crise de percepção hodierna, assumindo que somos elos de um processo evolucionário de 15 bilhões de anos, imersos na grande teia de relações da vida, que nos fez e faz o que somos, é algo magnânimo. Devemos, portanto, ir além da consciência de classe, que advoga interesses específicos, rumo à consciência de espécie e do planeta, compreensão que nos levará à ideia da uma mesma identidade terrenal, planetária e inviolável. Necessitamos defender – como precioso bem coletivo – a camada de





ozônio, com seus poucos milímetros de espessura, que, tão benevolente-mente, nos protege contra os raios ultravioleta. Sua destruição é um crime contra o futuro da humanidade.

Nisso, é fundamental assumir que somos parte de um ecossistema de permutas e causar seu desequilíbrio ou eliminação por extinção absoluta é uma bárbara insanidade egoísta de nossa espécie. Acreditamos ser fundamental ampliar uma coalizão de pessoas, em todos os grupos, sociedades e organizações, unidas por valores decentes, princípios éticos e ações enobrecedoras que as levem, dia após dia, a galgar uma nova ordem social, benfazeja, acolhedora, esperançosa, amorosa e fraternal. Não podemos olvidar: somos a face visível do mistério do mundo; possuímos uma mesma natureza bio-físico-química e partilhamos o mesmo destino cósmico. Nessa perspectiva, não podemos esquecer o quanto importante é o discernimento da consciência coletiva acerca da unidade de nossa espécie integrada às outras.

Como um duro golpe no estômago, presenciamos sublíderes de partidos políticos oferecerem à sociedade, repetidamente, um arsenal de tolices, agirem inapropriadamente e furtarem-se dos juramentos éticos que fizeram. Chega a ser inacreditável aceitar que tais pessoas disponham de *status* de representantes públicos. Uma legião de despóticos governa a agenda global em todas as nações. Aos milhões, as camadas mais desfavorecidas economicamente vivem espezinhadas, sob o jugo de tiranos, em muitos casos, por elas mesmas escolhidos.

Há uma profunda e grandiosa diferença entre aqueles que vivem a fé por pura demonstração caricatural, o que comumente chama-se de religiosidade do espetáculo, e aqueles que a dispõem como um dado nobre da graça divina. Para muitos, ainda falta viver em razão do fundamento e do motivo das obras em si, e somente quando se esquecerem do que fazem, anelam e julgam mais correto, compreenderão o mistério da vida.





Abrir espaços no caminho da confiança mútua, às vezes, não é nada fácil; porém, é necessário, se queremos melhorar o sentido de cada instante de nossa existência. Por isso, torna-se urgente:

- Ser tomado pelo diálogo respeitoso no plano das relações interpessoais;
- Encontrar harmonia consigo mesmo e com os outros, sentindo que cada ser é querido e necessário;
- Favorecer o entrelaçamento significativo da vida pessoal, familiar, de trabalho, comunitária, de identidade nacional e de congruência cósmica;
- Saber que alguns caminhos serão vividos somente uma vez, então que se possa vivê-los em plenitude, resultando na busca por veredas mais leves e flexíveis;
- Compreender que a marcha da cidadania ambiental é um horizonte de escolhas pedagogicamente dinâmicas, potencialmente criadoras, poeticamente necessárias e profundamente relacionais;
- Dispor da certeza de que somos “desenhos de uma mesma imagem”.



A Regeneração Necessária

6





[...] é mais importante para a sobrevivência da humanidade ter consciência de nossas afinidades do que enfatizar constantemente o que nos divide.

Franz Alt

Muito já se falou das fontes que tornariam possível a regeneração necessária da vida humana no planeta; da unidade que forja ideias libertárias e compõe o sentido de igualdade, justiça e paz; do melhoramento das relações interétnicas realizado pelo êxito da cooperação indistinta entre grupos historicamente rivais; do desejo de superação da ordem econômica vigente, excludente, violenta, intensamente injusta, que o capitalismo voraz faz valer e prevalecer; do fim das tensões bélicas e do alvorecer de uma cultura da paz forjada pela amorosidade indistinta. Acrescenta-se a essas a fonte ecológica, tão bem observada ao longo dos anos por grandes cientistas e revelada pelas antigas tradições dos povos originários.

A evocação ecológica é a consumação de forças, energias e sinergias; dela, tudo sai e a ela, tudo retorna. Quão magnífica é a força da Natureza, da querida Mãe Terra, que acolhe gentilmente, todos os dias, os raios do sol como fonte benfazeja de energia perene, sem reter nada para si; suavíssima é a amabilidade das estrelas e da lua sobre nós, lembrando-nos, constantemente, de que somos seres interdependentes, coevoluídos, há milhões de anos, de uma grande poeira vital.

É impossível descrever a flutuação da luz das árvores, a fragrância dos jardins primaveris, o murmúrio dos riachos, a alegria dos pássaros, a exuberância das flores ou a sinergia dos insetos, que dão vida a tantas formas de vida. Seria demasiado difícil, ante a desintegração das mais básicas necessidades de vida no planeta, solicitar, mais uma vez, que todas as pessoas possam – solidariamente – superar o abismo da maldade e aprendam a (con)viver no mesmo espaço vital?





Saber que o horto interior de bondade, benquerença, amor, reconciliação e perdão incondicional nos fará andar novamente sob a luz da verdade não tem preço. Compreender que o próprio coração da Terra bate em cada um de nós é lago magnânimo. A regeneração necessária abrirá a trilha suave do respeito às diferenças, conduzindo-nos pela via da tolerância. Havemos de nos livrar das humilhações públicas, das ofensas grosseiras, da covardia dos intimidadores, das gozações gratuitas, das mentiras compulsivas e da demência dos que justificam as guerras.

Há mais de 35.000 anos, desde a identificação do *Homo sapiens*, sabe-se que os humanos possuem o mesmo sistema nervoso, com as mesmas capacidades de abstração e síntese, mas parece que, agora, sentimo-nos como se fizéssemos parte de outra humanidade, destruindo, lamentavelmente, a bonita humanidade primitiva que nos fazia melhores humanos. Aqui, não se almeja uma coalizão irreal, tão menos a formação de pactos que jamais sairão do papel. Talvez o mínimo – a regeneração necessária – passe pela reforma do pensamento, uma “insurreição das consciências”, fecundando o ideal da educação planetária, atravessada pela cultura da paz. Ou, precisamente, dispormos de

uma nova política do querer-viver e do reviver, a qual nos arranke da apatia e da resignação mortais. Essa política do querer-viver assumirá a fisionomia de uma política do bem-viver. O querer-viver alimenta o bem-viver, o bem-viver alimenta o querer-viver. Juntos, um e outro abrem o caminho da esperança (Morin, 2012, p. 61).

Com o triunfo da esperança, os conflitos serão superados pelos meios não conflitivos do querer viver e do bem viver, de modo que toda forma de egoísmo, sofrimento e dor possa retroceder definitivamente no meio de nós.

Acima da confusão reinante, há de se fazer valer a fonte benfazeja da reta ação, da justa medida, do caminho do meio e outros percursos





holísticos capazes de colocar o testemunho da própria vida como amostra franca para outros processos, lógicas e “métodos”, ante aqueles/as que sequer cogitam seu valor.

É patente como muitas coisas estão em rota de uma grande colisão destrutiva, rumo à autodesagregação social. Daí, a urgência de não continuar a se permitir que a falência do pensamento se consuma à nossa vista, abdicando da reflexão necessária que possa orientar propósitos verdadeiros entre as pessoas; eleve condições ambientais saudáveis para todos os seres; abra caminhos de desenvolvimento sem destruição e gere unidade de orientação cultural entre as nações. Destarte uma concepção integral de mundo parecer ser bem utópica, como sóis fixos, ela não faz parte da compreensão da realidade atual.

Hoje, fala-se muito, mas não significa que se pense muito. Ideias sem meditação de ideias não geram coisa alguma. Quando o espírito que fala deserta do espírito que pensa, só lhe restam balbucios bucólicos daquilo que há muito tempo dele foi tirado. Fica claro que o alimento mental para se contrapor às formas de estupidez reinante anda escasso. Semelhante a um campo arado que está à espera de novo replante, que possa oferecer frutos e nutrientes a fim de vigorar a vida, dar forma ao tempo e som ao vento é o estado de fome intelectual em que nos encontramos na hora presente. Para agravar ainda mais essa situação, a estrada larga do senso comum tem recebido todo tipo de poluição e morte.

Quer queiramos, quer não, é preciso buscar o sentido da vida e encontrar o simples no profundo, a força dos mais fracos, a esperança dos que resistem. Carecemos de corrigir a falência do pensamento ante o perigo iminente dos extremismos de plantão e não permitir dormir a sentinela interior que deve nos manter lúcidos/as da insensatez que afeta o discernimento acerca das coisas. Bem faz ao espírito afastar-se da fantasia espirituosa das atuais pregações religiosas (igrejas de exorcismos, espetáculos e enormes contas bancárias), pois, como um carro desgovernado ladeira





abaixo, perdeu-se o sentido da razão e sujeitou-se às forças obscuras de fraco significado. São influências solapadoras de mudanças para pior.

É preciso separar a miopia utilitarista da vida religiosa se se quer realmente viver em comunidade de fé. Deturpar o teor do texto sagrado e, nele, cravar interesses que justificam o modo de agir, pensar, sentir e desejar tem sido algo frequente entre os fanáticos públicos de crenças religiosas. Egoísticas agremiações de interesses têm se multiplicado escandalosamente em todos os lugares. Arrastada pela voragem da decadência cultural, uma agremiação religiosa que pretenda edificar uma comunidade sem fundamento ético promove, tão somente, atração direta às vantagens das preocupações meramente imediatas. Jamais irá imprimir outro espírito à atmosfera de seu grupo.

Ideias gastas de texto sagrados (fora de contexto que viram pretexto) não salvarão a humanidade, já dragada pela renúncia a pensar e reformar o pensado. Os maus pregadores não são pensadores; no mais, são em espírito, vagos, superficiais, arrogantes, débeis e incultos. Neles, inexistem ideias profundas, porque são incapazes de sair de onde deitaram âncora.

Não obstante, sem uma concepção de mundo, dificilmente podemos realizar a regeneração necessária. Ou seja, “viver sem uma concepção filosófica da vida representa um distúrbio patológico do sentido de orientação” (Schweitzer, 1959, p. 102). Se nos acercarmos de um estéril intelectualismo que compromete a capacidade de entendimento coletivo ante as coisas, insipientes e insignificantes tornam-se, portanto, os motivos que a reflexão sobre a concepção de mundo oferece.

Essa autorreflexão no tocante aos derradeiros e fundamentais fatores que decidem a existência de cada um/a é o único aferidor de valores que merece fé. A minha atividade e o meu querer só serão realmente valiosos na medida em que os objetivos que servem de base às nossas ações possam justificar-se diante do sentido que dou à minha vida e à vida dos de-





mais. Tudo o mais, seja ainda o assunto mais digno de apreço possível pela tradição, pelos costumes ou acatamento público, não passa de uma aspiração fátua e perigosa.

Quando na primavera a cor pardacenta cede lugar ao verde que desponta dos campos, assim acontece porque milhões de brotos novos surgem das raízes. Assim também a renovação das ideias para o nosso tempo de outro modo não poderá vir senão pela transformação que muitos e muitos possam operar nos seus propósitos de vida e do mundo (Schweitzer, 1959, p. 102-103).

O atual modo agressivo dos que se acercam da bandeira descolorida do patriotismo é escandalosamente bárbaro. Pregar separações e guerras não é patriotismo, e sim a mais grosseira forma de incitar anomia geral. Num tempo em que sofrimentos coletivos, arrasamentos de recursos naturais e demências psíquicas se alastram em proporções nunca dantes vistas, urge encetar esforços para a recondução dos valores necessários à vida em função da defesa das muitas vidas; isso é o que se anela com a regeneração necessária com a qual nos identificamos.

Haveremos, pois, de ver um novo céu e uma nova Terra, não como uma expressão de renovação messiânica, mas como perspectiva realista de que, um dia, toda a Terra será renovada, cuidada, protegida e amada, e nenhum filho/a da mesma terra terá sua dignidade ferida, machucada, espezinhada – por quem quer que seja.





Cultura De Paz

7





Derrote a ira com a arma da paz, derrote o mal com a arma do bem. Derrote o ódio com a arma da generosidade e derrote o mentiroso com a arma da verdade. Cuide da ira do corpo, seja seu dono. Cuide da ira das palavras, faça que digam a verdade. Cuide da ira da mente, domine os pensamentos.

Ensinamentos de Buda

Atribui-se ao historiador Alfred Weber (1868-1958), economista alemão, sociólogo, historiador e teórico da cultura, irmão do famosíssimo Max Weber (1864-1920), a afirmação de que, dos 3.400 anos de história humana documentada, 3.166 foram imersos em sucessivas guerras acerbas. Os lânguidos 234 anos, ainda que de acordos temporários, foram de uma paz efêmera, com tréguas esporádicas que ajudaram, tão somente, a preparar e incentivar outras guerras.

Bruno – introduzindo o texto de Kant *A paz perpétua* (2020, p. 7) – argumenta, de modo semelhante, que desde 3600 a.C. até o meio do século XX, produziu-se mais de 14 mil conflitos bélicos no mundo e, nesse lapso de tempo, não mais do que 292 anos de paz, sendo que, no transcurso de 3.357 anos, firmaram-se cerca de 800 tratados de paz, sem que nenhum deles tivesse alcançado mais do que 10 anos de duração. Desses extratos, pode-se dizer: paz nem sempre significa ausência de guerra. Nossa capacidade interior para o mal reduziu os intervalos de luz em que fomos conduzidos, abraçando sombras, loucuras e demências à medida que nos movemos.

Se nas relações políticas que dão forma e estruturam a ordem social nos faltar justiça, igualdade, cooperação e disposição para alianças, certamente não poderemos falar de paz verdadeira. Expostos ao veneno da corrida armamentista, ficamos, dia após dia, mais próximos da destruição do tênué fio da esperança que nos une enquanto espécie. Cada um/a carrega em si a promessa de salvaguarda da esperança projetada não para si,





mas para os outros. As pessoas são, segundo Moltmann (2007, p. 32), “o seu sonho para o mundo terrestre e sua imagem para o seu amado mundo”.

O presente tem pressa, mas a lucidez que ainda nos resta terá força suficiente de fazer valer o espírito de fineza necessário rumo à civilização planetária de que necessitamos? Embora pareça improvável, acreditamos que sim. Para tanto, carecemos de abolir as grades da inimizade, o esporão do ódio e a liga das intolerâncias. Não dá para esperar; é chegado o tempo, essa é a hora da grande unidade geral e de, juntos/as, defendermos a bandeira da paz e da justiça social, conforme abraçou o profeta dos pobres, Hélder Câmara, pois, sem isso, dificilmente a plenitude das relações corretas haverá de prosperar.

Que se silenciem os tambores da guerra; a corrida pelas armas precisa ser detida, elas nunca foram e jamais serão salvaguardas de nossos valores básicos. Os que odeiam a paz enxameiam o tempo atual com discórdias acerbas, dificultando sua desejabilidade perene. Por quanto tempo os líderes mundiais permanecerão calados ante aqueles que são a favor das guerras e “estão ávidos em ver os produtos demoníacos de sua inteligência sendo usados”? (Nouwen, 2008, p. 18).

Reconhece-se que o processo de paz requer a superação do estado de morte do sistema vigente, indo do mais simples ao mais alto nível de esclarecimento humano. Temos, ainda, a sorte de encontrar, em quase todo o mundo, grandes mentes do bem viver proclamando que a paz é obra da justiça: papa Francisco, M. Barros, L. Boff, E. Morin, F. Betto, J. Lancelotti, I. Gebara.

Nenhuma sociedade terá futuro se for construída sobre injustiça estrutural e histórica. O básico da ideia da justiça é esta afirmação: [...] para cada um segundo suas necessidades (físicas, psicológicas, culturais e espirituais) e para cada um segundo suas capacidades (físicas, intelectuais e morais). Nesse sentido a justiça





pressupõe a igualdade de todos e a busca do bem comum (Boff, 2006, p. 99).

Uma primavera florescente e gloriosa (fecundada pela consciência ecológica) irá renascer na vida diária se estiver tomada por essa ideia de justiça e amor universal. Favorecem esse sentido o desenvolvimento e a sensibilidade da visão ecopedagógica, da ecologia integral (Francisco, 2016). Dada a antinatureza destrutiva que muitas sociedades incorporaram como parte de um estilo próprio de vida, faz-se necessário, portanto, lutar pela instauração de organizações de sustentação integral que defendam a proteção do planeta em todos os quadrantes da vida social.

Também é preciso, conforme Barros (2022), continuar a luta pacífica pela justiça ecosocial como condição indispensável para a construção da paz. Majestoso será contar com a certeza de que, em cada novo início da vida, a esperança na vida plena ganhe uma nova chance e uma nova certeza (Moltmann, 2007) e que a fidelidade aos valores do bem viver se tornem imperecíveis.

Na antiga China, em VI a.C., Lao-Tsé (2004, p. 62) escreveu:

De mil benefícios goza um povo quando não se fala mais em ser virtuoso nem santo. Verdadeira reverência e amor sincero medram em uma sociedade em que o direito e a moral deixam de ser prescritos. A ordem não reina em uma sociedade onde o interesse determina o agir. Esses princípios não podem ser prescritos, mas devem ser vividos. Somente onde eles são vivenciados é que ajudam as pessoas. A ética genuína só existe onde o ser humano vive de dentro da sua fonte e age pela pureza do seu coração; onde a genuinidade do ser se revela em atos desinteressados e isentos de desejos.





Paulo Freire (1996), o grande mestre do diálogo pedagógico brasileiro, defendeu também uma ética genuína. Ele dizia que ensinar exige bom senso, estética, criticidade, comprometimento, assunção da identidade, alegria e esperança, e que todas essas dimensões exigem prática testemunhal. Temos nele um generoso convite à ética cosmo-universal, assim como igualmente preconizou o filósofo Lao-Tsé séculos atrás.

No desenrolar deste novo século, permanecer prisioneiro de uma história tão recente em termos de demência, sob o efeito de mil crueldades, violências e perversões, não é minimamente admissível. O renomado historiador Eric Hobsbawm denunciou, em seu consagrado livro *Era dos extremos*, a estupidez do mundo pós-guerra e o que resultou de sofrimento junto a populações civis mais fragilizadas. Descreve o autor:

[...] o mundo acostumou-se à expulsão e matança compulsórias em escala astronômica, fenômenos tão conhecidos que foi preciso inventar novas palavras para eles: “sem Estado” (“apátrida”) ou “genocídio”. A Primeira Guerra Mundial levou à matança de um incontável número de armênios pela Turquia – o número mais habitual é de 1,5 milhão –, que pode figurar como a primeira tentativa moderna de eliminar toda uma população. Foi seguida depois pela mais conhecida matança nazista de cerca de 5 milhões de judeus [...] A Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa forçaram milhões de pessoas a se deslocarem como refugiados, ou por compulsórias “trocas de população” entre Estados, que equivaliam à mesma coisa. Um total de 1,3 milhão de gregos foi repatriado para a Grécia, sobretudo da Turquia; 400 mil turcos foram decantados no Estado que os reclamava; cerca de 200 mil búlgaros passaram para o diminuído território que tinha o seu nome nacional; enquanto 1,5 ou talvez 2 milhões de nacionais russos, fugindo da Revolução Russa ou no lado perdedor da Guerra Civil





russa, se viram sem pátria. Foi sobretudo para estes, mais do que para os 300 mil armênios que fugiram ao genocídio, que se inventou um novo documento para aqueles que, num mundo cada vez mais burocratizado, não tinham existência burocrática em qualquer Estado [...]. Numa estimativa por cima, os anos de 1914-22 geraram entre 4 a 5 milhões de refugiados (Hobsbawm, 1995, p. 57-58).

A desumanidade da Segunda Guerra Mundial produziu, em maio de 1945, cerca de 40,5 milhões de pessoas à deriva, desenraizadas na Europa. Lamentavelmente, ainda hoje, cultivamos o ostracismo político como estratégia de controle e dominação, aumentando a decomposição das relações humanas. Compreendemos que toda arma que se destina a combater a violência acaba favorecendo mais violência, gerando medo e senso de injustiça. Por isso, buscar recursos para combater a violência fora dos muros convencionais é um imperativo de primeira grandeza para o tempo que se chama hoje.

O mundo inteiro tem passado por mudanças ambíguas de poderes políticos. A mais sutil, e provavelmente perversa, opera agora em diversas partes, transformando populações pacifistas em histéricas, odiosas, apáticas e belicosas. Arruinar os valores democráticos ou mesmo fragmentar a noção de unidade e harmonia social tem sido a métrica dos extremistas de plantão em todos os rincões da Terra. Na pauta de suas agendas de crimes, estão a indução à prática de um fanatismo xenófobo, a aplicação do terrorismo ideológico, a exibição de força bruta e a adesão a ódios gratuitos. Sem medo, essa gente perversa vem cometendo uma série de atrocidades à revelia da justiça constituída.

Sob o *slogan* “é mais fácil ser temido”, encontra-se em curso, no mundo atual, a destruição dos valores pacifistas; em seu lugar, ergue-se a histeria belicista. O povo, manipulado pela mídia, subjugado pela tirania dos bancos e de grandes corporações econômicas, intimidado pelo apare-





lho repressivo do Estado ou mesmo abduzido por religiões paralíticas de espiritualidade, tem sido levado a abraçar ideologias ocas e perigosas. É necessário, mais uma vez, com capacidade de ressignificação, desenvolver afeto, bondade, resiliência, força e coragem para superarmos a barbárie em curso e nos reencontrar, ternamente, nos caminhos da paz.



Repelir as Indiferenças

8





[...] os bilhões de pessoas neste planeta não serão capazes de viver em paz e amizade, a menos que elas e seus líderes vejam seu lugar correto no Universo e no tempo e encontrem, dentro de si mesmo, a pureza de atitude, a compreensão e o amor que podem construir uma ponte entre os interesses individuais e os interesses coletivos.

Robert Muller

Nas últimas décadas, presenciamos tentativas alternadas de políticas públicas centradas no combate às desigualdades historicamente produzidas. Todavia, de maneira geral, os direitos essenciais de sobrevivência, saúde, lazer, trabalho, educação e liberdade estão longe da equidade ensejada. Prevalece a caricatura ilusória de cidadania devido à natureza perversa das condições ultrajantes de vida entre os mais pobres, particularmente entre aqueles/as destituídos/as de bens elementares; cidadãos e cidadãs desprotegidos/as, famintos/as, espoliados/as, abatidos/as, semimortos/as, sem instrução, alijados/as de acesso à saúde, habitação, alimentação (Câmara, 1995; Barbalho, 2023).

O estado de miséria de mais de 2/3 da humanidade é uma enorme imoralidade que grita aos céus, já que os ouvidos da Terra insistem em permanecer moucos ou fsgados pela teia da grande indiferença geral. Há de se ter responsabilidade com o escândalo de um mundo profundamente desigual, das três enormes perversões estruturais que o nosso tempo tem feito crescer: a subalimentação, a submoradia e o subemprego, elos da sub-humanidade em que os mais pobres permanecem prisioneiros. Falta-nos, certamente, seiva interior para transformar modelos obsoletos dos quais fingimos não saber nos desvencilhar ou mesmo, quem sabe, criar um movimento indutor capaz de reconduzir as pessoas de volta à visão fraterna, rumo ao bem-estar geral, que podemos traduzir como a era da grande cooperação.





Não façamos retoques aos principais problemas da existência diá-
ria, nem nos desgastemos com falsos testemunhos dos demônios que nos
apavoram: a servidão e a perdição. Haveremos de ultrapassar os limites das
opressões e dos egoísmos se vencermos, com determinação e coragem, as
estruturas injustas que há séculos escravizam civilizações em todos os qua-
drantes da Terra.

Desde muito cedo, milhares de crianças, adolescentes, jovens e
adultos têm de lutar pela sua sobrevivência. Acorrentados em mil preocu-
pações, como podem aspirar a oportunidades em um mundo que já lhes
reservou a miséria como mote, a opressão como segunda pele e a injustiça
como norma? Há de se conclamar pela assunção de outra sociedade: justa,
pacífica, equilibrada. Que nela se realize verdadeira promoção fraterna,
promotora de uma revolução não violenta, capaz de alterar radicalmente
padrões opressivos e injustiças estruturais; instaure-se a reforma amorosa
do pensamento; reconduza-se o lugar da educação na óptica da solidarie-
dade; elimine-se o rancor da indiferença e enterrem-se, de uma vez por
todas, os racismos e fundamentalismos hodiernos.

Se, em nós, somente vier a doer a dor daqueles/as com quem man-
temos proximidade, não é amorosidade o que sentimos, mas tão somente
oportunistas preferências. Importa sentir a dor de quem nem imaginamos
conhecer, daqueles/as que, em vida, arrastam-se nas mais difíceis situações:
moribundos/as, arruinados/as, humilhados/as, ofendidos/as, desespera-
dos/as, espezinhados/as, violentados/as, refugiados/as de guerras. Há que
sentirmos a dor dos que já perderam a esperança, dos que sentem – dia
após dia – menos força e vontade de viver. Ainda há muitos rostos mal-
tratados, corpos mutilados, destruídos na indiferença dos orgulhosos, na
malvadeza dos tiranos e na violência do sistema opressor.

Necessitamos, não menos, sentir a dor de quem deixou de sonhar
e foi corroído pela voraz brutalidade das muitas formas de exclusão. Não
importa de quem seja a dor, de onde ela vem. Façamos, portanto, do sofri-





mento do outro também nosso, para que não esqueçamos o quanto degradante é a vida que foi aviltada dos direitos ao amor e ao não sofrer.

- Que a dignidade torne-se o bem comum a toda criatura humana;
- Que nossa compaixão seja sinônimo de preocupação com os direitos dos/as que deixaram de ter direitos;
- Que nossa convicção política cerque-se dos principais problemas humanos e ambientais;
- Que de ninguém seja subtraído o desfrute de uma vida honrada, justa e feliz;
- Que a ciência se paute pela honestidade, ética e proteção à vida em toda a sua dimensão;
- Que, em nossas relações profissionais, a pessoa do outro jamais seja um algoritmo, um dado estatístico ou um número a ser esquecido;
- Que a tempestade da injúria, a fúria da indiferença, a malvadeza da violência e a escuridão do egoísmo desalojem-se para sempre do coração de cada pessoa.



Para recordarmos nossa interdependência e sentirmo-nos parte da edificação de um planeta feliz, recitemos, outra vez mais, “a nova gênese” de todas as nações, escrita, brilhantemente, por Robert Muller (1993, p. 169-171, grifo do autor):

E Deus viu que todas as nações da Terra, negras e brancas, pobres e ricas, do Norte e do Sul, do Oriente e do Ocidente, de todos os credos, enviamavam seus emissários a um grande edifício de cristal às margens do Rio do Sol Nascente, na Ilha de Manhattan, para juntos estudarem, juntos pensarem e juntos cuidarem do mundo e de todos os povos.

E Deus disse: “Isso é bom”.

E esse foi o primeiro dia da ***Nova Era da Terra***.

E Deus viu que os soldados da paz separavam os combatentes de nações em guerra, que as diferenças eram



resolvidas pela negociação e pela razão, e não pelas armas, e que os líderes das nações encontravam-se, trocavam ideias e uniam seus corações, suas mentes, suas almas e suas forças para o benefício de toda a humanidade.

E Deus disse: “Isso é bom”.

E esse foi o segundo dia do **Planeta da Paz**.

E Deus viu que os seres humanos amavam a totalidade da criação, as estrelas e o Sol, o dia e a noite, o ar e os oceanos, a terra e as águas, os peixes e as aves, as flores e as plantas e todos os seus irmãos e irmãs humanos.

E Deus disse: “Isso é bom”.

E esse foi o terceiro dia do **Planeta da Felicidade**.

E Deus viu que os seres humanos eliminavam a fome, a doença, a ignorância e o sofrimento em todo o globo proporcionando a cada pessoa humana uma vida decente, consciente e feliz, reduzindo a avidez, a força e a riqueza de uns poucos.

E Deus disse: “Isso é bom”.

E esse foi o quarto dia do **Planeta da Justiça**.

E Deus viu que os seres humanos viviam em harmonia com seu planeta e em paz com os outros, gerenciando seus recursos com sabedoria, evitando o desperdício, refreando os excessos, substituindo o ódio pelo amor, a avidez pelo contentamento, a arrogância pela humildade, a divisão pela cooperação e a suspeita pela compreensão.

E Deus disse: “Isso é bom”.

E esse foi o quinto dia do **Planeta do Outro**.

E Deus viu que as nações destruíam suas armas, suas bombas, seus mísseis, seus navios de guerra, desativando suas bases e desmobilizando seus exércitos, mantendo apenas policiais da paz para proteger os bons dos maus e os normais dos insanos.

E Deus disse: “Isso é bom”.

E esse foi o sexto dia do **Planeta da Razão**.





E Deus viu que os seres humanos restauravam Deus e a pessoa humana como Alfa e Ômega, reduzindo instituições, crenças, políticas, governos e todas as entidades humanas a simples servidores de Deus e dos povos. E Deus os viu adotar como lei suprema: “Amarás ao Deus do Universo com todo o teu coração, com toda a tua alma, com toda a tua mente e com todas as tuas forças. Amarás teu belo e miraculoso planeta e o tratarás com infinito cuidado. Amarás teus irmãos e irmãs como amas a ti mesmo. Não há mandamentos maiores que estes”.

E Deus disse: “Isso é bom”.

E esse foi o sétimo dia do *Planeta de Deus*.

Então, é chegado o tempo da restauração.

Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!





Discernimento

9





Submetam todas as coisas ao discernimento e retêm o que é bom.

1Tes 5:21

A percepção das pequenas coisas é discernimento.

Lao-Tsé

Tem sido cada vez mais confuso distinguir, com a lucidez necessária, aparência de essência, exterior de conteúdo. Se o superficial, o que vemos por fora, nos regozija, conforta e alenta de imediato, dificilmente vamos nos interessar pelo substancial, o conteúdo, o posto, que sustenta a grande base do “iceberg da vida”. Nem tudo o que reluz é ouro, nos ensina uma máxima popular. Em geral, alterar o nível de consciência tem a ver com a capacidade de se produzir reflexão; de ser capaz de gerar rupturas, como ensinaram Paulo Freire e tantos/as outros/as. Podemos facilmente nos equivocar com o exterior, jamais com o interior. É preciso, em grande medida, deixar assentar no fundo as impurezas para beber água cristalina. A grandeza do agir sem ferir, sem abdicar de falar a verdade, está no modo como o desenvolvimento da inteligência geral fermenta nossa atividade de pensamento.

Fortalecer a consciência ou aprimorar o caráter resulta em escolhas que cada um/a pode fazer. Elas estão abertas a toda pessoa que assim desejar. Não é preciso experimentar o mal para se certificar de seu prejuízo. Decepar um dedo para testar o poder de uma lâmina de aço afiada é pura tolice. Embora o tigre seja uma entre tantas espécies selvagens da Natureza, abençoado também pelo Criador, ninguém precisa confundi-lo com o todo-poderoso. Escutar o rugido já é o bastante para avisar que se deve fugir depressa de seu território, evitando ser devorado.

Não se vai ao mercado ou à feira livre comprar verduras fresquinhas e em seu lugar adquirir gêneros estragados para preparar um delicioso prato; tampouco se educa para a cultura da paz construindo com e para os filhos





espadas ou quaisquer objetos que simulem mortes. Respeitando a idade das crianças, professores/as não alfabetizam com livros ou filmes impróprios. Jamais se viram cenas pornográficas em cartilhas escolares, os/as educadores/as sabem da necessidade de atender adequadamente a cada fase escolar. São pequenas escolhas regidas, tão somente, pelo discernimento. Elas nos aprimoram na fornalha do bom senso e nos aperfeiçoam na bigorna da justa ação. Moldemos, portanto, pensamentos e afetos à luz da sincera alegria.

Que a agitação das paixões em fúria não altere nossa razão, nem a veemência dos impulsos dirija às cegas a nossa conduta. Reconheçamos, como os antigos faziam, que **riqueza** é o que nos orna por dentro, aquilo que fazemos aos outros com leveza e paixão. Essa marca de um verdadeiro sentido da vida vem a ser o selo do discernimento através do curso do tempo; discernir é encontrar o caminho, nem sempre o da vitória, que nos capacita a sentirmo-nos uns com os outros, de maneira simples, modéstia às vezes escondida na ação dos mais fracos. Se o discernimento vier acompanhado de favorecimento ou vantagens, cria-se lastro para o oportunismo.

O discernimento é o principal princípio para atuar com consciência, visando ao aprimoramento das relações inter-humanas, nos campos de escolhas, liberdades, aperfeiçoamentos, cooperação, iniciativas, convivências. Procurar sempre, como orienta Edgar Morin (2021), as relações e inter-retro-ações entre cada fenômeno e seus contextos, ou seja, as relações de reciprocidade todo/parte, isto é, como uma determinada modificação local repercute sobre o todo e como uma modificação do todo repercute sobre as partes. Trata-se, segundo o filósofo, ao mesmo tempo, de reconhecer a unidade dentro do diverso, o diverso dentro da unidade; de reconhecer, por exemplo, a unidade humana em meio às diversidades individuais e culturais, as diversidades individuais e culturais em meio à unidade humana.

Estudando o discernimento como ação no mundo, a história tal como é vivida, José Comblin (1986) argumenta que discernir não é um ato de conhecimento anterior ao fazer; é na ação mesma que os sujeitos descobrem essa vontade. Diante da procura, há que buscá-la junto aos sím-





bolos que se encontram no mundo; todavia, nunca estará ali, de maneira pré-fabricada. Discernir, de acordo como o autor, é criar um ato novo, que nunca está definido antecipadamente, nem no curso da história, nem por um mandado celestial.

As burguesias contemporâneas, por exemplo, desejariam uma realidade, inclusive espiritual, que somente afirmasse princípios gerais, levando-as a opiniões abstratas, permitindo a cada um seguir com as necessidades de sua profissão. Anseiam poder continuar o curso de uma história autônoma ou mesmo livre de qualquer questionamento. A resposta ao discernimento consiste, não obstante, em uma ação transformadora e transformada do mundo; ações pelas quais se realiza a morte do velho e nasce um novo, de preferência, mundo.

Não nos tornamos sujeitos na e da história sem melhorar nossa capacidade afetiva, política e cognoscente de sentirmo-nos partes uns dos outros, ainda mais vivendo como se a todo instante estivéssemos numa luta incessante, competindo ferozmente para sermos mais, enquanto muitos se transformam em menos. Por isso, o discernir implica responsabilidade com a ética do bem agir, da política respeitosa, do combate à malvadeza do mundo, em face de mim e dos demais. “A assunção de nós próprios como sujeitos da História nos torna seres da decisão, da ruptura, da opção. Seres éticos”. Portanto, “não posso ser se os outros não são, sobretudo não posso ser se proíbo que os outros sejam” (Freire, 2022, p. 68; 75).

Elevar a capacidade da compreensão mútua como regra de vida ou mesmo desenvolver estilo democrático de fazer política se dá, como ensinava Paulo Freire, testemunhalmente. Por isso, nesse momento em que se alargam barreiras contra o esclarecimento, obscurantismos contra o dizer a verdade, inclinação à violência contra a não violência, determinado contra o não determinado, paixões desenfreadas contra as necessidades reais, infrapolítica contra a política decente, desamor contra amor, falso pensar contra reto pensar, faz-se necessário erguermos a taça do discernimento como uma exigência ontológica para um novo e radioso esperançar entre todos os povos.





Sepultem as Espadas

10





A partir da visão de mundo, uma visão de vida pode ser originada.

Albert Schweitzer

Uma majestosa história oriental relata o orgulho de um samurai obstinado. Assim ela é narrada:

Um guerreiro veio ver o mestre zen Hakuin. Era um samurai, um grande guerreiro, e ele perguntou: “Há algum Inferno, algum Paraíso? Se há um Paraíso e um Inferno, onde estão os portais? Onde está a entrada? Como posso evitar o Inferno e escolher o Paraíso?”. Ele era um simples guerreiro. Um guerreiro é sempre simples, do contrário não poderia ser um guerreiro. Um guerreiro conhece apenas duas coisas: a vida e a morte. Sua vida está sempre em jogo, ele está sempre apostando: é um homem simples. Não veio aprender uma doutrina, queria apenas saber onde estavam os portais para que pudesse evitar o Inferno e entrar no Paraíso. Hakuin respondeu da única forma que um guerreiro poderia entender. Ele então disse: “Quem é você?”. E o guerreiro respondeu: “Eu sou um samurai”. No Japão, ser um samurai é uma grande honra. Significa ser um guerreiro perfeito, um homem que não hesita um único momento em dar sua vida. Para ele, vida e morte são apenas um jogo. Hakuin riu e disse: “Você, um samurai. Mais parece um mendigo”. Logo a honra do samurai ficou ferida, seu ego foi pisoteado. Ele se esqueceu do motivo de sua vinda, puxou a espada e estava prestes a matar Hakuin. Ele se esqueceu de que havia ido até esse mestre para perguntar onde estavam os portais do Paraíso e do Inferno. Hakuin riu e disse: “Esse é o portão do Inferno. Com essa espada, essa raiva, esse ego, assim se abre o portal”. Isso é algo





que um guerreiro pode entender, e ele compreendeu imediatamente: esse é o portal. Guardou sua espada. E Hakuin disse: “Aí se abre o portal para o Paraíso”.

Nesse momento de crise de percepção (Capra, 1995), alguns, lamentavelmente, empunham espadas afiadíssimas, provocando histeria social, sem medir riscos ou consequências. Guiados pela ferocidade de palavras vazias e ideologias ocas, estão prestes a entrar no portal do inferno, instigando ignorância, perversidade, desarmonia, ódios e inseguranças com as quais se identificam. Em verdade, somos, de algum modo, todos/as samurais. Agindo com consciência, podemos aposentar a espada da dor e acender lamparinas fluorescentes no *front* das pandemias, catástrofes, desorientações, guerras.

Cada um pode melhorar sua própria opinião e plantar sentimentos que fortaleçam a convivência geral. Não é impossível se livrar da agressividade, das frases torpes, das vantagens indébitas; se o fizermos, certamente, viveremos sem azedumes uns com os outros. Também é necessário não se deixar guiar por mentes alucinadas. Esqueçamos as arminhas de mão, o desprezo gratuito aos diferentes e a aporofobia indiscriminada contra os mais pobres (Cortina, 2020). Sim, é o momento de jogar fora as espadas e enterrar os gestos assassinos, as mentiras colossais, as grandes calúnias, o egoísmo frio e a ausência de compaixão.

O sentimento galvanizado pelo mal é como fogo em mata seca nas mãos de alucinados; aí, corremos grandes perigos. Talvez ainda demore certo tempo para encontrarmos completamente a cura de várias doenças, um ordenamento jurídico verdadeiramente justo, a educação como um bem comum e as religiões como tesouro que se partilha fraternalmente. Pôrém, nem por isso precisamos inalar ódios, disseminar instabilidade social, promover atos de prepotência e abuso de poder. Ao contrário, se temos que inspirar e exalar algo que seja o ar da bondade e a fragrância da resiliência, amparando-nos mutuamente na defesa e na proteção de toda vida.





A história do samurai nos ensina: o portal do Paraíso é o amor. O portal do Inferno é o ódio. O amor pode nos unir e restabelecer novamente a sociedade para melhor. Já o ódio agirá na contramão, fará cada um mais fraco, débil, doente, esquizofrênico. O vírus da Covid-19 nos mostrou: ninguém está livre de contratempos, aquilo que ocorrer com alguém equidistante poderá acontecer com aqueles/as – bem próximos – que amamos. Agora é o momento de reinventar sentidos. Há quem viva para instigar violências, mas existem os que, com mão amiga, distribuem esperança, vivem a verdade, lutam pela justiça, edificam um mundo melhor. Pacifiquemo-nos: urge fazê-lo, isso será uma ajuda incomensurável à humanidade e, perante os infaustos acontecimentos que nos cercam as horas, iremos o mais breve possível, com ajuda da “ciência com consciência” (Morin, 2021), das mentes e dos corações de boa vontade, encontrar a solução que todos anelam.

Todavia, não podemos olvidar: quantas pessoas jazem perturbadas, muitas delas tresmalhadas na loucura ou no crime, em azinhavre de vilania, corrupção, ambição, ganância por dinheiro e poder, desconsiderando por completo a possibilidade de oferecer melhor significado aos talentos que têm. Certamente, elas desconhecem os recursos inefáveis que trazem consigo. Todos podem partilhar das suas riquezas interiores trabalhando na experiência comum do bem conviver. Mas é preciso, em tantos casos, que alguém lhes oriente, revele suas reais necessidades de discernimento, reconduza seus gestos a outros níveis superiores, reforme seus conhecimentos imediatos, supere as incompreensões que lhes tomam todo o tempo. Cada um/a tem condição de auxiliar e, ao mesmo tempo, amparar os menos felizes.

Sabe: grandioso é o bem anônimo, não requer impressão, nem precisa se impor. Toda exibição de virtude é uma forma de carência da personalidade. Vai, estende a mão amiga e segue em frente, sem esperar recompensa alguma; torna-te um samaritano atual; constrói avenidas de amizades em todos os recantos da Terra, com as ferragens da caridade, a





única que nunca se acaba. Então, saberemos como são lindos os tesouros do trabalho feito pela cooperação, sem preferências nem graduação de importâncias; tão logo, sentir-nos-emos nos portais do paraíso.



Educação para a Paz

11





Vamos fazer com que nossa época seja lembrada pelo despertar de um novo respeito pela vida, pela determinação de alcançar a sustentabilidade, pelo engajamento renovado na luta pela justiça e pela paz e pela celebração alegre da vida.

Carta da Terra

Construir um mundo de relações pacíficas e atitudes generosas, marcado por formas sinceras de gratidão, é um apelo sensato e urgente frente ao crescimento das tensões bélicas espalhadas em todos os recantos da Terra. A educação para a paz pode nos conduzir à era da civilização planetária, exigência vital quanto ao desenvolvimento e à saúde do planeta. Edificar nações pacíficas, com menos exércitos e eliminação de armas, com mais educação e bom senso, será nosso maior e mais importante legado às futuras gerações.

Tornarmo-nos instrumentos de paz, promovermos a cultura da não violência não é um sonho quimérico. Para isso, carecemos de desenvolver uma visão aberta e optar – em todas as dimensões – pela defesa da vida. Diminuir a fabricação de armas e anular o desejo pela ostentação caríssima do aparato militar nos fará ascender às exigências de espaços livres de perigos. Muitos esforços têm sido dirigidos a favor do cuidado para com o planeta. Devemos nos identificar e permear os projetos educacionais com justiça, felicidade e paz. Essa tríplice aliança deve organizar os novos currículos e fecundar as disciplinas escolares, elevando-as ainda mais no que de específico e bom cada uma apresenta, a fim de garantir o êxito da educação para a paz.

Se as nações apresentam contínuas rachaduras políticas, levando-as à falta de consenso, entendimento, coesão e unidade, faz-se necessário aumentar a vontade e o desejo de participar da moldagem de um mundo melhor, equilibrado e justo. A recondução do amor como parte de um renascimento educacional evitará a inclinação pelo aniquilamento, caracte-





rística forte na maioria dos grupos humanos. Existe, sim, possibilidade de desenvolvermos uma compreensão que transcenda as ideologias com as quais milhares de pessoas se identificam. Substituir a necrofagia pela biofilia é fundamental. Ser tomado pela percepção de que os animais, as plantas e as árvores são nossos coirmãos evolucionários, companheiros vivos de um mesmo planeta, nos torna bem melhores.

Favorecer a harmonia entre as religiões à nossa volta e eliminar as contendas entre os partidos políticos contribuirá para a ideia de unidade global. Tornar serena a associação natural entre as pessoas é um apelo milenar das grandes mentes pacificadoras. Assumir que somos parte de uma totalidade complexa e faísca da mesma partícula cósmica concorre para que a paz possa começar comigo e se estender às outras pessoas. No seio da educação planetária, abolir-se-á a palavra arqui-inimigo. Valores morais e espirituais dignos responderão na forma de nobreza de caráter entre crianças e jovens. Em lugar de dissidências, faremos pontes de entendimento recíproco, tornando os laços de amizade social inquebrantáveis. Se assim fizermos, um novo renascimento cultural unirá as noções e a educação para a paz tornar-se-á realidade para muitos.

Os orçamentos militares poderiam ser usados na solução dos graves problemas ecológicos e aplicados com justa decisão no caminho saudável de políticas sociais a favor do desenvolvimento sustentável. É uma tola falácia militarista dizer que se investe na produção de armas como prevenção à guerra. A nação que diz depender da corrida bélica para encontrar paz mente para si várias vezes. Na história humana, sabemos que as armas nunca significaram paz. Onde existem armas, há guerras, e onde surgem guerras, multiplicam-se mortes, sofrimentos, destruições e todos os tipos de misérias possíveis e imagináveis.

Se, verdadeiramente, quisermos encarar nossas responsabilidades com relação aos direitos da Mãe Terra, é necessário respeitar os ciclos biológicos da Natureza, consagrar uma batalha constante a favor dos regimes democráticos, contribuir com os processos de autonomia política, cultural





e econômica dos povos e, não menos importante, humildade, como já se disse, para “reconhecer os erros cometidos, a falência da mentalidade consumista da era do descartável” (Bauman, 2008) e encontrar a determinação-força-coragem imprescindível para mudar.

O atual modelo de produção energética adotado ultrapassou a suportabilidade ecológica do planeta, trazendo desequilíbrios e riscos potenciais para a biosfera. Já esgotamos nosso tempo que se chama hoje e, sendo assim, por benevolência com as próximas gerações, precisamos reconhecer que a hora de mudar é agora. Agindo com comedimento e civilidade, edificaremos um planeta da paz; do contrário, o legado a ser deixado será um rastro de ruínas e cinzas. Lastrear nossas ações à luz da razão e de valores éticos universais deveria se tornar o mais fervoroso propósito da humanidade. Todavia, reconheceremos que as condições de sobrevivência de 2/3 da população mundial estão comprometidas negativamente, resultantes do jogo cruel das relações de produção econômica.

Transformar a face da desumanidade que naturalizamos é uma decisão inadiável, aquilo a que Albert Schweitzer chamava “remodelação social”. Ainda que o façamos incompleta e lentamente, necessitamos romper com o modo de vida com o qual nos achamos comprometidos ou identificados, quiçá reabraçar a fé no humanismo, no idealismo crítico, na justiça, na razão e na verdade. Segundo Albert Schweitzer (1959, p. 81-82),

[...] que tarefa imensa terá o espírito de tomar a peito. Terá de despertar de novo o senso da verdade onde hoje impera a voz da propaganda. Terá de destronar o falso patriotismo e colocar em lugar dele o verdadeiro, aquele que de fato zela pelo bem da humanidade; terá de implantá-lo ali onde lamentáveis acontecimentos da política do passado e do presente ainda sustentam paixões nacionais, até mesmo aqueles que no seu íntimo são visceralmente contra isso. Terá de evidenciar que a cultura é bem comum de todos, da humanidade em geral, da qual todos os povos devem participar.





Uma luta, portanto, contra todos/as aqueles/as que buscam anular o direito e a razão; contra os que se utilizam da força e das armas para impor tiranias; dos que realizam projetos de morte; dos que tornam a ganância, a prepotência e o dinheiro instrumentos exploração e sofrimento sem fim.



Sā Razāo

12





O excesso de luz cega a vista. O excesso de som en-
surdece o ouvido. Condimentos em demasia estragam
o gosto. O ímpeto das paixões perturba o coração. A
cobiça do impossível destrói a ética.

Lao-Tsé

Quão confuso, custoso e difícil é aceitar que o mundo atual, mo-
vido por lógicas favoráveis à exclusão e ao alargamento das desig-
ualdades, continue se desenvolvendo numa crescente espiral de
insensibilidade. Como desencargo de consciência, para além das lacônicas
palavras, questionamos: é possível nos contrapor a esse modelo? A sensa-
ção, no plano mundial, é que estamos vivendo o naufrágio da civilização
humana e que improváveis são as políticas sociais sob a orientação econô-
mica em vigor, já que são incapazes de acolher escolhas melhores, princi-
palmente a favor da vida das populações mais fragilizadas.

Paradoxalmente, essa situação não se dá por falta de compreensão
dos problemas, ausência de recursos financeiros, insuficiência tecnológica,
tampouco por baixa difusão científica. Inesgotável é a capacidade inventiva
de nossa espécie. A ciência tem dado respostas extraordinárias, malgrado
algumas estejam passando ao vento. Já se falou bastante, ainda que não o
suficiente; todavia, falta-nos criar consensos: de propósitos, dos valores ne-
cessários, das escolhas justas e de projetos includentes para eliminarmos,
em grande medida, tudo o que for absurdamente inconcebível para o curto
tempo atual que nos resta.

A favor da sã razão, deveríamos advogar a ideia da criação de outra
antropologia humana – política, econômica, cultural, pedagógica, ética, es-
piritual –, adotando as lições da existência e o cuidado terrenal, de modo a
frear a dominante roda da insensatez geral. A grande tarefa ainda em curso
é a luta contra um tipo de individualismo cada vez mais egoísta, tóxico e
agressivo. Por isso, nos opor ao êxito da privação em massa dos direitos
sociais básicos de vida plena requer, não obstante, reflexões e propostas





para propor as bases de uma nova política capaz de formar, ou mesmo transformar, a sociedade (Morin, 2021), visando ao aumento das capacidades humanas (Sen, 2010) para o bem conviver (Feitosa; Silva; Lacerda, 2023; Barbalho, 2023). Seguindo a perspectiva de Morin (2021), deveríamos preferir o essencial ao inútil, a qualidade à quantidade, o durável ao descartável e, mesmo sem poder dominar o imprevisível, poderíamos, com maior probabilidade, prever sua eventualidade.

As constantes tensões bélicas abrem caminhos para a possibilidade real de se destruir as bases que sustentam a vida. Agigantam-se as probabilidades de destruição e autodestruição em massa, pondo-se em risco toda a humanidade e a biosfera. Em busca de sentidos em torno de outra ordem econômica, entre aquilo que assombra a opulência do presente mundo, temos, se assim quisermos, condições de superar processos de privação das liberdades na forma de pobreza extrema.

Seguindo as lições do renomado economista e filósofo indiano Amartya Sen, Prêmio Nobel de Economia em 1998:

[...] o desenvolvimento requer que se removam as principais fontes de privação de liberdade: pobreza e tirania, carência de oportunidades econômicas e destruição social sistemática, negligência dos serviços públicos e intolerância ou interferência excessiva de Estados repressivos. A despeito de aumentos sem precedentes na opulência global, o mundo atual nega liberdades elementares a um grande número de pessoas – talvez até mesmo à maioria. Às vezes a ausência de liberdades substantivas relaciona-se diretamente com a pobreza econômica, que rouba das pessoas a liberdade de saciar a fome, de obter uma nutrição, de vestir-se ou morar de modo apropriado, de ter acesso a água tratada ou saneamento básico. Em outros casos, a privação de liberdade vincula-se estreitamente à carência de serviços públicos e assistência social, como por exemplo a ausência de programas epidemioló-





gicos, de um sistema bem planejado de assistência médica e educação ou de instituições eficazes para a manutenção da paz e da ordem locais. Em outros casos, a violação da liberdade resulta diretamente de uma negação de liberdades políticas e civis por regimes autoritários e de restrições impostas à liberdade de participar da vida social, política e econômica da comunidade (Sen, 2010, p. 16-17).

[...] A privação de liberdade econômica, conforme apresentada acima, pode gerar a privação de liberdade social, assim como a privação de liberdade social ou política pode, da mesma forma, gerar a privação de liberdade econômica (Sen, 2010, p. 23).

Sob essa perspectiva, incorporando à discussão os princípios que orientam a *Carta da Terra* (2004), o desenvolvimento como liberdade (Sen, 2010) só pode ser gerado em sociedades democráticas, isto é, que sejam éticas, justas, participativas, sustentáveis e, impreterivelmente, pacíficas. Isso demanda duas condições gêmeas:

a) Assegurar que as comunidades em todos níveis garantam os direitos humanos e as liberdades fundamentais e proporcionem a cada um a oportunidade de realizar seu pleno potencial; b) Promover a justiça econômica e social, propiciando a todos a consecução de uma subsistência significativa e segura, que seja ecologicamente responsável (Carta da Terra, 2004).

Para erradicar a pobreza como um imperativo ético, social e ambiental, faz-se necessário, ainda de acordo com a *Carta da Terra*:

a) Garantir o direito à água potável, ao ar puro, à segurança alimentar, aos solos não-contaminados, ao abrigo e saneamento seguro, distribuindo os recursos nacionais e internacionais requeridos; b) Prover cada ser humano de educação e recursos para assegurar uma





subsistência sustentável, e proporcionar seguro social e segurança coletiva a todos aqueles que não são capazes de manter-se por conta própria; c) Reconhecer os ignorados, proteger os vulneráveis, servir àqueles que sofrem, e permitir-lhes desenvolver suas capacidades e alcançar suas aspirações (Carta da Terra, 2004).

Movermo-nos por valores não egoístas é a tese basilar da *Carta da Terra*, apelo inadiável nesta era de extremos.

Compreendendo que todos/as advêm de um longo e maduro processo evolutivo que já tem 13,7 bilhões de anos e que essa extraordinária energia criadora denominada princípio cosmogênico nos une num mesmo movimento – a cosmogênese –, deveríamos, por força do tempo transcorrido, viver ternamente conectados/as uns aos outros e como coirmãos/ãs de todos os seres. Conhecer, respeitar e sentir os segredos da Terra, pensando “cosmocentricamente” e agindo “ecocentricamente”, como sugere, em seus livros, o teólogo Leonardo Boff, nos levaria a mais comportamento e menos retórica; enxergaríamos as interconexões necessárias e aprimoraríamos a capacidade de entender partes do todo; encontrando, consequentemente, o melhor sentido das coisas e da vida.

Quando se parar de cuidar do ego-vivente, do interesse acima de tudo, o Eu irá prosperar. A ordem cósmica se manifesta no genuíno desinteresse de si.



Compaixão

13





O ódio é nada, comparado ao amor.

Eis porque o Reino dos Céus é semelhante a um rei que resolveu acertar contas com os seus servos. Ao começar o acerto, trouxeram-lhe um que devia dez mil talentos. Não tendo este com que pagar, o senhor ordenou que o vendessem, juntamente com a mulher e os filhos e todos os seus bens, para o pagamento da dívida. O servo, porém, caiu aos seus pés e, prostrado, suplicava-lhe: “Dá-me um prazo e eu te pagarei tudo”.

Diante disto o senhor, compadecendo-se do servo, soltou-o e perdoou-lhe a dívida. Mas quando saiu dali, este servo encontrou um de seus companheiros de servidão, que lhe devia cem denários e, agarrando-o pelo pescoço, pôs-se a sufocá-lo e a insistir: “Paga-me o que me deves”. O companheiro, caindo aos seus pés, rogava-lhe: “Dá-me um prazo e eu te pagarei”. Mas ele não quis ouvi-lo; antes, retirou-se e mandou lançá-lo na prisão até que pagasse o que devia. Vendo os seus companheiros de servidão o que acontecera, ficaram muito penalizados e, procurando o senhor, contaram-lhe todo o acontecido. Então o senhor mandou chamar aquele servo e lhe disse: “Servo mau, eu te perdoei toda a tua dívida, porque me rogaste. Não devias, também tu, ter compaixão do teu companheiro, como eu tive compaixão de ti?”. Assim, encolerizado, o senhor o entregou aos verdugos, até que pagasse toda a sua dívida (Mt 18:22-35).

Num mundo em que o governo de si manifesta-se pela tirania do outro, carecemos de transformar a irracionalidade em inteligência, a voz em bálsamo e as palavras em ação para que os germes do egoísmo não destruam as flores da esperança do amanhã que quer ser hoje. “Consolem, consolem meu povo!” (Is 40:1), eis o grito de todos os grandes profetas. A parábola acima nos diz: não importa em qual posição vos en-





contreis, todos/as estão ligados/as no mundo, como um único povo, não para dominar, oprimir, espezinhar, afrontar a dignidade ou diminuir-lhes em direitos. Mas, ao contrário, estamos unidos para usar de compaixão, consolar os fatigados; perdoar as ofensas e dívidas impagáveis; cessar os maus-tratos; pôr fim à violência; acabar com os genocídios; combater as perversidades; eliminar os ódios gratuitos e sepultar as mentiras danosas.

Grandeza é garantir vida aos que sofrem. Justiça é tornar real o direito de viver dos mais pobres. Enquanto houver alguém machucado, triste, desolado, humilhado, sufocado, discriminado, em solidão e desespero, seco estará nosso coração.

Compreendemos que há caminhos múltiplos e maneiras diversas de lidar com os problemas, e tantas são as opções que se abrem aos que buscam com sincera disposição o justo viver. Planos cruéis parecem sólidos, espalham-se aos quatro cantos, mas logo chegará o dia de sua ruína e as maquinações contra os oprimidos – uma a uma – serão desfeitas e superadas. Mesmo que haja situação em que se produz o triunfo da esperteza, “negando a sinceridade, e a glorificação da avareza” (Santos, 2008, p. 61), devemos aspirar a pertencer à grande família dos que se identificam com a face materna da generosidade, dos que sabem viver no amor, deixando-se conduzir pela via da não violência.

Quanto menos fraternidade, mais guerras. Quanto menos perdão, mais injustiças. Quanto menos partilha, mais privação. Quanto menos compaixão, mais egoísmo. Quanto menos empatia, mais discriminação. Quanto menos amor, mais discórdias.

Reflete e auxilia; abre e abriga; orienta e ilumina; encoraja e fortalece; ajuda e ergue; ora e trabalha; medita e equilibra; cultiva e espera; educa e eleva; acolhe e ampara; multiplica e divide; perdoa e esquece; socorre e cuida; trata e fortalece; semeia e distribui; supera e resiste; apoia e coopera; examina e atende; inspira e consola; aprende e ensina; comprehende e transforma, corrigidos pelas dores e elevados pelas atitudes.

Em tudo, quanto menos se retém, mais livre se é.



Afeto em Tempos de Ira

14





A grandeza do humanismo contemporâneo consiste em recusar o orgulho humano, os sonhos de conquista e de heroísmo, e limitar sua ambição a exercer com sabedoria e moderação um mero dever de tutoria.

Michel Lacroix

O ódio conduz à fealdade e a ira se torna monstruosidade.

Remover a vontade de guerra neste momento, de uma das mais graves crises bélicas desde o cessar fogo da Segunda Grande Guerra Mundial e o holocausto de Auschwitz, é a mais nobre virtude civilizatória que se pode anelar.

Todos/as – ao final – desejam viver em paz, harmonia e esperança. Ninguém aspira à fria e despedaçada insegurança. Jamais podemos abdicar de confiar na espera de outro tempo e na boniteza suave dos laços fraternos que nos untam nas diferenças. Façamos, com a lucidez necessária que o tempo atual exige, críticas à insensatez moderna, afastando-nos dos sectarismos em voga, abraçando a convivência pacífica, amplificando o afeto no coração em todo instante vivido.

Urge, cada vez mais, compreender a existência humana como uma estrada a ser aplainada para melhor, na justa medida, edificando a solidariedade e o amor inegoísta, trazendo, em nossos corpos molhados, sonhos e emancipações possíveis, seguindo, eticamente, a teimosia dos que esperam sem temor.

Há que se contrapor a toda desfaçatez dos arrogantes; a hedionda barbárie dos crimes de guerra, realizados entre líderes assassinos manipuladores que se odeiam gratuitamente em nome de ideologias e interesses vazios de significados. O lugar para superação das discórdias é a mesa de negociação. A força das armas é a maior fraqueza humana. Os países em guerra serão sempre os piores modelos de malvadezas e exploração de seus povos, estendendo vinganças, destruições, mortes e tiranias àqueles transformados em inimigos.





Qualquer que seja a arma, do simples ao mais sofisticado e tecnológico arsenal militar, só tem uma finalidade: produzir dor, sofrimento, crueldade e infelicidade.

Toda arma é instrumento do mal. Todas as armas são calamidades. Logo, toda pessoa correta não faz uso de arma, nem provoca sofrimento algum.

Só uma pessoa perturbada pode encontrar felicidade em massacrar seres humanos. Aquele/a que considera prazer na matança de seus semelhantes jamais deveria ocupar cargo ou posição de governança – em nação alguma. “Quem se alegra com guerras homicidas não realiza o destino da vida. Sabedoria é paz, afeto e amor. Estultícia é ódio, tirania e guerra. Decretar a ordem por violência é criar a desordem. Querer consolidar o mundo à força é destruí-lo”.

Acolhamos, em mente e espírito, a voz da sã razão:



Onde acampa uma tropa o campo desaparece, e em seu pouco tempo, os espinhos nascem onde havia flores. Logo a seguir irromperão as guerras. O não violento atinge sua meta sem utilizar a força. Conquista sem infligir sofrimento, sem destruir, sem orgulho, sem explorar o próprio sucesso, e depois para. Vence sem violência. Quando homens e mulheres usam a força bruta, envelhecem (Lao-Tsé, 1995).

Quando o interesse de poucos determina o agir de muitos, transforma-se em tirania. Sem entendimento e consensos mí nimos, a perspectiva de futuro para um mundo mais justo, pacífico e humano corre grande perigo. Por isso, a necessidade de se abraçar exemplos práticos de resistência contra a sistemática destruição ambiental, a defesa dos valores da paz e dos pilares da vida.

A profusão de armas de aniquilamento e as opressões de minorias são como uma espada de dois gumes: assim como o sol do meio-dia não faz



mais sombra, as grandes potências buscam querer esconder, mas sempre foram modelos das piores malvadezas e da exploração dos povos. A podridão malcheirosa da guerra anda acompanhada de prepotência, ganância e presença de líderes corruptos.

Recai, portanto, sobre nós, cada um, cada uma, contemporâneos/as de um tempo multipolar, a responsabilidade pela boa esperança das gerações que virão, reconhecendo que ela não pode estar acima de nós, mas, ao contrário, encontra-se disposta diante de nós; logo, cabe-nos o zelo pelo bem viver no mundo dos que estão e dos que ainda virão.





Reequilíbrio

15





Valores e princípios ligados à justa medida: autocontenção, a renúncia voluntária, a moderação, o controle de todo o excesso e de toda cobiça, o cuidado de uns para com os outros e com a natureza.

Leonardo Boff

Do uso da imagem. Atualmente, na execução das muitas obrigações que nos cercam as horas, se elas não estiverem investidas de uma certa publicidade, em grande medida, sentir-nos-emos vazios, como se houvesse uma ausência de significado naquilo que fazemos, a ponto de afetar nosso modo de sentir e viver. A angústia por visibilidade tornou-se parte de uma esquizofrenia geral. O crescimento da publicidade transformou-se em doutrinário e funciona como um **axioma**, na expressão de Freud, que não admite críticas. Estamos prisioneiros das virtualidades. “Corpos dóceis como máquinas de produção não portam dados e informações, mas energia” (Han, 2022, p. 8). Vive-se prisioneiro do brilho das ações; apagar-se dele está fora de cogitação. A midiaturização tem servido para quase tudo: desde atos cruéis, praticados à luz do dia, por delinquência armada ou pela força coercitiva do Estado e exposições verbais de ódio, deferidas em diferentes situações, a práticas consideradas de elevada grandeza moral. Tudo é modulado em imagem, transformado em *show business*. As sensações são manipuladas e as ações, teatralizadas. Uma sociedade do espetáculo considera que a “ilusão é sagrada, e a verdade é profana” (Feuerbach citado por Debord, 2017, p. 37). Numa era de vigilância e enorme exposição, ninguém escapa de se tornar personagem ou protagonista de uma cena trivial da vida cotidiana. O fato só tem valor se for midiático; a existência ganha sentido pela publicidade; a vulgaridade nas imagens oferece adesão em massa. A trivialidade e o esvaziamento de significados em relação ao que se reproduz nos ciclos sociais são o pão recheado com cinzas, o *fast-food* do momento atual. Ninguém parece escapar desse labirinto.





Das vestes. Cuidamos atentamente de nossa aparência. De maneira compulsiva, vamos acumulando uma quantidade expressiva de roupas para todas as ocasiões e estações do ano. São peças variadas e multicoloridas, capazes de nos oferecer prazer instantâneo e impressionar terceiros. Quase nunca damos conta do excesso, das muitas peças em desuso, aquelas que reposam e se avolumam nas gavetas dos armários domésticos. Não construímos uma cultura de reciclagem de roupas, mas, por todo o mundo, há milhares de pessoas desprovidas de recursos financeiros que, seminuas, perambulam pelas ruas, sob sol, vento e chuva, tão somente ansiando pela veste encostada em nossos domicílios. Tal comportamento leva-nos a nos esquecer daquelas roupas em desuso, de modo que olvidamos as pessoas que poderiam usar essas mesmas peças, cujo plausível destino é o de se transformar em comida de traças. “Não é a vida mais do que o mantimento e o corpo mais do que o vestido?” (Mt 6:25).

Da poupança privada. Poupança privada é um hábito milenar. Depósitos e cofres servem para esconder e proteger aquele dinheiro, objeto ou bem que julgamos ser necessário guardar, já satisfeita essa ou aquela necessidade considerada essencial. Os cofres dizem muito do que somos. Tornam-se a liga de tesouros secretos que não descansam enquanto não estiverem cheios. Fazemos de nossas reservas um itinerário de elevação social, um totem sagrado. Todavia, eis que, disputando míseras sobras dos recursos que concentramos, milhares de infortunados espalhados nas esquinas e ruas das cidades sofrem com a falta do que lhes negamos dividir. Para muitos, apenas uma fração pequenina seria o bastante; tornaríamos o dia dessas pessoas menos doloroso. A teologia da prosperidade prega: quem tem pena do miserável vai ocupar o lugar dele. A mística do crucificado aconselha: quem divide nunca empobrece.

Do saber partilhado. Espalhados em formato virtual ou organizados fisicamente, os livros serão sempre eternos companheiros, instruindo, emocionando, alegrando, aprimorando o pensamento, oferecendo novos sentidos, criando transcendências. Debitar gratidão àqueles/as que envi-





dam longas horas de árduo trabalho para que não nos falte a luz necessária do esclarecimento é uma forma de gentileza incomparável. Se temos a sorte de dispor desses recursos em mãos, é fundamental refletir sobre a necessidade de dividirmos esse patrimônio entre as milhares de pessoas que anseiam saber no planeta governado por palavras impressas e para quem gráficos, frases ou números são, em geral, impossíveis de se entender. Existem, no mundo, mais cegos de entendimento que deficientes visuais de nascença. Imaginemo-nos, por um momento, no lugar de alguém que vê os livros, mas nunca irá ler nenhum. A era da informação, paradoxalmente, é a de menos leituras. Crianças, jovens e adultos, em todos os continentes, leem cada vez menos. A cilada das redes sociais resulta no abandono das bibliotecas. Os livros estão encalhados. Há inflação de informação e vazios de reflexão. Aqueles/as que partilham contrainformação jamais se reconhecem como tal; logo, empanturram-se de devoção àquilo que julgam ser o melhor propósito para as outras pessoas.

Do valor da casa própria. Não há nenhum problema em dispor de casa própria, nos abrigar sobre um teto seguro e confortável, definido por aquilo que consideramos necessário ao próprio gosto e requinte. Inadmissível, no entanto, é fazer vista grossa às multidões refugiadas sob a precariedade de tetos de lonas plásticas, sobrevivendo com riscos diários de incêndios nos campos de refugiados de guerras. Cruel e monstruoso é permitir que milhares de pessoas continuem a viver nas ruas, sujeitas a toda forma de insalubridade e insegurança. O déficit habitacional brasileiro, de mais de 8 milhões de moradias, não é só a soma métrica do IDH de uma população à deriva: é a chaga viva de uma sociedade que vira as costas aos mais vulneráveis que ajudou a produzir.

Da formação escolar. Não pode ser considerada justa uma nação que submete a maior parte de sua gente a flagelos evitáveis. Da divisão básica do alimento diário à satisfação de emprego, teto, terra, renda mínima, saúde ou educação formal, todos/as, por uma questão de dignidade, devem dispor de sólida reserva de formação intelectual. Que ninguém seja privado





do direito à escolarização continuada. O acesso aos níveis de ensino formal é um pré-requisito indispensável à cidadania completa. Com educação escolar, fortalecem-se novas relações sociais, edifica-se caráter, enobrece-se e transforma-se uma nação. A justa medida na educação é a fonte perene da nova consciência planetária advogada, há muito, pelas pessoas de boa vontade em todos os quadrantes da Terra.

Do mal-estar nacional. No Brasil, onde ainda perdura um vergonhoso ajuste econômico, a nódoa de velhas mentiras jurídicas e políticas impõe à sociedade rupturas monstruosas. Grande parte das autoridades constituídas deu as costas ao sofrimento que elas mesmas produziram e finjam não escutar o clamor do povo. Uma civilização partida, atravessada pelo ódio vingativo, tem à sua frente sentidos limitados de esperança, recondução e regeneração solidária. A elite brasileira é nossa maior derrota evolutiva.

Dos indiferentes. Muitos permanecem egoisticamente instados em vantagens pessoais, aferrados às riquezas que acumulam: são os indiferentes aos sofrimentos alheios. Creem no achismo de suas palavras, escapando de refletir sobre a razão de ser das coisas. Ignoram a necessidade de meditar, agir e servir – em verdade – sob o princípio do encontro fraterno; de consolidar o valor pleno da solidariedade sem fronteira. A teimosa deserção da luta comum a favor de vantagens na vida privada é a mais grotesca forma de negação civilizacional. É necessário cuidar do mundo amorosamente: queimar os espinhos da indiferença; fortalecer a prática do bem; superar o imediatismo condenatório; imprimir ao testemunho a dimensão ética e o selo da compaixão; abraçar todos/as com o signo da concórdia; esquecer o revide; instituir o perdão incondicional; dar vazão à nobreza de caráter; anelar pela consumação da paz; procurar fazer hoje algo melhor que ontem. Que ninguém destrua o valor da liberdade, tampouco assuma posturas autoritárias nem flerte com fundamentalismo, sectarismo ou extremismo de qualquer natureza. Sem o despertar da consciência, o povo continuará ferido e a possibilidade de libertação transforma-se numa luta duríssima. Ainda agora, pós-pandemia da Covid-19, uma legião ex-





pressiva de adeptos do negacionismo difunde propaganda enganosa e, com espantosa imoralidade, dissemina mensagens falsas e divulga mentiras, sabotando as mídias sociais, de modo que a população tem árdua dificuldade de enxergar a verdade dos fatos. Por experiência, quase todo mundo sabe, quando algo se impregna em nós, só com muita dificuldade nos libertamos. Isso serve para tudo. Entretanto, na dinâmica da existência, haverá sempre duas opções: ser canal vivo da paz, regeneradores/as da vida ou causar dissabores, identificar-se com os perversos. Iniciar uma nova experiência de convivência humana, com dignidade, esperança e justiça plena, requer saber escolher em qual lugar queremos estar. Porém, não é fácil assumir e permanecer nesse lugar. É uma luta indeterminada, mas não inalcançável. Irradiar a bondade, abandonar o ódio, difundir a justiça, reconduzir a cooperação, garantir dignidade aos mais fracos é se tornar “luz das nações” (Is 42:6). Acreditamos que o fel que envenena nosso povo será eliminado quando pararmos de seguir os opressores. Falsos ídolos estão por toda parte, e aqueles que nos enganam vêm com vestes de cordeiro. O próprio Banco Mundial, denuncia Milton Santos (2008, p. 73), “que, em diferentes partes do mundo, financia programas de atenção aos pobres, querendo passar a impressão de se interessar pelos desvalidos, quando, estruturalmente, é o grande produtor da pobreza”, ataca, “funcionalmente, manifestações da pobreza, enquanto estruturalmente se cria a pobreza ao nível do mundo. E isso se dá com a colaboração passiva ou ativa dos governos nacionais”. Os templos financeiros, as “casas sagradas” das moedas, são os atuais holocaustos – espalhados por todo o mundo –, sacrificando a vida dos países mais pobres. O frio da avareza, as garras da sovinice e a destrutiva indiferença modificaram a cultura contemporânea. Ombreando conosco, estão milhares de mães infelizes, esquecidas pelo mundo. Tantas aspiram a somente conseguir migalhas de conforto básico, espalhadas pelas ruas das cidades, mendigando sobras dos mais abastados; uma legião de mulheres pobres, negras, indígenas, imigrantes, com suas crianças vulnerabilizadas, sobreviventes de uma contraditória, covarde e perversa ordem social. Do-





lorosa e pesada é a cruz de cada dia dessas pessoas. Mulheres mendigas, vítimas da indiferença, chagadas pelos aguilhões da penúria, estacionadas no tempo, paralisadas junto aos sinais de trânsito. Onde te escondestes, ó lei inderrogável que governa a vida: “o que fizestes a um dos menores desses meus irmãos, a mim o fizestes”; “o que fizerdes a outrem, a ti mesmo fazes” (Mt 25:40). Eis que se grita: procuro e não encontro, peço e não recebo, bato e não e se abre! Tornaram-se as pessoas calcificadas ao sofrimento alheio? “Eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10:10) parece não fazer sentido no altar sacrificial do mercado. No oceano do capitalismo, o Filho do Homem não passa de um devaneio apologético, hoje, reconfigurado pela escalada monstruosa do neoconservadorismo pentecostal, transformado em princípio dos exércitos, rei da prosperidade. É uma falsa teologia que sequer coloca em dúvida as mentiras que “trazem nas mãos” (Is 44:22). É preciso estar no mundo para transformá-lo e, mesmo sendo dolorosa a luta contra a indiferença que exclui os mais fracos, nesse estar no mundo, não podemos dela abdicar e deles nos afastar.



Eu, Nāo, Tu!

16





Vimos como uma fogueira de gravetos se apaga. Agora o fogo queima em outro lugar. Onde? Quem poderá saber? Estas brasas estão queimadas.

Chuang Tzu

Em seu magistral romance/poesia, Nikos Kazantzakis (s/d) narra o que muito bem poderia ter sido a voz do Pobre de Assis extraída de uma pequena parábola:

Era uma vez um eremita que durante a vida inteira se esforçava por atingir a perfeição. Depois de repartir todos os seus bens entre os pobres, retirou-se para o deserto e consagrou-se à oração. Chegou a hora da morte. Foi para o céu e bateu à porta do paraíso. “Quem é?”, perguntou uma voz lá dentro. “Eu!”, respondeu o ermitão. “Aqui não há lugar para dois”, replicou a voz, “vai embora!”. O eremita então desceu novamente à terra e reiniciou a luta: pobreza, jejum, preces, lágrimas... Quando morreu pela segunda vez, ei-lo de volta à porta do paraíso. “Quem é?”, indagou a mesma voz. “Eu!”. “Aqui não há lugar para dois, dá o fora!”, repetiu a voz. Desesperado, o eremita regressou à terra outra vez, recomeçando a luta com mais fervor do que nunca, para obter, enfim, a salvação de sua alma. Aos cem anos morreu pela terceira vez. Apresentou-se ao paraíso. “Quem é?”, perguntou a voz. “Tu, Senhor, Tu!”, respondeu. Então a porta se abriu instantaneamente e ele entrou.

O apelo milenar do Pobre de Assis conserva-se ainda atual: fortalecer o mundo que ameaça desmoronar, fortalecer a nobreza da alma ante a cascata da corrosão do caráter, conservar a ternura, o vigor, a paz e o amor, combatendo a ira, a ambição e a inveja. O Eu, segundo a parábola, não entra no paraíso. Uma lição pura e simples. É como se somente a essência





interior pudesse alcançar a essência superior. Quando a satisfação espiritual é satisfação no espírito (M. Eckhart, 2006), anulam-se as discordâncias – a vida e o cosmo tornam-se indivisíveis. Eis o cerne da mensagem.

Quem dispõe de alegria espiritual, da mesma alegria os outros contagia. A alma que trabalha inegoisticamente é livre, ou seja, age sem apego, foge da ilusão do lucro, vira as costas para a satisfação própria, torna-se una no uno, vive em paz, na certeza invariável do amor ao próximo, alcançando uma vida de absoluto inegoísmo e dedicação. Quem transborda sua vontade interior na unidade do verdadeiro ser carrega no peito a leveza dos grandes ensinamentos. Por isso, se diz: seu coração é o próprio Evangelho.

Anelar o transcendente sem viver o transcendível é ilusão, assim como tentar falar de amor sem praticar a justiça não funciona. Justiça sem caridade é como uma semente estragada. A divindade latente em cada um precisa ser regada para se revelar, pois se manifesta pela completa entrega ao bem comum, na máxima de “amar ao próximo mais do que a si mesmo”. Vale reafirmar algumas definições, como dizia Hélder Câmara (1976, p. 21):

pusilânime é quem tem alma pequena e mesquinha, magnânimo é quem tem alma grande, profunda e larga. Em todos os pensamentos, desejos e atos, esforce-se por ser, de verdade, magnânimo: risque de seu dicionário expressões como “inimigo”, “inimizade”, “ódio”, “ressentimento”, “rancor” [...].

Como árvore frondosa que produz bons frutos, assim é aquele/a que supera o egoísmo. Ao crescer, como a majestosa tamareira, serve sem reter nada para si. O ser humano que nem o céu almeja torna-se pleno, rasgou o véu do individualismo. Há de mobilizar todas as forças da vida contra as forças da morte, viverá em cooperação mútua e acreditará que a paz é o excelso modo de sobrevivência da humanidade.

A pessoa boa do bom tesouro do seu coração tira o bem (Lc 6:44) e, em liberdade, pode dizer: “Eu, não, tu!”.



Bom Termo

17





Não faças a ninguém aquilo que não gostaria que te fizessem. Guarda-te de jamais fazer a outrem o que não quererias que te fosse feito. Não faças a ninguém o que não queres que te façam.

Ensinamentos de Cristo

Dá de teu pão àquele que tem fome e de tuas vestimentas aos que estão nus. Come o teu pão em companhia dos pobres e dos indigentes. Cobre com as tuas próprias vestes os que estiverem desprovidos dela. Dá de teu pão aos que têm fome, e de tuas roupas aos que estão nus.

“Busca o conselho de toda pessoa sábia. Busca sempre conselho junto ao sábio. Busca o conselho de toda pessoa sensata, e não desprezes nenhum conselho salutar”.

“Em todas as circunstâncias, dirija teus passos corretamente e faça com que teus caminhos e teus planos cheguem a bom termo. Dirija teus caminhos e que cheguem a bom termo todas as tuas veredas e teus projetos” (Tob 4:16-17; 19:20)

Como conservar a dimensão da solidariedade de gerações passadas com todos/as aqueles/as que foram feridos violentamente pela mão humana, em sua integridade física, política, cultural, moral e pessoal? É possível pensar e viver “adequadamente exigências universais de justiça e chamados à felicidade, projetos de sentido para a vida e a morte, enraizados em culturas, tradições e histórias diversas?” (Cortina, 2009, p. 21). Nossa convicção é de que sim. Entretanto, acreditamos que em nenhuma circunstância podemos ignorar o sofrimento provocado, a violência induzida ou mesmo a mentira disseminada. Defendemos que qualquer perspectiva ética sincera tem de levar a sério as injustiças já sucedidas e irreversíveis (Habermas, 2000) e que “cada geração tome suas as lutas e as conquistas das gerações anteriores e leve-as a metas ainda mais altas” (Francisco, 2000, p. 16).





Questionemo-nos: como fomos condicionados a aceitar que apenas oito indivíduos sejam donos de mais riqueza do que a metade da população mundial e continuamos achando que o sistema está dando certo? (Dowbor, 2017). De que modo continuamos indiferentes à destruição sistemática dos recursos finitos da Terra? Sob qual frieza de coração fomos levados a permanecer paralisados diante dos genocídios em Gaza e no Sudão? Que respostas realmente temos dado ao feminicídio nacional? Como manter essa cegueira mental ativa?

O desejo obsessivo de propriedade privada e o individualismo personalista efêmero são sinais de fraqueza moral, pois tendem a parasitar e paralisar experiências sociais mais variadas. Se aproximadamente 800 milhões de pessoas vão dormir famintas toda noite, é porque naturalizamos a ganância e respiramos, como normal, o ar da insensibilidade, alojando-os no recanto da vida íntima de cada um/a.

Muitos permanecem instados egocentricamente a vantagens pessoais, aferrados às riquezas que acumulam, continuando alheios às dores do mundo. Creem no achismo de suas palavras, escapando de refletir sobre a razão e a contradição de ser das coisas. Ignoram a necessidade de sentir, agir e servir sob o espírito da comunhão indistinta ou de consolidar o valor pleno da solidariedade transnacional. Atualmente, a teimosa deserção da luta em favor de interesses próprios é o mais grotesco padrão de vida líquida (Bauman, 2014) moderna.

Toda ação/reflexão carece de bom termo. É necessário cuidar do mundo, de preferência, amorosamente. Queimar os espinhos da indiferença, fortalecer a prática do bem, superar o imediatismo, imprimir ao testemunho o selo da compaixão; acolher todos/as com signo de profundo respeito; esquecer o revide; instituir o perdão incondicional; dar vazão à nobreza da alma; anelar pela consumação da paz; trilhar o caminho não violento; fortalecer o caráter no princípio da não resistência; procurar fazer hoje algo melhor que ontem.





Que ninguém, instigado por falsos moralismos, destrua o valor da liberdade, aspire a ideologias autoritárias nem flerte com qualquer forma de fundamentalismo, sectarismo ou extremismo de ocasião. Moldemos o coração, os sentimentos e afetos à luz da sincera alegria. Que a compaixão e a bondade tornem-se agradáveis em meio aos estranhos. Que a partilha da presença fortaleça laços de amizades sinceras e o silêncio meditativo torne-se aprazível à elevação moral em cada ser. O bom termo é suave, agradável e não violento.





Proteger a Casa Comum

18





Precisamos de uma nova solidariedade universal, para garantir a proteção da casa que partilhamos.

Papa Francisco

Encontramo-nos atualmente numa fase crítica da história do Planeta, num momento em que a humanidade precisa escolher seu futuro. O progresso rumo a modelos cada vez mais interdependentes, mais frágeis e contraditórios, projeta um futuro repleto de grandes perigos e de grandes promessas. Para progredir, temos de reconhecer que, não obstante a extraordinária diversidade de culturas formas de vida, somos uma única família humana e uma única comunidade terrestre com o mesmo destino.

Carta da Terra



A Terra, preciosa Casa Comum, é mãe benfazeja de todas as vidas. Majestosa Gaia, que a ninguém exclui; ao contrário, acolhe, ampara, alimenta, gera e regenera. De seu ventre profundo, tudo provém e a ele tudo retorna. Ela é a perfeitíssima síntese da comunhão integral. Seus ecossistemas são a pura seiva da vida, dispostos como manto protetor especial, oferecem abrigo, subsistência e condições de reprodução a milhões de organismos e micro-organismos vivos em todas as partes. Ela é a mais bela vida entre todas as vidas.

Por sucessivas gerações, temos realizado descobertas fantásticas, enviando sondas a outros planetas, fazendo viagens em naves espaciais incríveis. Gradualmente, estamos entendendo a dança cósmica do universo e sua constante expansão. Mas, por mais incríveis que sejam outros lugares dentro da imensidão do universo, com suas milhares de galáxias, conhecidas e desconhecidas, ainda não fomos capazes de localizar algum planeta com condições de vida semelhantes à Terra-Pátria, pois esse nosso Pálido Ponto Azul ainda nos é único.



Somente aqui, a vida emerge com intensidade, harmonia, complexidade e cooperação. Por isso, saber cuidar de nossa Casa Comum se configura, hoje, no maior e mais importante desafio da humanidade, não importa qual lugar se habite, a religião professada, a cultura ou os valores de que se tome parte. Somente o cuidado com a Mãe Terra poderá garantir que permanecemos vivos em nosso único lar.

Atualmente, temos consciência de que os recursos essenciais para o equilíbrio da existência dos seres são finitos e que a sobrecarga da Terra é uma ameaça real. Caso continuemos nos percebendo senhores da criação, multiplicando e dominando, deixando de nos sentir parte da fauna e da flora terrestre, colocaremos em risco a existência de tudo o que é vivo. Certamente, equilibrando orgulho e humildade, conforme defende Edward O. Wilson (2018), poderemos encarar com mais prudência nosso lugar na Natureza. Para tanto, urge uma preparação que não pode ser mais adiada: a passagem da cultura antropocêntrica (predatória, destrutiva) ao modelo ecológico (integrador, harmonioso, holístico), acompanhada por uma nova visão do universo.

Refletindo sobre situações tão complexas como essas, um Comitê Internacional, sob a liderança de Steven Rockefeller (EUA), em 1997, esboçou, de forma colaborativa, o primeiro texto intitulado *Carta da Terra*. Alguns eventos anteriores – *Declaração de Estocolmo* (1972), *Carta do Mundo para a Natureza* (1982), *Relatório Brundtland* (1987), *Declaração do Rio de Janeiro* (1992) – ajudaram líderes mundiais, organizações ambientais, personalidades, instituições e sociedade civil organizada a debater e praticar medidas fundamentais quanto à necessidade de um ambiente natural, equilibrado e salutar. Gradualmente, governos, em muitos países, tentam aprimorar políticas de combate à poluição ambiental, programas de enfrentamento à miséria e de assistência e promoção social.

A *Carta da Terra*, não obstante, se tomada em sua integralidade, certamente poderá vir a se constituir no mais importante documento do século XXI, realizando seus principais anelos: promover sociedades justas,





pacíficas e sustentáveis, cujo senso de interdependência e corresponsabilidade poderá superar radicalmente o egocentrismo que alimenta e dissemina o comportamento predatório atual. Ela é, sem sombra de dúvidas, um dos mais lúcidos apelos de esperança da humanidade côncia. Nela, renova-se a confiança de que um outro mundo pode ser realizado.

A *Carta* é, em grande medida, o novo testamento de vida para um mundo regenerado. Todos/as, de um modo ou de outro, sabem que a Natureza nos favorece; dela, tiramos recursos para nos vestir, abrigar, proteger, curar. Porém, como lembram Ferrero e Holland (2004, p. 12-13): “[...] se consideramos a Terra simplesmente um recurso econômico a explorar e espaço para nossa comodidade e conveniência, teremos um planeta seriamente prejudicado em sua capacidade de sustentar a vida. A Terra é uma comunhão de sujeitos e, não, uma coleção de objetos”.

Precisamos, mormente, recuperar a dimensão maior que nos une à Mãe Terrena, manifesta por integralidade, amorosidade e acolhimento para com todos os seres à nossa volta; caso contrário, não somente as outras espécies correm o risco de extinção. Com sabedoria e prudência, saberemos dizer onde erramos, onde e quando devemos parar; revelar os perigos causados e recomeçar outra vez. Haveremos de combinar sensibilidade com razão sem causar prejuízo a nada, nem a ninguém.

Em seu preâmbulo, a *Carta da Terra* reclama por nossas responsabilidades, dizendo:

Encontramo-nos atualmente numa fase crítica da história do planeta, num momento em que a humanidade precisa escolher seu futuro. O progresso rumo a modelos cada vez mais interdependentes, mas frágeis e contraditórios, projeta um futuro repleto de grandes perigos e de grandes promessas. Para progredir, temos de reconhecer que, não obstante a extraordinária diversidade de culturas e formas de vida – somos uma única família humana e uma única comunidade terrestre com o mesmo destino (Ferrero; Holland, 2004, p. 43).





Sentirmo-nos responsabilizados uns pelos outros, pela defesa do bem conviver, dos seres vivos, respeitando os direitos universais de todos os povos da Terra, é um profundo reconhecimento de nossa interdependência. Assumir que cada forma de vida tem seu valor intrínseco contribui para a compreensão acerca da importância do cuidado com nossa Casa Comum. Nesse sentido, é primordial acolher a ideia que liga a Mãe Terra à humanidade como parte de um vasto universo em evolução, pois a Terra, nosso grande lar,

[...] é viva com uma comunidade de vida única. As forças da natureza fazem da existência uma aventura exigente e incerta, mas a Terra providenciou as condições essenciais para a evolução da vida. A capacidade de recuperação da comunidade da vida e o bem-estar da humanidade dependem da preservação de uma biosfera saudável com todos seus sistemas ecológicos, uma rica variedade de plantas e animais, solos férteis, águas puras e ar limpo. O meio ambiente global com seus recursos finitos é uma preocupação (Ferrero; Holland, 2004, p. 43).

As preocupações se concentram sobre padrões dominantes de consumo, particularmente aqueles que causam devastação ambiental, põem em risco o equilíbrio dos ecossistemas, reduzem drasticamente os recursos naturais, colocam em perigo a fauna e a flora e promovem a extinção das espécies. Nenhum benefício de desenvolvimento tecnológico se sustenta se, ao mesmo tempo, arruína a segurança de comunidades tradicionais, provocando aquilo que, na bioética, denomina-se mistanásia (morte social – precoce e evitável – entre os mais vulneráveis).

A história predatória do capitalismo não pode esconder que determinados padrões de consumo são os responsáveis pelo aumento da destruição ambiental; que o mesmo modelo favorece uma política autofágica e inumana, provocadora de sofrimentos, injustiças, mortes; e que o aumento





das desigualdades não pode se transformar numa medida métrica, justificada pelo crescimento da população de pobres. Nesse sentido dilemático, haveremos de saber bem escolher: “[...] formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou arriscar a nossa destruição e da diversidade da vida” (Ferrero; Holland, 2004, p. 2).

Logo, indubitavelmente,

[...] são necessárias mudanças fundamentais dos nossos valores, instituições e modos de vida. Deveremos entender que, quando as necessidades básicas forem atingidas, o desenvolvimento humano será primariamente voltado a ser mais, não a ter mais. Temos o conhecimento e a tecnologia necessários para abastecer a todos e reduzir nossos impactos ao meio ambiente. O surgimento de uma sociedade civil global está criando novas oportunidades para construir um mundo democrático e humano. Nossos desafios ambientais, econômicos, políticos, sociais e espirituais estão interligados, e juntos podemos forjar soluções includentes (Ferrero; Holland, 2004, p. 2).

A realização dessas aspirações, de elevadíssimo valor civilizacional, não será alcançada unilateralmente. Uma responsabilidade tão profunda como essa requer, sobretudo, um novo sentido da existência coletiva, cujo fundamento ético deve guiar toda a comunidade humana (Barbalho, 2023).

Não há mais como desconsiderar que a destruição da Natureza, dos sistemas fluviais e da biodiversidade compromete a integridade de toda forma de vida na Terra. As mudanças climáticas são um risco enorme à saúde do planeta, um crime inafiançável. Precisamos recuperar a dimensão ético-sócio-antropológica e espiritual quanto ao sentido inegoísta de ocupar o mundo.

Certamente, não estamos diante de uma tarefa fácil. “Criar uma economia distributiva, regenerativa, que tira as pessoas do ‘buraco’ da





destruição e vira o ‘teto’ dos estragos ambientais” (Francisco, 2020, p. 73) requer esforço contínuo e vontade de ação redobrada, refundando a compreensão linear de crescimento econômico e toda a seara obsessiva em seu eixo totêmico. Se as grandes potências continuarem atuando sob a métrica do maior lucro ao menor custo e no mais curto espaço de tempo possível (Francisco, 2023), estaremos, em breve, todos/as atados numa só calamidade de efeitos apocalípticos.

Por décadas, vozes do mundo inteiro têm ecoado a favor de um novo *ethos* civilizacional. Consensos míнимos têm sido discutidos em torno da compreensão de que a Terra é uma herança comum e, por conseguinte, seus bens também deveriam gozar do mesmo entendimento. Numa abordagem ecológica integral, não há lugar para sistemas de privação. Os direitos essenciais à vida decente são garantidos; nela, a integridade física e moral não se negocia. O bem viver da Terra e de todos/as os/as seus filhos/as deve tornar-se direito universal e converter-se em princípio basilar de uma ordem ético-política-econômica-social.

Em sua dinâmica gênese, há mais harmonia do que se imagina na ordem evolutiva da criação. Todavia, sob constantes rupturas e alterações, desequilibramos a grande teia da vida e, em seu lugar, instauramos o caos, o descuido, as agressões. Artífices do mundo financeiro arrotam respostas estapafúrdias – dia a dia – em volta de falaciosas receitas, fingindo desconhecer os males que afigem a dignidade da pessoa humana, da fauna e da flora naturais. Uma ação não se separa da outra. Quando a degradação ambiental cresce, de igual forma, em proporção ascendente, também aumenta a degradação humana e de todos os pilares éticos que a sustentam.

Proteger a Casa Comum é um compromisso inadiável de governos e das pessoas – em quaisquer quadrantes do mundo. Todavia, os primeiros são diretamente responsáveis pela catástrofe em curso. Ao adotarmos padrões intensos de consumismo, recai sobre o planeta a incapacidade de “processar” o descarte dos resíduos oriundos do hiperconsumo. No campo alimentar, é gravíssima a nossa incapacidade de limitar desperdícios.





Diariamente, toneladas de alimentos são desperdiçadas em detrimento da fome de mais de dois terços da população pobre, constituída por mulheres, trabalhadores/as precários/as, moradores/as de rua, sem teto, moradores/as de periferias, refugiados/as de guerras, crianças órfãs e desempregados/as.

Conforme dissemos em outro lugar,

não fomos criados para sermos autores de obras mortas, escravos da egolatria, apóstolos de mentiras, assassinos da esperança, mentores de ódios, cultores de anedotas indignas, gestores da corrupção, sacerdotes do contratestemunho, comunicadores/as do caos, médicos da usura, educadores/as medíocres, cientistas de guerra. Somos elos de uma corrente maior, integrando-se e integrados uns aos outros (Barbalho, 2019, p. 53).

Noutras palavras, se quer dizer, sobretudo, que os verdadeiros problemas da humanidade necessitam passar, fundamentalmente, pela dimensão do amor à vida, amparado pelo profundo respeito à dignidade dos mais fragilizados, de maneira que a ética do viver prevaleça sobre interesses e decisões nas esferas local, regional ou mesmo global.





Dar Forma à Vida

19





No final, só conservaremos aquilo que amamos. Só amaremos aquilo que compreendermos. Só compreenderemos aquilo que nos ensinaram.

Baba Dioum, guarda florestal senegalês

Nenhum ser humano alcança plenamente a compreensão de sua existência sozinho. Qualquer esforço nessa direção será marcado pelo dinâmico modo de interações que nos levou a ser quem somos ou julgamos ter nos tornado. Não há biografia sem inferência de outra(s). Difícil é vir a ser o que se deveria ser sem se conhecer e acolher o desconhecido. A consciência – amiúde – da existência e a forma inacabada da matéria levam-nos, peremptoriamente, a nos tornar corresponsáveis por nossas memórias, histórias e invenções. No universo que cada um/a representa, elevado é dispor de confiança quanto à possibilidade de ser e poder saber ser aquilo que se deve ser e realizá-lo com máxima dignidade e empatia.

Em nosso mundo ambivalente, sub-repticiamente instigado por escolhas e probabilidades, compreender que a ordem, a desordem e a organização encontram-se quimicamente juntas (sentirmo-nos parte do complexo biofísico da biosfera), e nós (*Homo sapiens* e *Homo demens*), esse elemento incomum da diáspora cósmica, traz enorme proteção ante a monstruosa perspectiva fatalista que opera em escala mundial.

Magnânimo é saber que nos encontramos “no gigantesco cosmos em expansão, constituído de bilhões de galáxias e de bilhões e bilhões de estrelas. Aprendemos que nossa Terra era um minúsculo pião que girava em torno de um astro errante na periferia de pequena galáxia de subúrbio. As partículas de nossos organismos “teriam aparecido desde os primeiros segundos de existência de nosso cosmos há (talvez?) 15 bilhões de anos” (Morin 2011).

Extraordinário é compreender que





nossos átomos de carbono formaram-se em um ou vários sóis anteriores ao nosso; nossas moléculas agruparam-se nos primeiros tempos convulsivos da Terra; estas macromoléculas associaram-se em turbilhões dos quais um, cada vez mais rico em diversidade molecular, se metamorfoseou em organização de novo tipo, em relação à organização estritamente química; uma auto-organização viva (Morin, 2011, p. 44-45).

Toda essa perfeição não resultou do acaso, mas de um processo quimicamente benigno e de infinitas simbioses.

Quando o ódio, e não o amor, se transforma em vórtice da vida, é como se esvaziássemos a alma, deixando-a oca. Uma alma oca é violentamente pessimista; logo, incapaz de demonstrar a si mesma ou aos outros suas potencialidades de criação, acaba degenerando-se. Com o tempo, murcha, deixando de instar alternativas, perdendo visão local, dimensão global e a polivalente conexão da realidade dos fatos.

Seja como for, a incapacidade de agir dando sentido à vida revela, basicamente, o quanto forte é o desapontamento com a esperança. Seria irônico, diria Paulo Freire (1998, p. 59),

se a consciência de minha presença no mundo não implicasse já o reconhecimento da impossibilidade de minha ausência na construção da própria presença. Não posso me perceber como uma presença no mundo mas, ao mesmo tempo, explicá-la como resultado de operações absolutamente alheias a mim.

Noutras palavras, ninguém deveria se sentir inabilitado a contribuir com o aprimoramento da crítica e da reforma social da sociedade (na grande poeira de interações interindividuais que nos entrelaça) em suas diferentes e conflitivas formas. Certamente, quanto mais pudermos saber por que agimos da maneira como agimos e como se realiza o funcionamento de





nossa sociedade, possivelmente seremos mais capazes e aptos a influenciar nossos próprios comportamentos e decidir melhor sobre as escolhas cotidianas e futuras que fazemos (Giddens, 2005).

Até agora, em larga medida, somos uma das grandes vergonhas no mundo. Reproduzimos gestos ofensivos uns contra os outros e multiplicamos situações completamente inauditas em quase todos os quadrantes da vida social. É imperioso que esse estar presente no mundo possa acompanhar os apelos de regeneração da cultura – há séculos anelado – por diferentes civilizações. Necessitamos travar combate contra as cordialidades mortas, germinadas pela falsificação de pseudossentimentos; opor-nos aos chamados clientes de emoções cinematográficas que deitam raízes de instabilidades patológicas nas mídias sociais.

A “[...] eliminação da espontaneidade e a substituição dos atos psíquicos originais por sentimentos, pensamentos e desejos sobrepostos àqueles” (Fromm, 1970, p. 192) arruínam a nobreza de caráter da nação, favorecendo o agravamento da ignorância no todo do tecido social. “Gosto de ser gente”, dizia Paulo Freire, “porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam” (Freire, 1998, p. 60).

Essa advertência amorosa quer, em grande medida, nos afastar de qualquer apelo fatalista, pois se forja na convicção de uma ética cordial e esperançosa, com o compromisso de instaurar uma outra ordem: socialmente equânime, economicamente justa e politicamente decente. Para tanto, necessitamos fortalecer o direito de manifestar nossos pensamentos ante a insensatez dos extremismos e intolerâncias vigentes, sem abdicar das condições psicológicas interiores que dão suporte à constituição das individualidades no campo das fricções sociais. O olhar atento sobre a vida e as metamorfoses de sua inconclusão, para utilizar um termo seminal de Freire, nos inserta à busca por esperança, justiça e ética duradouras.





Seguindo nessa direção, concordamos com Boff (2003) quanto à necessidade de chegarmos a consensos mínimos, com “referência à satisfação das necessidades básicas de comer, de vestir, de morar, de ter saúde, de trabalhar e de se comunicar com outros seres humanos”. O ser humano, defende o autor,

não é apenas um ser de materialidade, mas também de espiritualidade. Por isso, nessas necessidades básicas, deve-se incluir a satisfação mínima da sede de beleza e de transcendência que caracteriza a profundidade humana. Como criar condições mínimas para que os seres humanos possam subsistir (garantir o ter) e dar sentido à vida (garantir o ser), especialmente os excluídos do processo produtivo? [...] Faz-se mister a inteligência emocional, o *pathos* para a solidariedade e a com-paixão e o sentido espiritual da existência [e da coexistência] (Boff, 2003, p. 49-50).



É o que se denomina ecologia mental, capaz de recuperar a violenta e profunda ruptura em relação aos valores da ordem cósmica. Nesse caso, algumas premissas são necessárias: a) Perceber as coisas pelo que elas são e evitar o esbanjamento desmedido, o insensato egocentrismo; b) Superar o império do efêmero e a tirania da escolha; c) Dispor de reverência e respeito à Natureza; d) Não viver a esmo, simplificar a vida, ser semente do novo, ainda que dentro de uma ordem gasta pelo velho e destrutivo modo de viver no mundo; e) Reconhecer que um “modo de ser não é um novo ser”, mas pode vir a ser o germe desse novo que precisa ser; f) Compreender que existir e coexistir pacificamente deveriam se transformar em nossa maior fascinação; g) Cumularmo-nos com gestos de generosidade, solidariedade e desvelo; h) Jamais maltratar, agredir, ferir ou destruir nossa Casa Comum, a Terra; i) Assumir responsabilidades contra a destruição da biosfera e com a nossa própria perspectiva de existência; j) Reconhecer que a humanidade é uma magnífica realização do universo, mas também frágil



e carente de cuidado; k) Favorecer a paz, a beleza, a harmonia e a plenitude como condições *sine qua non* de um desenvolvimento econômico solidário, justo e fraterno entre as nações (Boff, 1999; 2003; 2008; Barbalho, 2023; Lipovetsky, 2009; Schuwartz, 2024; Francisco, 2016; Wilson, 2013).

Será tonto, imprudente, desrespeitoso, negligente adiarmos a necessidade de avaliação e prática dessas premissas, eximindo-nos das tarefas de uma nova síntese cultural. Carecemos de nos elevar à condição de administradores responsáveis do bem conviver, sob o signo de maior dignidade e nenhum sofrimento (guardiões/ás da paz), capazes de dar forma à vida, sentindo tudo em todos.

A cultura do relativismo prático é um problema hodierno grave. É uma patologia que leva à anulação da outra pessoa, favorece a escravidão e múltiplas formas de exploração – econômica, política, cultural. Um antropocentrismo desordenado gera um estilo de vida desordenado. Afirma o papa Francisco (2015, LS, 122, pp. 99-100) , em um de seus estudos:



Quando o ser humano se coloca no centro, acaba por dar prioridade absoluta aos seus interesses contingentes, e tudo o mais se torna relativo. Por isso, não deveria surpreender que, justamente com a onipresença do paradigma tecnocrático e a adoração do poder humano sem limites, se desenvolva nos indivíduos este relativismo no qual tudo o que não serve aos próprios interesses imediatos se torna irrelevante. Nisto há uma lógica que permite compreender atitudes, que provocam ao mesmo tempo a degradação ambiental e a degradação social.

Quantas barbáries têm sido cometidas diariamente em nome de uma ordem autoritária: a escalada sanguinária das guerras; os sequestros de pessoas; as tensões por fronteiras geográficas; o descarrilhamento dos regimes democráticos; a ascensão dos extremismos de direita; o tráfico de órgãos; a destruição das florestas; a poluição dos mares; o descarte de crian-



ças; o abuso sexual de adolescentes e o assassinato de lideranças populares são dimensões perversas desse mesmo relativismo prático.

Não há prova alguma de que um extraterrestre tenha emitido gases pesados de efeito estufa na atmosfera; provocado o aquecimento global com ondas de calor cada vez mais intensas e frequentes; favorecido chuvas ácidas, tempestades tropicais devastadoras ou queimadas em larga escala. Todas essas situações são de responsabilidade dos seres humanos, os verdadeiros campeões da extinção das espécies e catástrofes climáticas.

Porém, a demência poderá ser curada, desde que se deseje alterar a natureza da imprudência, reformular a tirania do desejo, acolhendo em si a razão cordial, a inteligência sensível e a consciência emocional, transformando os impasses gerados do eterno vagar sem nunca alcançar em um ansiado mundo novo, respeitando toda vida com esmero, cuidado, proteção, ternura e vigor.



A Sedução das Coisas

20





Humilhando, animalizando, rebaixando as pessoas, o consumo dinamita a razão e coloniza o espírito.

Caminhamos, em largos passos, consciente ou inconscientemente, imersos no lodo de uma economia frívola, profundamente materialista e estupidamente fútil, lastreada por uma moral hedonista, cujo eixo central faz girar enorme profusão de automatismos consagrados ao culto do desperdício e do excesso, egolatrias – todos, em menor ou maior proporção, voltados para o efêmero. A abdução cega aos objetos tem uma penetração abismal no comportamento cotidiano das pessoas, seja ele individual ou coletivo. A aceleração do desuso dispõe de uma rede profissional de especialistas em marketing extravagantemente competentes.

O que faz gerar a escravidão do consumo é justamente o confinamento do ego, os medos individuais, a desintegração da cidadania e a busca de satisfação dos próprios interesses. Adultos ou jovens que se recusam a amadurecer preferem o caldeirão das individualidades fúteis, apoiados por influenciadores medíocres (constrangedores e maus), a romper com o jogo da sociedade de escolhas “dirigidas”.

Para se perpetuar, os industriosos do poder usam estratégias plausíveis e factíveis de aprisionar a população numa sede compulsiva que se aperfeiçoa diuturnamente. O que está errado com a sociedade em que vivemos, disse Cornelius Castoriadis, citado por Bauman (2014, p. 33), “é que ela deixou de se questionar. É um tipo de sociedade que não mais reconhece qualquer alternativa para si mesma e, portanto, sente-se absolvida do dever de examinar, demonstrar, justificar (e que dirá provar) a validade de suas suposições tácitas e declaradas”.

Se perdermos a dimensão do agir crítico, do dizer **não** à mentira e **sim** à verdade, questionar o impositivo, ler o mundo, reinventar, anunciar e denunciar, então nossa capacidade de “inteligir [...], de comunicar o inte-





ligido, de observar, de comparar, de decidir, de romper, de escolher, de valorar”, conforme enunciava Freire (1997, p. 675), nos deixará menos éticos.

Há, sem dúvida, uma força, monstruosa e letal, operando globalmente, tentando nos convencer da impossibilidade do sonho e do anúncio de outra perspectiva, restando a submissão como regra, o amesquinhamento da razão como fato estragado e a glorificação tecnológica como a última fronteira civilizatória. Ajoelhados ao novo deus (lucro-mercado-consumo), somos convencidos de que a eficácia cidadã foi tão somente um devaneio, que a história já está determinada e seu inexorável percurso traçado pelos que lucram contra os que perdem, prontamente definido. Ou seja, quer façamos ou deixemos de fazer, a minoria dominante continuará esmagando a maioria dominada.

Não temos dúvida: a obsolescência “dirigida” e o atual modelo de desenvolvimento da ordem econômica internacional são insustentáveis. Morelli acrescentará: são criminosos e blasfemos. Assevera o autor: “Arranca as raízes da vida e elimina a esperança da face da Terra. Somente podemos aceitar um modelo de desenvolvimento que garanta os direitos de toda a humanidade com justiça, paz e integridade da criação” (Morelli, 1997, p. 545).

Absurdamente, retomou-se, com enorme força, a tese de limpar o lugar dos indesejados (a atual dupla, em 2025, de governos em São Paulo – municipal e estadual – não é exemplo isolado desse modelo), expressa no projeto de fortalecer uma ordem movida pela indiferença, terrivelmente egocêntrica, seduzida por fantasias e aniquiladora da amorosidade.

Em grande medida, tem se alargado a esfera das aparências cujo culto aos objetos encontra no altar dos shopping centers adesão das massas. Técnicas de manipulação se sofisticam dia a dia. Os produtos se transformaram em instrumentos de vigilância e policiamento, promovendo constrangimento aos que ainda não estejam possuídos por eles. Humilhando, animalizando, rebaixando as pessoas, o consumo dinamita a razão e coloniza os espíritos. Poderosamente, os objetos operam como força de atração





no oceano das “escolhas”, na forma de algema econômica, tornando-se quase impossível se livrar desse tsunami.

É certo que o excesso de escolhas corrói os melhores momentos da vida. Ou seja, nem sempre apresentar às pessoas uma ampla gama de opções as faz se sentir livres; em vez disso, as paralisa (Schwartz, 2024). Se uma escolha é boa, ter sempre mais é o melhor? O universo de escolhas sem limites gera esquizofrenia, isso porque “somos forçados a esquadriñar, nós mesmos, mais e mais opções em quase todos os aspectos da vida” (Schwartz, 2024, p. 45).

Essa “bala mágica” em que se transformou o consumo é bem difusa. Na seara de opções, assevera Schwartz (2024, p. 42-43):

[...] as pessoas não ignoram alternativas se não perceberem que alternativas demais podem criar um problema. E nossa cultura santifica tão profundamente a liberdade de escolha que os benefícios de opções infinitas parecem autoevidentes. Ao sentir insatisfação ou incômodo quando vão às compras, os consumidores provavelmente vão pôr a culpa em alguma outra coisa – vendedores, trânsito, preços altos, itens esgotados – qualquer coisa, menos a variedade avassaladora de opções.

Esse viveiro do mal-estar (Freud), chamado consumo, o *modus operandi* da modernidade líquida (Bauman), revela-se em diferentes “coerções”: na maneira ostentatória de ser; através da lei do lucro; mediante a retórica da sedução; vinculado à embriaguez das aparências; ancorando-se na arte do desperdício; fabricado no funcionalismo *high tech*; alimentado pela febre da renovação e pela obsolescência dirigida.

Conforme defende Lipovetsky (2009, p. 185), “[...] a lógica econômica realmente varreu todo ideal de permanência, é a regra do efêmero que governa a produção e o consumo dos objetos”. De acordo com o que estamos defendendo aqui, o universo das mercadorias é metamorfoseado





para não durar, porquanto a era do alto consumo se presta a produzir em excesso bens materiais para todos os gostos.

Artigos suntuosos circulam no livre comércio internacional, concentrados nas mãos de grupos seletos; não obstante, de maneira cruel, em proporção maior, um número sempre volumoso de pessoas empobrecidas encontra-se relegado à marginalidade e à própria sorte. Milhares sobrevivendo em condições sub-humanas, residindo em lugares inóspitos, sem segurança alimentar ou física. Essa insensata ausência de sensibilidade para com os coiguais revela o quanto demente tem sido o desprezo pela vida dos mais vulneráveis – na estrutura econômica vigente – ante a veneração e a valoração de coisas, pessoas ou lugares.

Em relação à defesa e à proteção do planeta, com seus delicados ecossistemas de vida interdependentes, seria fundamental reinstaurar a lógica de responsabilidade planetária, voltada para a compreensão de nossa condição de hóspedes da Terra, ou seja, uma responsabilidade planetária de verdade, radicada no



reconhecimento do fato de que todos nós, que compartilhamos o planeta, dependemos uns dos outros para nosso presente e nosso futuro; de que nada que fazemos ou falhamos ao fazer é indiferente para o destino de qualquer outra pessoa; e que já não podemos, nenhum de nós, buscar e encontrar abrigos privados para tempestades originadas em qualquer parte do globo (Bauman, 2021, p. 35).

Perigosamente desafiadora,

[...] a globalização soa agora algo inevitável e irreversível. O ponto a partir do qual não há mais possibilidade de voltar foi já alcançado. E ultrapassado. Não há volta possível. Nossas interconexões e nossa interdependência já são globais. O que quer que aconteça em



um lugar influencia a vida e as oportunidades de vida das pessoas em todos os outros. O cálculo dos passos a serem dados, e qualquer local precisa levar em conta as possíveis respostas das pessoas em todos os outros. Nenhum território soberano, por maior que seja populoso e dotado de recursos, pode proteger sozinho suas condições de sustento, sua segurança, sua prosperidade a longo prazo, seu estilo de vida preferencial ou a segurança de seus habitantes. Nossa dependência mútua tem dimensões planetárias, de modo que já somos, e permaneceremos de modo indefinido, *objetivamente* responsáveis uns pelos outros. Há, porém, poucos sinais (se tanto) de que nós, que compartilhamos o planeta, estamos dispostos a levar a sério a responsabilidade *subjetiva* por essas nossas responsabilidades *objetivas* (Bauman, 2021, p. 32, grifo do autor).



Seguindo a lucidez e o ceticismo de Bauman (2021), não podemos traçar mapas da utopia (“a boa sociedade”) na era da modernidade líquida. Já estragamos suficientemente a oportunidade de encontrar o atalho para um mundo mais bem ajustado; logo, a habitação humana foi perdida. Em vez disso, argumenta o autor,

pode-se dizer que, entre este mundo, aqui e agora, e um outro, hospitaleiro à humanidade e “amigável”, fácil de usar, não restou nenhuma ponte visível, seja ela genuína ou suposta. Nem haveria multidões ansiosas para estourar rumo ao outro lado dessa ponte, se ela fosse projetada; nem veículos capazes de apanhar os dispostos a fazer isso e levá-los para o outro lado em segurança. Ninguém sabe dizer ao certo como seria possível projetar uma ponte funcional e onde seria possível instalar uma cabeça de ponte ao longo das margens, para facilitar travessias suaves e convenien-



tes. Nenhuma dessas possibilidades, concluiríamos, está de imediato ao alcance de nossas mãos (Bauman, 2021, p. 33).

Todavia, em nosso entendimento, precisamos recordar, ainda que morosamente, o caminho capaz de alçar o senso de responsabilidade universal, da sociedade justa e solidária que ainda podemos edificar. Se agirmos com inteligência e alternâncias serenas, de modo a conter a erupção dos métodos violentos, as intolerâncias e a falta de diálogo, certamente a condição humana poderá melhorar, com o advento de uma consciência planetária aperfeiçoada.

Sabemos que as grandes dificuldades da vida são sociais. A tarefa, não obstante, é como

equilibrar de forma adequada honestidade com gentileza, coragem com cautela, encorajamento com crítica, empatia com distanciamento, paternalismo com respeito à autonomia... Temos que descobrir esse equilíbrio caso a caso, pessoa a pessoa, e a única maneira de fazer isso é cuidando dos nossos relacionamentos com as pessoas [...], reservando tempo para ouvi-las, imaginando a vida através dos olhos delas e permitindo que elas nos mudem, e até mesmo nos transformem (Schwartz, 2024, p. 16).

Para tanto, não podemos continuar a venerar a excelência de determinados grupos ou indivíduos, permanecendo insensíveis à roda da indignidade a que o povo se encontra submetido. Já duram bastante tempo – por isso, é preciso romper em definitivo com – a marcha da insensatez, as hordas de barbárie e a hipocrisia em esfera mundial.

A legião de desempregados, famintos, indigentes, minorias étnicas, quilombolas, moradores de rua, comunidade LGBTQIAPN+, mulheres, crianças, refugiados de guerra, violentados e marginalizados em seus di-





reitos não para de crescer. A cólera que alguns – em particular, os conspiracionistas, extremistas de direita, nacionalistas, racistas, fundamentalistas religiosos, militaristas e golpistas – nutrem contra pessoas, setores e segmentos é o espectro vivo de uma política da ira em sua monstruosa face, necessitando ser alterada com a urgência do tempo que se chama hoje.





“Eu Existo!”

21





Dai-lhes vós mesmos de comer.

Mc 6:37

O pão comido sem ser partilhado é um pão maldito.

Mauro Morelli

Passar da avidez à generosidade, do desperdício à capacidade de partilha.

Papa Francisco

O coração despedaçado de nosso povo parece um palco encenando um drama de dores que não têm mais fim. Em grande medida, pessoas submetidas a vulnerabilidades extremas dificilmente compreendem as razões de seus sofrimentos, da opressão sofrida e os opressores que as promovem. São como folhas que se despem de uma árvore após o outono, parecendo mortas. Estão tão acorrentadas ao jogo diário do temor, prisioneiras do desespero e impotentes quanto à impossibilidade de mudar suas vidas que quase não encontram espaço para sonhar com qualquer tipo de esperança ou dignidade.

Para se poder apoiar um estilo de vida que exclui os outros ou mesmo entusiasmar-se com este ideal egoísta, desenvolveu-se uma globalização da indiferença. Quase sem nos dar conta, tornamo-nos incapazes de nos compadecer ao ouvir os clamores alheios, já não choramos à vista do drama dos outros, nem nos interessamos por cuidar deles, como se tudo fosse uma responsabilidade de outrem, que não nos incumbe. A cultura do bem-estar anestesia-nos, a ponto de permitemos a serenidade se o mercado oferece algo que ainda não compramos, enquanto todas estas vidas





ceifadas por falta de possibilidades nos parecem um mero espetáculo que não nos incomoda de forma alguma (Francisco, 2013, 54. EG, p. 41).

Reconhecer o outro e, com esmero, buscar o melhor de seu bem, nos parece algo estapafúrdio. Entretanto, sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar “todas as periferias” (Francisco, 2013, 54. EG, p. 21) que precisam de auxílio, amparo, proteção e defesa é a proposta de se viver “num nível superior, mas não com menor intensidade”. Como enfatiza Francisco (2013, 54. EG, p. 14): “Na doação, a vida se fortalece; e se enfraquece no comodismo e no isolamento”. Noutras palavras, “um pequeno passo, no meio de grandes limitações humanas, pode ser mais agradável a Deus do que a vida externamente correta de quem transcorre os seus dias sem enfrentar sérias dificuldades” (Francisco, 2013, 54. EG, p. 34).

Uma sociedade, em grande medida, economicamente forte e desenvolvida, porém, eticamente moribunda, ou seja, fraca em pujança de vida plena, tende a degradar-se dia após dia. A busca por uma ética adequada ao ser humano deveria se tornar a matriz energética de nossos comportamentos. Quando será que veremos a igualdade e a justiça prevalecerem de verdade em nosso meio? Algum dia seremos a pedra angular a rasgar para sempre o véu da confusão de nossas histórias?

O que se pode dizer a uma mulher negra, moradora de rua, desdentada, seminua, maltrapilha e sem higiene alguma, sentada à frente da porta de um banco, mendigando ajuda alheia? Quais horrores diários ela tem de enfrentar? Por que suas súplicas não são acolhidas? Sua pele exposta aos raios do sol não teme o câncer? Seus cabelos destruídos por poeira, calor e vento contínuo algum dia serão arrumados? Sua cabeça, à noite, ainda lembra a maciez de um simples travesseiro? As feridas de seus braços e pernas, como fazem para suportar a incômoda presença dos insetos? De que modo se higieniza essa mulher? Como resolve suas necessidades básicas? Quantos anos já se passaram desde que ela preparou e degustou





uma singela comida? Desprovida de abrigo, como dorme essa mulher? Terá medo da noite escura, da violência masculina, da força policial? Tornou-se a chuva seu chuveiro e o sol, sua toalha? Benditos sejam os restos de pape-lão que lhe servem de colchão e as folhas sujas de jornal que não lhe fazem mal. Bendito seja o frio das madrugadas gélidas, que não a despedaça. Oh, benditas dores, serão realmente benditas?

Dulcíssima mulher, filósofa de minha vida, há quantos anos seus dentes não sabem o que significa uma escovação decente? De seus olhos, vertem lágrimas de alegria? De que se felicita sua alma destruída? A qual deus recorre, e por que ele a abandonou? Por que fez dela expiação extrema? Em que momento de sua história pôde ser escutada? Por que ninguém deu-lhe uma nova chance? Negra, sozinha e desnuda, mulher tão frágil e tão forte – não pode adoecer; seu corpo não permite doenças, o alimento é difícil e o remédio, esse ser estranho, parece inacessível.

Aquele rosto que um dia foi angelical, acariciado docemente pelas mãos macias de sua mamãe, perdeu toda a formosura e a beleza, e agora se reveste de cicatrizes, marcas que seus olhos não conseguem esconder. Seu corpo desnudo, coberto com uma microrroupa, é parte de uma ferida aberta que a sociedade prefere não ver. Que nome tem? Qual a sua idade? Como sua vida foi destruída? Gerou algum/a filho/a? Tem algum ombro amigo para se consolar nos momentos de solidão?

Essa mulher, espezinhada nas ruas, tornada farrapo ao chão, estendendo as mãos chagadas como Cristo, insiste em nos dizer, do fundo de sua alma: **“Eu existo!”**.







Política do Bem Viver e Política
da Solidariedade

22





Devemos reconhecer que, numa cultura onde cada um pretende ser portador dumha verdade subjetiva própria, torna-se difícil que os cidadãos queiram inserir-se num projeto comum que vai além dos benefícios e desejos pessoais.

Papa Francisco

Uma característica cruel de nossa contemporaneidade é a crescente desigualdade. Milhões de seres humanos submetidos a meios imorais não dispõem do que comer, vestir, de onde morar, trabalhar, de como medicar-se, vivendo com pouca ou nenhuma dignidade. Gotejar junto aos pobres pingos de promessas não cumpridas é roubar-lhes a beleza da vida.

Como temos retrocedido vagarosamente o egoísmo, produtos, bens e serviços aparecem como algo inacessível para um quantitativo expressivo de pessoas, um dado fóssil dessa desumanizante dívida social. Convivemos com o aumento da chamada especulação financeira, aplaudida sem escrúpulos por setores e grupos em diferentes espaços. O fetichismo do dinheiro criou uma economia com mãos encharcadas de sangue, sofisticadamente desenvolvida, mas eticamente monstruosa.

O campo pré-determinado dos que lucram com evasão fiscal e altos rendimentos deve ser combatido. Indecente é encontrarmos eco, dentro da esfera legislativa, entre aqueles que defendem a não taxação das grandes fortunas e são contra a diminuição de impostos sobre os baixos rendimentos. O altar sacrificial do mercado financeiro é o grande produtor da pobreza; nele, pouco importa o destino dos desvalidos, arruinados, espezinhados. Prevalece a veneração do lucro como um deus acima de tudo e de todos.

Efetivamente, as desigualdades podem ser reduzidas. Existem milhares de relatórios técnicos, dossiês, pesquisas e livros que apontam para isso. Se trabalharmos a favor de uma nova ordem econômica, redimensionando as profissões, eliminando as exclusões, certamente conseguiremos alcançar outros patamares de civilização.





Nesse sentido, destaquemos ao menos duas vias possíveis dessa perspectiva: primeiro, a Política do Bem Viver, baseada na justa medida; segundo, a Política de Solidariedade, antídoto eficaz contra o egoísmo e a ditadura da especulação financeira. Vejamos, em termos gerais, um pouco de ambas:

1. Vivenciar a Política do Bem Viver é uma escolha sábia num mundo atravessado por conflitos, degradações morais e ascensão de extremismos. Trata-se da ética cordial, uma cultura fraterna, que busca recuperar o entendimento mais simples da condição humana ante a avalanche de incompREENsões, ruínas, golpes, atitudes monstruosas, violências, sofrimentos, rupturas e destruições implacáveis. O grande apelo é retomar a arte do bem viver, permitindo a sobrevivência plena de quem não tem como se defender. Porém, esse viver necessita ser largo, e não estreito; um viver que se mistura com a expansão dos “relacionamentos com o outro e o mundo, nos quais as emoções e os maravilhamentos estéticos devem ser considerados não como luxos reservados à elite, mas como direitos reservados a cada um” (Morin, 2012, p. 26). Bem viver não é sinônimo de viver bem. No mundo dos consumidores, magistralmente analisado por Bauman (2021), bem-estar material, acumulação de coisas, conforto, patrimônios e prosperidades prevalecem, isto é, tudo o que pode servir como forma de crescimento individual ganha enorme valoração. As dimensões de amor verdadeiro, amizade sincera e comunhão social permanecem secundarizadas. Condições materiais e o bem-estar são importantes, o problema é quando se tornam a principal dimensão de ver o mundo, onde o ter mais e o lucrar sempre não têm limites. Bem viver, ao contrário, significa consciência sobre qualidade de vida, bem-estar afetivo, psíquico, espiritual, ecológico, estético, ético e moral, um caminho sereno de escolhas por que toda pessoa pode optar. Ele pressupõe, conforme Morin (2012, p. 29),





“o desenvolvimento individual no seio das relações comunitárias”. Nossas vidas são polarizadas, assevera o filósofo,

entre uma parte prosaica, que suportamos sem alegria, por pressão ou obrigação, e outra poética, representada por tudo aquilo que nos confere plenitude, fervor e exaltação, parte essa que encontramos no amor, na amizade, nas comunicações coletivas, nas festas, nas danças... (Morin, 2012, p. 29).

O bem viver, máximo de uma ética ecopedagógica, é uma educação que favorece o amadurecimento nos valores nobres que edificam a vida, um modo de pensamento perene/fecundo de luta pela justiça e de defesa da dignidade humana, elevando a passagem de cada um/a na Terra, ajudando-nos a romper com superficialidades políticas, alienações grosseiras e enquadramentos morais perversos. O bem viver também é política de enfrentamento contra epistemicídios, feminicídios, transfobias, tiranias geopolíticas, agressões gratuitas; enquanto esses flagelos perdurarem, nosso potencial de desenvolver cidadania e bioética diminui. Rodeados por tantas distopias, uma única utopia, certamente, fará enorme diferença ao momento presente.

2. Fortalecidos pela ética do bem viver, a segunda via a se instaurar é a Política da Solidariedade, que significa assegurar e ampliar serviços de solidariedade prolongada, que venham a fortalecer o sentido de comunidade, o pertencimento de cada pessoa ao lugar onde vive, de forma correlata, em comunhão global com todos os seres. Todavia, o significado magnânimo da solidariedade se expressa pela empatia junto àqueles/as mais vulneráveis, os que, historicamente, têm sido martirizados pelo mundo globalizado da indiferença. Repetidos conflitos envolvendo povos originários produzem violências, assassinatos, massacres; refugiados de guerras sob condições infra-humanas formam





fileiras de arruinados ao redor do mundo; cerca de 270 milhões de migrantes buscam refúgio em diferentes países, a maioria fugindo de conflitos, miséria, fome ou crises climáticas. Grande parte dessas pessoas, mesmo submetendo-se a salários baixos e condições degradantes de serviços temporários, exploração vergonhosa de mão de obra com carga horária excessiva, ainda assim são espezinhadas nos países onde tentam sobreviver, quando podem, com suas famílias. Na Europa, em particular, grupos racistas, xenófobos e intolerantes têm crescido exponencialmente, autojustificando-se num falacioso discurso de perda da identidade nacional. Ceder à histeria anti-imigração da extrema direita é perder “o rosto hospitalheiro ao praticar uma política de rejeição” (Morin, 2021, p. 70). Em todo o mundo, o êxodo de famílias, na roda da grande dispersão, não para de crescer. Há milhões de



refugiados econômicos, religiosos, políticos e de guerra [...], todos aqueles que não encontram mais lugar em seu meio ou dele foram expelidos. Atualmente existem cerca de 50 milhões de refugiados de guerra, destes 20 milhões dentro de seus países e 30 milhões buscando outros países. A esses deve-se acrescentar os 175 milhões de pessoas que emigram pelas mais diversas razões buscando outras terras para viver. O drama que os acompanha é o desamparo e a falta generalizada de uma atmosfera de hospitalidade que poderia aliviar sua situação desumana (Boff, 2005, p. 111).

Não é possível praticar solidariedade sem acolhimento generoso. Supõe-se uma aproximação, sem reservas nem preconceitos, ante o modo de ser do **outro**, compreendendo sua singularidade e sua diferença. Em um mundo atravessado por crises, custoso será alçarmos saídas sem praticar a hospitalidade. Inimizando-nos uns contra os outros, dificilmente nos reuniremos como uma mesma família de destino comum. A Política de Solidariedade busca o acolhimento abrindo-se para a generosidade hospita-



leira, combatendo brutalidades, indiferenças, degradação do senso moral, propagação de irresponsabilidades e tiranias sem limites, porque se revela na ética cordial, ancorada pelo sentimento de pertencimento solidário, regeneração humana e defesa da vida como virtudes inegociáveis.

Por um novo sentido de cidadania e ética, entre os muitos desafios à Política de Solidariedade, destaquemos a situação dos moradores de rua no Brasil. Em 2023, o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC) divulgou o Relatório *População em Situação de Rua*¹, resultado de um esforço coletivo junto à Coordenação-Geral de Indicadores e Evidências em Direitos Humanos e à Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos do próprio MDHC. O documento dispõe de informações acerca da população em situação de rua no País, destacando que, em 2022, no Cadastro Único para Programas Sociais (CadÚnico), registraram-se 236.400 pessoas (uma em cada mil) vivendo em situação de rua, alcançando 64% dos municípios brasileiros.

Situação também difícil é a dos norte-americanos²: devido ao aumento da inflação, aos altos preços dos imóveis, ao desemprego crescente e à ausência de políticas públicas, estima-se que 771.480 pessoas viviam em situação de rua, dado de janeiro de 2024, um número 18% maior do que aquele identificado em 2023. Ou seja, cerca de 23 a cada 10 mil pessoas nos EUA, país que arroga ser a maior economia e potência bélica do mundo, vivem nas ruas.

No Brasil, apesar dos esforços registrados com a multiplicação de Centros de Referência Especializados para População em Situação de Rua (Centro POP), num total de 246 estabelecimentos e mais de 578 mil atendimentos, o relatório citado do MDHC aponta a necessidade de uma



1 Ver: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/setembro/mdhc-lanca-relatorio-sobre-pessoas-em-situacao-de-rua-no-brasil-estudo-indica-que-1-em-cada-mil-brasileiros-nao-tem-moradia>. Acesso em: 25 abr. 2025.

2 Dados sobre a população de rua nos EUA. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/12/28/eua-registra-recorde-de-pessoas-em-situacao-de-rua.ghtml>. Acesso em: 25 abr. 2025.



melhor atuação e articulação interministerial para a consecução de políticas públicas junto a pessoas em situação de rua, incluindo pastas como Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS); Trabalho e Emprego (MTE); Educação (MEC); Saúde (MS); Justiça e Segurança Pública (MJSP) e Cidades (MCID).

Não obstante, faz-se necessário fortalecer ainda mais os Centros de Referência de Assistência Social (Cras), além de outros equipamentos, serviços, programas e projetos de assistência social básica, a fim de prevenir situações de vulnerabilidade e risco social, de vínculos familiares e comunitários. O enfrentamento e o combate a situações de violações de direitos e expansão da violência física contra moradores de ruas é outra dimensão necessária.

O problema habitacional ainda se configura um enorme gargalo para as famílias brasileiras. No caso das pessoas em situação de rua, a inexistência de locais para dormir com segurança, sejam abrigos ou casas de passagem, juntamente com alimentação decente e regular, tem uma relação direta com outros serviços e políticas públicas limitadas ou deficitárias. Somente a partir de 2011, essa população passou a ter direito de acesso aos serviços do Sistema Único de Saúde (SUS)³.

De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) (s.d), “o crescimento da população em situação de rua se dá em ordem de magnitude superior ao crescimento vegetativo da população”. Em outro levantamento mais recente, dados do Observatório da Universidade Federal de Minas Gerais apontam que mais 335 mil pessoas vivem em situação de rua no Brasil⁴. Segundo o relatório da instituição, a partir dos números do CadÚnico, registraram-se em março de 2025: 9.933 crianças e adolescentes em situação de rua (3%); 294.467 pessoas em situação de rua na faixa etária



³ Cf. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/13457-populacao-em-situacao-de-rua-supera-281-4-mil-pessoas-no-brasil>. Acesso em: 25 abr. 2025.

⁴ Cf. Relatório do Observatório da UFMG. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2025-04/mais-de-335-mil-pessoas-vivem-em-situacao-de-rua-no-brasil>. Acesso em: 25 abr. 2025.



de 18 a 59 anos (88%); 30.751 idosos em situação de rua (9%); 84% são pessoas do sexo masculino.

Ainda segundo dados do mesmo documento, 81% (272.069) das pessoas em situação de rua sobrevivem com até R\$ 109 por mês, correspondente a 7,18% do salário mínimo de R\$ 1.518. É um cenário extremamente preocupante quando se faltam políticas públicas estruturantes em relação a questões como moradia, trabalho, segurança, saúde, educação e prevenção de violência contra a população de rua.

A efetivação e a ampliação de direitos a todo cidadão, incluindo o de dispor de uma vida plena, com acesso a saneamento, moradia, água potável, eletricidade, alimentação, educação e saúde, é um imperativo categórico inadiável de outra política nacional para este século.

A democratização da sociedade e um novo sistema social jamais ocorrerão sem a proteção dos direitos humanos de toda e qualquer pessoa. As Políticas de Solidariedade e do Bem Viver poderão romper com as fraquezas e incapacidades que alimentamos na pouca defesa dos mais vulneráveis, tornando-se grandiosas vias no repensar de novos paradigmas e possibilidades, a fim de encontrarmos caminhos adequados da imaginação criativa e da justiça social.





Limitar a Voracidade e Defesa da Vida dos Povos Indígenas

23





Deve-se declarar abertamente que é grave injustiça qualquer ação que tende a reprimir a energia vital de alguma minoria, e muito mais se tais maquinações procuram exterminá-las.

João XXIII

O séc^olo 21 tornou-se preponderantemente incerto, eticamente imprudente e ferozmente agressivo. Hoje, parece estranhamente comum compreender a vida humana como se fosse colada a um determinado projeto econômico fundado no consumo e no desenvolvimento sem limites. Ainda que tenhamos avançado, em termos técnicos e jurídicos, no campo de acordos ou convenções, todas as grandes sociedades carregam consigo gravíssimas contradições e limites. Essa incongruência de situações suscita, com extrema urgência, nos dias atuais, alçarmos uma compreensão dos principais dilemas para os povos indígenas: situação territorial; salvaguarda da vitalidade dos ecossistemas naturais onde sobrevivem; compromisso ético em torno dos direitos e garantias do futuro de cada comunidade.

Quando a cultura é devoradora de vidas, busca somente riqueza material, acumulação privada e satisfação desenfreada de suas próprias necessidades, coloca em risco e reduz perigosamente as oportunidades das gerações vindouras. Por contínuas décadas, o clamor dos povos indígenas ecoa em diversos espaços, expressando-se nas muitas formas de organizações, mobilizações e movimentos de resistência política que realizam.

Já se repetiu inúmeras vezes que a demarcação dos territórios indígenas não é um favor do Estado brasileiro, tão menos um apelo piedoso que esses povos estariam fazendo à nação. A Constituição Federal (Brasil, 1988), em seu capítulo 231, é quem obriga a demarcar, proteger e fiscalizar, definindo prazo para isso. Não existe outra maneira de pôr limites aos





conflitos, violências e invasões contra as comunidades. Sem demarcação, dificilmente haverá paz e justiça social para os povos indígenas do Brasil.

O colapso do modelo civilizatório proposto pela força do capitalismo e a face da barbárie atual se manifestam na onda de intolerância, preconceito, indiferença e ganância, com formas cruéis e práticas humilhantes. Agressões, ódios gratuitos e mentes moralistas estão juntos numa guerra estrutural contra os direitos indígenas, em atitudes que implicam ausência de responsabilidade com relação aos efeitos deletérios dessas ações. Se prevalecem a omissão do Estado, órgãos de controle atuando de maneira indevida e servidores negligentes em suas funções, agravam-se os índices de ocorrências. Ainda que importantes dispositivos legais existam – particularmente, parâmetros constitucionais que favorecem os povos indígenas –, não sendo executados, podem virar letra morta e ser adulterados pelos segmentos contrários, como faz a articuladíssima bancada do agronegócio presente no Congresso Nacional.

Não mais se esconde que certas decisões – tomadas à luz do dia – aconteçam a favor de interesses privados, favorecendo pessoas ou empresas, repercutindo negativamente contra bens e serviços públicos. Isso revela que o mínimo de civilidade – restante – está se fragilizando, atravessando o coração e as mentes de indivíduos; então, a erosão de laços sociais para a cooperação e o bem comum acaba aumentando e, com isso, todos perdem.

Ampliar responsabilidades pelo mundo à nossa volta sem indignar-se contra as injustiças é impossível. Embora construir um sistema político em que a maldade humana seja abolida pareça um sonho, a lógica da benevolência e o enterneecimento poderiam suscitar esperança nas pessoas – e isso, por si só, faria uma enorme diferença.

Conforme têm defendido intelectuais progressistas, lideranças indígenas e educadores/as sensíveis ao tempo presente, um futuro justo, equilibrado e ecologicamente sustentável requer limitarmos a voracidade para com os sistemas de vida da Terra. Se há uma dimensão imanente às sociedades indígenas, diz respeito à resiliência, à reverência e ao cuidado





terrenal. Essa cosmovisão, cuja profunda simbiose com os sistemas ecológicos é seminal, oferece uma compreensão magnífica sobre a alteridade e a comunhão com todos os seres.

Exilados da comunhão cósmica, nos tornamos andarilhos errantes de uma Terra ferida com dores e males. Esquecendo a reverência e o cuidado terrenal, quase nem conseguimos mais ver a face de luz contida em cada ser. Deixamos de viver uma experiência interior aberta pela sorridente universal, e acanhadas se tornaram nossas atitudes de benevolência e gratidão cósmica.

No entanto, não há como apenas uma fração da sociedade lutar contra seu colapso. Não existe salvação para uns e perdição para outros no campo ambiental. A Terra é nossa Casa Comum. Assim, a realização de uma justa ordem da sociedade e do Estado na defesa e na proteção da Terra e de seus/suas filhos/as (tendo no Brasil os indígenas como os principais herdeiros) torna-se uma questão de ordem política central em todas as esferas. Ninguém pode se considerar excluído na construção de um mundo melhor sem amar, de maneira incondicional, nosso magnífico planeta, pois, se há cruz e espada (sofrimentos, tensões, aflições), existem também luz e esperança (unidade, cooperação, alianças), que transformam as lutas e revigoram a causa, fortalecendo a certeza de um futuro humano pacífico, justo, democrático, harmonioso e mais feliz para todas as pessoas.

A máxima “tudo o que existe merece existir” supõe uma larga benevolência e ampliação da decência humana contra o visceral comportamento antropocêntrico da era atual. É preciso reagir com criatividade e energia ao modelo arrogante e depredador que ultrapassa os limites de carga da Terra, pondo em risco a biosfera, antes de atingirmos sua funesta irreversibilidade. Aprender a apreender a condição terrena a partir das sociedades indígenas faz enorme diferença. Quando as pessoas não se veem como parte da Natureza, “mas como uma força exterior destinada a dominá-la e conquistá-la” (Schumacher, 2024, p. 4), o resultado é catastrófico.





De modo geral, precisamos reconhecer que há um poder criativo para o bem e para o mal intrínseco à humanidade. Temos, conforme argumenta Schumacher (2024, p. 11), “que aprender a viver de maneira pacífica, não apenas entre nós, mas também com a natureza e, acima de tudo, com aqueles Poderes Maiores que fizeram a natureza e a nós; pois decerto não surgimos por acidente e com certeza não fizemos a nós mesmos”. Não existe, coexisto; mas só coexisto no existir do outro que comigo existe. Portanto, a nobreza de coexistirmos se dá nas relações com outros seres.

Não obstante, prestando atenção aos sinais indígenas, guiados pela sabedoria que pede uma nova orientação da ciência e da tecnologia, em direção ao que Schumacher (2024, p. 23) chama de “orgânico, suave, não violento, elegante e belo”, necessitamos instaurar uma transformação na tecnologia com máquinas e invenções que revertam radicalmente as tendências destrutivas que ameaçam a segurança de todos os seres do planeta (Schumacher, 2024). Aliados a essa revolução, há que enfrentarmos o império das necessidades, pois o cultivo e a



expansão das necessidades é a antítese da sabedoria. Também é a antítese da liberdade e da paz. Cada acréscimo de necessidade tende a aumentar a dependência das pessoas em relação a forças externas sobre as quais não há controle e, portanto, aumenta o terror existencial. Somente pela redução das necessidades as pessoas podem promover uma redução genuína naquelas tensões que são as maiores causas de conflitos e de guerra (Schumacher, 2024, p. 23).

Se não sairmos do túnel das necessidades compulsivas, jamais alcançaremos a tão esperada luz do dia. A par dessas observações, listamos mais algumas possibilidades de um correto modo de vida: oferecer ao ser humano a oportunidade de utilizar e desenvolver plenamente suas faculdades; permitir que se vença o egocentrismo, unindo-nos coletivamente na realização de tarefas comuns; produzir bens e serviços necessários para



uma existência digna e feliz (Schumacher, 2024); não sacrificar o meio ambiente em razão dos interesses humanos; compreender que a atividade criativa é maior que o consumo; saber que as pessoas são mais importantes que as coisas; cessar a destruição planetária; encontrar nos recursos locais a satisfação das necessidades locais; limitar a dependência externa de produtos longínquos; encontrar o padrão ótimo de consumo ao invés de maximizar o consumo mediante o aumento produtivo.

Reconduzindo nosso diálogo e escutando a sabedoria dos povos indígenas, havemos de pôr fim à era da voracidade atual.







Aprender com a Carta do Chefe
Seattle (Duwamish)

24





Ensinais a seus filhos o que ensinamos aos nossos: que a terra é nossa mãe. Se os homens cospem no solo, estão cuspido em si mesmos. Todas as coisas estão relacionadas como o sangue que une uma família. Tudo está associado. O que fere a terra também fere aos filhos da terra. O homem não tece a teia da vida: é, antes, um dos seus fios. O que quer que faça a essa teia, faz a si próprio.

Chefe Seattle

No ano de 1854, o então presidente dos Estados Unidos, Franklin Pierce, apresentou ao povo indígena Suquamish a proposta de comprar suas terras tradicionais e, em contrapartida, ofereceu-lhes a concessão de outra reserva. Em resposta ao presidente, o Chefe Seattle enviou-lhe uma carta, relevando magnânima sabedoria, cujo texto tem sido considerado, através dos tempos, um dos mais belos e profundos pronunciamentos já feitos.

A Carta evoca, com imensa beleza, uma mensagem autêntica advinda de alguém de elevadíssimo valor moral, cuja espiritualidade cosmológica recupera, em grande medida, o sentido de civilidade que perdemos. Atravessando gerações, ela nos inspira a ser fiéis guardiões/ãs de toda a criação, a dar as mãos, reconhecendo que nossos desafios ambientais, econômicos, interculturais e também espirituais estão todos interligados, de modo que necessitamos encontrar soluções juntos/as.

O texto do Chefe indígena Duwamish (Chefe Seattle) é um antigo/actual convite, ainda que tardivamente compreendido, para assumir, internalizar e vivenciar o novo paradigma da Ecologia Integral: cuidar da Terra e de seus/suas filhos/as, como casa e patrimônio comum. Há lições que permanecem atuais e necessárias aos que se identificam com a profundidade de sua mensagem:





O grande chefe de Washington mandou dizer que desejava comprar a nossa terra, o grande chefe assegurou-nos também de sua amizade e benevolência. Isto é gentil de sua parte, pois sabemos que ele não precisa de nossa amizade.

Vamos, porém, pensar em sua oferta, pois sabemos que se não o fizermos, o homem branco virá com armas e tomará nossa terra. O grande chefe de Washington pode confiar no que o Chefe Seattle diz com a mesma certeza com que nossos irmãos brancos podem confiar na alteração das estações do ano.

Minha palavra é como as estrelas – elas não empalidecem.

Como podes comprar ou vender o céu, o calor da terra? Tal ideia nos é estranha. Se não somos donos da pureza do ar ou do resplendor da água, como então podes comprá-los? Cada torrão desta terra é sagrado para meu povo, cada folha reluzente de pinheiro, cada praia arenosa, cada véu de neblina na floresta escura, cada clareira e inseto a zumbir são sagrados nas tradições e na consciência do meu povo. A seiva que circula nas árvores carrega consigo as recordações do homem vermelho.

O homem branco esquece a sua terra natal, quando – depois de morto – vai vagar por entre as estrelas. Os nossos mortos nunca esquecem esta formosa terra, pois ela é a mãe do homem vermelho. Somos parte da terra e ela é parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs; o cervo, o cavalo, a grande águia – são nossos irmãos. As cristas rochosas, os sumos da campina, o calor que emana do corpo de um mustang, e o homem – todos pertencem à mesma família.





Portanto, quando o grande chefe de Washington manda dizer que deseja comprar nossa terra, ele exige muito de nós. O grande chefe manda dizer que irá reservar para nós um lugar em que possamos viver confortavelmente. Ele será nosso pai e nós seremos seus filhos. Portanto, vamos considerar a tua oferta de comprar nossa terra. Mas não vai ser fácil, porque esta terra é para nós sagrada.

Esta água brilhante que corre nos rios e regatos não é apenas água, mas sim o sangue de nossos ancestrais. Se te vendermos a terra, terás de te lembrar que ela é sagrada e terás de ensinar a teus filhos que é sagrada e que cada reflexo espectral na água límpida dos lagos conta os eventos e as recordações da vida de meu povo. O rumorejar d'água é a voz do pai de meu pai. Os rios são nossos irmãos, eles apagam nossa sede. Os rios transportam nossas canoas e alimentam nossos filhos. Se te vendermos nossa terra, terás de te lembrar e ensinar a teus filhos que os rios são irmãos nossos e teus, e terás de dispensar aos rios a afabilidade que darias a um irmão.

Sabemos que o homem branco não comprehende o nosso modo de viver. Para ele um lote de terra é igual a outro, porque ele é um forasteiro que chega na calada da noite e tira da terra tudo o que necessita. A terra não é sua irmã, mas sim sua inimiga, e depois de a conquistar, ele vai embora, deixa para trás os túmulos de seus antepassados, e nem se importa. Arrebata a terra das mãos de seus filhos e não se importa. Ficam esquecidos a sepultura de seu pai e o direito de seus filhos à herança. Ele trata sua mãe – a terra – e seu irmão – o céu – como coisas que podem ser compradas, saqueadas, vendidas como ovelha ou miçanga cintilante. Sua voracidade arruinará a terra, deixando para trás apenas um deserto.





Não sei. Nossos modos diferem dos teus. A vista de tuas cidades causa tormento aos olhos do homem vermelho. Mas talvez isto seja assim por ser o homem vermelho um selvagem que de nada entende.

Não há sequer um lugar calmo nas cidades do homem branco. Não há lugar onde se possa ouvir o desabrochar da folhagem na primavera ou o tinir das asas de um inseto. Mas talvez assim seja por ser eu um selvagem que nada comprehende; o barulho parece apenas insultar os ouvidos. E que vida é aquela se um homem não pode ouvir a voz solitária do curiango ou, de noite, a conversa dos sapos em volta de um brejo? Sou um homem vermelho e nada comprehendo. O índio prefere o suave sussurro do vento a sobrevoar a superfície de uma lagoa e o cheiro do próprio vento, purificado por uma chuva do meio-dia, ou rescendendo o pinheiro.

O ar é precioso para o homem vermelho, porque todas as criaturas respiram em comum – os animais, as árvores, o homem.

O homem branco parece não perceber o ar que respira. Como um moribundo em prolongada agonia, ele é insensível ao ar fétido. Mas se te vendermos nossa terra, terás de te lembrar que o ar é precioso para nós, que o ar reparte seu espírito com toda a vida que ele sustenta. O vento que deu ao nosso bisavô o seu primeiro sopro de vida, também recebe o seu último suspiro. E se te vendermos nossa terra, deverás mantê-la reservada, feita santuário, como um lugar em que o próprio homem branco possa ir saborear o vento, adoçado com a fragrância das flores campestres.

Assim, pois, vamos considerar tua oferta para comprar nossa terra. Se decidirmos aceitar, farei uma





condição: o homem branco deve tratar os animais desta terra como se fossem seus irmãos.

Sou um selvagem e desconheço que possa ser de outro jeito. Tenho visto milhares de bisões apodrecendo na pradaria, abandonados pelo homem branco que os abatia a tiros disparados do trem em movimento. Sou um selvagem e não comprehendo como um fumegante cavalo de ferro possa ser mais importante do que o bisão que (nós – os índios) matamos apenas para o sustento de nossa vida.

O que é o homem sem os animais? Se todos os animais acabassem, o homem morreria de uma grande solidão de espírito. Porque tudo quanto acontece aos animais, logo acontece ao homem. Tudo está relacionado entre si.

Deves ensinar a teus filhos que o chão debaixo de seus pés são as cinzas de nossos antepassados; para que tenham respeito ao país, conta a teus filhos que a riqueza da terra são as vidas da parentela nossa. Ensina a teus filhos o que temos ensinado aos nossos: que a terra é nossa mãe. Tudo quanto fere a terra – fere os filhos da terra. Se os homens cospem no chão, cospem sobre eles próprios.

De uma coisa sabemos. A terra não pertence ao homem: é o homem que pertence à terra, disso temos certeza. Todas as coisas estão interligadas, como o sangue que une uma família. Tudo está relacionado entre si. Tudo quanto agride a terra, agride os filhos da terra. Não foi o homem quem teceu a trama da vida: ele é meramente um fio da mesma. Tudo o que ele fizer à trama, a si próprio fará.

Os nossos filhos viram seus pais humilhados na derrota. Os nossos guerreiros sucumbem sob o peso da





vergonha. E depois da derrota passam o tempo em ócio, envenenando seu corpo com alimentos adocicados e bebidas ardentes. Não tem grande importância onde passaremos os nossos últimos dias – eles não são muitos. Mais algumas horas, mesmos uns invernos, e nenhum dos filhos das grandes tribos que viveram nesta terra ou que têm vagueado em pequenos bandos pelos bosques sobrará para chorar sobre os túmulos de um povo que um dia foi tão poderoso e cheio de confiança como o nosso.

Nem o homem branco, cujo Deus com ele passeia e conversa como amigo para amigo, pode ser isento do destino comum. Poderíamos ser irmãos, apesar de tudo. Vamos ver, de uma coisa sabemos que o homem branco venha, talvez, um dia a descobrir: nosso Deus é o mesmo Deus. Talvez julgues, agora, que o podes possuir do mesmo jeito como desejas possuir nossa terra; mas não podes. Ele é Deus da humanidade inteira e é igual sua piedade para com o homem vermelho e o homem branco. Esta terra é querida por ele, e causar dano à terra é cumular de desprezo o seu criador. Os brancos também vão acabar; talvez mais cedo do que todas as outras raças. Continuas poluindo a tua cama e hás de morrer uma noite, sufocado em teus próprios desejos.

Porém, ao perecerem, vocês brilharão com fulgor, abrasados, pela força de Deus que os trouxe a este país e, por algum desígnio especial, lhes deu o domínio sobre esta terra e sobre o homem vermelho. Esse destino é para nós um mistério, pois não podemos imaginar como será, quando todos os bisões forem massacrados, os cavalos bravios domados, as brenhas das florestas carregadas de odor de muita gente e a vista das velhas colinas empanada por fios que falam.





Onde ficará o emaranhado da mata? Terá acabado. Onde estará a águia? Irá acabar. Restará dar adeus à andorinha e à caça; será o fim da vida e o começo da luta para sobreviver.

Compreenderíamos, talvez, se conhecêssemos com que sonha o homem branco, se soubéssemos quais as esperanças que transmite a seus filhos nas longas noites de inverno, quais as visões do futuro que oferece às suas mentes para que possam formar desejos para o dia de amanhã. Somos, porém, selvagens. Os sonhos do homem branco são para nós ocultos, e por serem ocultos, temos de escolher nosso próprio caminho. Se consentirmos, será para garantir as reservas que nos prometeste. Lá, talvez, possamos viver os nossos últimos dias conforme desejamos. Depois que o último homem vermelho tiver partido e a sua lembrança não passar da sombra de uma nuvem a pairar acima das pradarias, a alma do meu povo continuará vivendo nestas florestas e praias, porque nós a amamos como ama um recém-nascido o bater do coração de sua mãe.

Se te vendermos a nossa terra, ama-a como nós a amávamos. Protege-a como nós a protegímos. “Never esqueças de como era esta terra quando dela tomaste posse”: E com toda a tua força, o teu poder e todo o teu coração – conserva-a para teus filhos e ama-a como Deus nos ama a todos. De uma coisa sabemos: o nosso Deus é o mesmo Deus, esta terra é por ele amada. Nem mesmo o homem branco pode evitar o nosso destino comum⁵.

⁵ Disponível em: <http://www.geocities.com/rainforest/andes/8032/page16.html>; https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/Carta_do_Chefe_Seattle_1263221069.pdf. Acesso em: 20 maio 2025.







10 Lições da Carta do
Chefe Seattle

25





[...] o sábio é como um esquadro, que não corta ninguém com seus ângulos. Como uma aresta, que não fere ninguém com sua agudeza. Estende-se, mas não à custa dos outros. Brilha, mas a ninguém ofusca.

Lao-Tsé

1. Não se compra o Sagrado

Como podes comprar ou vender o céu, o calor da terra? Tal ideia nos é estranha. Se não somos donos da pureza do ar ou do resplendor da água, como então podes comprá-los? Cada torrão desta terra é sagrado para meu povo, cada folha reluzente de pinheiro, cada praia arenosa, cada véu de neblina na floresta escura, cada clareira e inseto a zumbir são sagrados nas tradições e na consciência do meu povo.

O homem branco age na dinâmica impulsiva de tudo ter, controlar ou possuir. Perdeu a noção da leveza, afastou-se da síntese harmoniosa dos elementos químicos e olvidou o que significa a unidade misteriosa que rege a vida. Ao anular o Criador nas criaturas, o infinito no finito, esqueceu que tudo se engendra mutuamente. O Chefe Seattle mostra ser impossível comprar o sagrado (o céu, o ar, a água, a terra). Seu povo possui uma excelsa percepção cosmológica do Ser, revelada pela vivencia ética de seu sentir, agir e viver. Os brancos, por sua vez, desperdiçaram a capacidade de ver. A compreensão do destino planetário é uma condição essencial para resgatar a humanidade diminuída da humanidade. A sabedoria ancestral está em deixar-se guiar pela dimensão cósmica. Que tudo permaneça em ordem. O que é Sagrado não se altera.





2. A Terra é nossa Mãe

“Somos parte da terra e ela é parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs; o cervo, o cavalo, a grande águia – são nossos irmãos”.

Quem cobiça o impossível destrói a ética, esquece que o invisível age pelo visível para nos mostrar que nossas dualidades são falsas e frágeis. Quanta sensibilidade do Chefe Seattle em sua experiência com o universo. Tudo está interligado; na Natureza, inexistem o desperdício. Em tudo, há uma ordem de interdependência, um justo equilíbrio. Quão magnífico: o mesmo fio de vida está presente em todos. O mesmo calor que emana dos corpos leva-os a sentir-se membros de uma só família, de destino comum. Toda a gente é seu irmão e sua irmã. Todos os seres são seus/suas irmãos/ãs. É como se dissessem: meu corpo é parte do universo que contemplo, e a Terra, minha mãe, é minha natureza. Aos rios, lagos, árvores, animais e plantas, devemos dispensar a mesma afabilidade que daríamos a um irmão, uma irmã. Sem a ternura, nossa espécie não existiria. Eis a percepção que unifica todas as diversidades.

3. Não trateis vossos irmãos e irmãs como coisas

Sabemos que o homem branco não comprehende o nosso modo de viver. A terra não é sua irmã, mas sim sua inimiga, e depois de a conquistar, ele vai embora, deixa para trás os túmulos de seus antepassados, e nem se importa. Ele trata sua mãe – a terra – e seu irmão – o céu – como coisas que podem ser compradas, saqueadas, vendidas como ovelha ou miçanga cintilante. Sua voracidade arruinará a terra, deixando para trás apenas um deserto.





“[...] quanto mais vazio está o coração da pessoa, tanto mais necessita de objetos para comprar, possuir e consumir” (Francisco, 2016, LS, n. 204). Deixar-se levar pelo erro nos faz esquecer o mal que ele causará. Quando o homem branco destrói o vigor, a variedade e as entranhas vivas da Terra, acaba destruindo a presença das formas divinas do planeta, que garantem a harmonia e a regeneração necessária de todas as coisas. Diferentes culturas indígenas reconhecem que as florestas, os rios e as matas contêm um Ser ou vários seres. Com os seres da Terra, devemos nos relacionar, jamais explorar.

Uma das teses da Carta do Chefe Seattle é: o cuidado com os ecossistemas e o cuidado com as pessoas são inseparáveis. Semelhante um cego que acha normal a escuridão e anormal a luz é o comportamento do presidente americano. Substituir a cultura do coração pelo poder das armas demonstra o quanto órfão de valores é o existir e grandiosa a impureza egoica. Como o fogo entre as cinzas, a maldade do homem branco põe em perigo os filhos e as filhas da Terra. O Chefe Seattle é um homem virtuoso, o chefe americano é um homem ignorante e descuidado. A cultura do chefe indígena é do diálogo, do encontro, uma política de não violência, ternura e amabilidade. De um lado, a cosmologia da dominação, do poder, da força e da violência (povo branco norte-americano); do outro, a cosmologia da fraternidade, da afabilidade e do cuidado (povo indígena).

4. Ouvir a voz do silêncio

Não há sequer um lugar calmo nas cidades do homem branco. Não há lugar onde se possa ouvir o desabrochar da folhagem na primavera ou o tinir das asas de um inseto. E que vida é aquela se um homem não pode ouvir a voz solitária do curiango ou, de noite, a conversa dos sapos em volta de um brejo?





Ao preferir o suave sussurro do vento, descendendo o pinheiro, o Chefe Seattle fala da possibilidade de outro tipo de presença no mundo, a via generosa que visa a alçar a alteridade universal: sem dominantes nem dominados, senhores ou servos, tutor ou tutores. Se todos somos do mesmo húmus, que importa a cor da pele, o lugar de origem, a condição social? Devemos nos sentir como iguais, membros da fraternidade humana e da fraternidade cósmica.

Num mundo governado por ruídos, sons e palavras, dar voz ao silêncio parece um enorme contrassenso. Ficar em silêncio no universo verbal para, verdadeiramente, escutar, para muitos, é praticamente impossível. A lição do Chefe Seattle diz que o silêncio ensina a falar, que nele podemos descobrir a nós mesmos, as outras pessoas, sentirmo-nos **um** com as criaturas e **unos** na criação.

Muito pode ser dito sem que nada seja falado. Todavia, não olvidemos: “[...] uma pessoa pode parecer estar em silêncio, mas se seu coração está condenando alguém, ele tagarela sem cessar” (Nouwen, 2014, p. 62). Nossa mundo se tornou prolixo, denso, líquido.

[...] ao longo das últimas décadas, temos sido inundados por uma torrente de palavras. Onde quer que vamos, estaremos cercados por elas: as suavemente sussurradas, ruidosamente proclamadas ou colericamente gritadas; as escritas, declaradas ou cantadas; em registros, nos livros, nos muros ou no céu; em muitos sons, muitas cores ou muitas formas; para serem ouvidas, lidas, vistas ou vislumbradas; as que piscam, movem-se lentamente, dançam, pulam ou se contorcem. Palavras, palavras e mais palavras! Elas formam o chão, as paredes e o teto de nossa existência.

Nem sempre foi assim. Houve um tempo, não muito distante, sem rádios e televisores, sinais de parada, de “dê a preferência”, de convergência, adesivos nos para-





choques e onipresentes anúncios indicando aumento de preços ou de ofertas especiais. Houve um tempo em que não existiam os anúncios que agora cobrem cidades inteiras com palavras (Nouwen, 2014, p. 43).

Houve um tempo, não tão distante, em que o silêncio das palavras do Chefe Seattle era ouvido. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça o que o silêncio tem a nos dizer!

5. Tratar os animais como se fossem irmãos/ãs

“O que é o homem sem os animais? Se todos os animais acabassem, o homem morreria de uma grande solidão de espírito. Porque tudo quanto acontece aos animais, logo acontece ao homem. Tudo está relacionado entre si”.

Como pode ser mais importante um cavalo de ferro (trem) que rasga o chão e contamina o ar comparado ao lendário bisão, que revigora o tempo e sustenta as pradarias? Como pode ser mais importante a luxúria dos caçadores de chifres de rinocerontes, com a lenta, perigosa e difícil vida que esses ruminantes já têm de enfrentar para sobreviver em seu habitat? Onde está a decência daqueles que decepam as mãos de um gorila e as transformam em cinzeiros? O que esperar de um coração cruel que abate um elefante adulto e dele retira as presas para adornos e objetos de decoração? O que pode ser mais importante: a vida de um tubarão, que mantém o equilíbrio ecológico nos arrecifes, ou cortar suas barbatanas ao preço do fetiche de pessoas emocionalmente perturbadas? Como pode ser mais importante a matança das baleias comparada ao bem incomensurável que elas fazem aos mares?

A exemplo de Francisco de Assis, o Chefe Seattle ensina que os animais são nossos/as irmãos/as. Devemos, com eles, construir relações





de empatia verdadeira. Saber escutá-los, sentir suas necessidades, respeitar seus ciclos reprodutivos.

Não foram os indígenas, senão o homem branco quem “transformou o maravilhoso mundo marinho em cemitérios subaquáticos despojados de vida e de cor” (LS, n. 41). Não foram os indígenas, senão os brancos a produzir o fim de milhares de espécies nos últimos 250 anos. Por fim, não foram os indígenas a envenenar o ar, poluir os mares, esgotar os rios, remover montanhas, queimar florestas, arruinar as fontes naturais de água potável, senão o homem branco, cristão, civilizado, movido por egoísmo, cobiça e poder. “Não existe nenhuma ideia que valha a morte, nem de um único ser humano” (Francisco, 2013, p. 26). Não existe nenhuma ideia que valha a morte, nem de um único animal (Barbalho, 2023).

De fato, é bem estranho nosso retardo evolutivo. Depois desses 4,5 bilhões de anos de história da Terra, já deveríamos ter desenvolvido mais cortesia para com seus seres, e considerá-los coirmãos seria minimamente razoável, eticamente necessário e espiritualmente essencial.



6. Terra, sacramento de vida

“Tudo quanto fere a terra – fere os filhos da terra. Se os homens cospem no chão, cospem sobre eles próprios”.

Todos os seres humanos vivem na Terra, mas a grande maioria não tem terra. Na década de 1960, Josué de Castro dizia que para o pobre só restam “sete palmos de terra e um caixão”. Recitando em versos, João Cabral de Melo Neto declama a “morte Severina” no Nordeste brasileiro. Leon Tolstói perguntava “de quanta terra precisa um homem para viver?”. Eduardo Galeano denunciou o horror do colonialismo europeu responsável pela dependência, vassalagem, submissão, espoliação, devastação ambiental e miséria.



Nesse processo de pilhagem, revezaram-se: espanhóis, portugueses, ingleses, holandeses, franceses e, modernamente, os norte-americanos, produzindo as “Veias abertas da América Latina”. Mas nenhuma dessas vozes foi escutada. Os grandes latifundiários, empresas multinacionais, exércitos, pecuaristas, usineiros, aqueles que concentram milhares de hectares de terra, movidos pela cupidez, são os que mais violam os direitos da Natureza e dos trabalhadores/operários, prolongam situações de miséria e espalham desigualdades. Notadamente, o cativeiro da terra, dos filhos/as da Terra, é uma ofensa aos olhos do Criador; uma tirania estrutural inominável.

Retomando o caminho da sensatez, um dos biólogos mais renomados e extraordinários do mundo, Edward O. Wilson (2008) nos provoca e convoca à conversão ecológica, isto é, a rever a tensão entre egoísmo e altruísmo, alertando-nos dos perigos que temos produzido ao meio ambiente e contra nós mesmos. Ele diz:

A defesa da natureza viva é um valor universal. Ela não provém de nenhum dogma religioso ou ideológico, tampouco promove tais dogmas. [...] ela serve, sem discriminação, aos interesses de toda humanidade. [...] os cientistas estimam que, se a conservação dos habitats naturais e outras atividades humanas destrutivas prosseguirem no ritmo atual, metade das espécies de plantas e animais na Terra pode desaparecer, ou, pelo menos, estará fadada à extinção precoce até o final deste século. Nada menos do que um quarto das espécies chegará a esse nível durante o próximo meio século, só como resultado das mudanças climáticas. A taxa atual de extinção, calculada pelas estimativas mais conservadoras, é cerca de cem vezes maior do que a que predominava antes de o ser humano aparecer na Terra, e deverá ser pelo menos mil vezes maior nas próximas décadas. Se a extinção continuar nesse compasso, o custo para a humanidade, em termos de riqueza, segurança ambiental e





qualidade de vida, será catastrófico. [...] cada espécie, por mais humilde e quase invisível que nos pareça, é uma obra-prima da biologia, que bem vale a pena salvar. Cada espécie possui uma combinação única de traços genéticos que a encaixa, com maior ou menor precisão, em uma parte específica do meio ambiente. A simples prudência ordena que ajamos depressa para evitar a extinção das espécies, e com ela a pauperização dos ecossistemas da Terra – e, portanto, da Criação (Wilson, 2008, p. 13).

A terra pode ser um lar belo, harmonioso, rico e saudável para todos os seres ou se tornar um deserto arruinado devido à ganância e à ambição humana. Proteger a Terra e sua majestosa variedade de ecossistemas, que abrigam as mais distintas formas de vida, deveria ser nossa principal prioridade ante a gravíssima situação climática que produzimos nos últimos dois séculos de economia capitalista. É como se tivéssemos, deliberadamente, declarado uma guerra total contra os solos e subsolos, os mares, as florestas, o ar ou as reservas de água doce. O desejo por um crescimento ilimitado tem nos levado a um nível de alienação também ilimitado, isto é, inimaginável, indo, inclusive, na contramão do que indicava o *Relatório Brundtland* (1987) acerca de um futuro comum, que fosse atento às necessidades das próximas gerações.

Para que possamos recuperar a regeneração necessária protegendo a sobrevivência de todos/as, devemos acolher a lição do Chefe Seattle: tratar a Terra como sacramento de vida. E quando a sentirmos como sagrada, compreenderemos de verdade que “Tudo quanto fere a terra – fere os filhos da terra”.

Em sua grandeza, bondade, suficiência e modéstia, o Chefe Seattle foi alguém profundamente identificado com as potências vivas do cosmos; ele sabia que querer consolidar o mundo pela força seria decretar sua destruição e provocar sua lamentável degenerescência.





7. Todas as coisas estão interligadas

“A terra não pertence ao homem: é o homem que pertence à terra. Não foi o homem quem teceu a trama da vida: ele é meramente um fio da mesma. Tudo o que ele fizer à trama, a si próprio fará”.

Majestosa vidência cósmica do Chefe Seattle, que, mais uma vez, expressa sensibilidade profunda sobre a maternidade dos seres no plano da criação. A vida é, os seres existem e coexistem, e devem continuar seus fluxos de interdependência sem que haja prejuízo algum, pois o equilíbrio nunca destoa.

Pensar e agir pelo ego é errado. Ninguém deveria guiar suas ações causando qualquer forma de constrangimento aos/as filhos/as da Terra. Já dispomos de suficiente experiência para entender que toda forma de cobiça destrói a ética, perturba o coração e escurece a mente. O excesso de tudo ter, possuir e controlar cerra a vista; logo, a razão se perde por completo; daí, as ações acabam estragando o sentido da vida e, na medida em que prosseguimos nos mesmos erros, as coisas só pioram.

O chefe Seattle é uma pessoa integral, vive universicamente de dentro para fora, busca o fim superior em tudo, nos ensina a ver nossa transitoriedade e a quem, de fato, pertencemos. Até hoje, a fragrância da virtude do Chefe Seattle se estende por todos os vales. O odor do presidente norte-americano, ninguém sequer se lembra. Sua mente confusa era como um teto sem estrutura ou suporte.

Lutar contra a trama da vida é tolice. Insensato é continuar com a degradação da Terra, colocando em risco seus sistemas vitais essenciais, os ciclos e fluxos milenarmente constituídos. Falta-nos, como ensina o Chefe Seattle, o desenvolvimento de uma sensibilidade primordial para compreender ou agir de acordo com as energias psíquicas presentes na realidade, sejam elas tangíveis ou intangíveis.





Quando pararmos de imaginar o ser humano fora da Natureza e conseguirmos compreender que somos Natureza, passaremos a viver em harmonia com ela, sob a luz de um novo pacto transformador e mobilizador.

8. Um destino comum

“Nosso Deus é o mesmo Deus. Esta terra é querida por ele, e causar dano à terra é cumular de desprezo o seu criador”.

A característica mortífera do conquistador é o seu viver egocêntrico. Órfãos de sensibilidade, os europeus não somente trouxeram consigo o império da dor e da morte (cruz, cães, pólvora, cavalos, espadas), como também se revestiram de visões antropocêntricas condensadas ao projeto econômico, político, cultural e religioso que defendiam. Movidos pela exploração sem limites, Deus e o ouro fundiram-se numa mesma perspectiva: a dominação de corpos e almas e a expropriação de territórios.

A história da conquista das Américas transformou radicalmente antigas sociedades (outrora livres e felizes), provocando desarmonia, desequilíbrio ambiental, crueldades, impondo a figura de um Deus sanguinário e usurpador, produzindo sofrimentos e males que se arrastam até os dias de hoje. Como o Deus da conquista (da cidade, do dinheiro, do trono e do altar) venceu o Deus do Amor (das matas, da liberdade, da beleza e da harmonia?).

Novamente, o Chefe Seattle nos lembra: o homem branco, ao esquecer-se do convívio suave com a Natureza, acabou negando que não somente forma com ela uma parte, mas também é Natureza. A imagem indivisa do seu Criador foi trocada por sua ânsia de tudo ter e dominar. Ao desprezar o caminho do equilíbrio, arruinando a Natureza, acabou acentuando a desordem na Terra.





A Casa Comum se transformou numa morada de lutas desiguais, onde sofrimentos comuns e entendimentos incomuns não são superados, simplesmente porque preferimos o poder da força em detrimento do poder da serenidade; a leviandade ao invés de orientar-nos pelas leis imanentes (física, química, bioquímica) da Natureza; o caminho certo substituído pelo mais perigoso; e abusamos da criação – logo, do Criador –, colocando em risco o futuro de outras gerações. É o que nos ensina o Chefe Seattle, pois, se continuarmos a poluir nossa própria cama (Terra), haveremos “de morrer uma noite, sufocado em nossos próprios desejos” – e dejetos.

9. O fim da história

Como será, quando todos os bisões forem massacrados, os cavalos bravios domados, as brenhas das florestas carregadas de odor de muita gente e a vista das velhas colinas empanada por fios que falam. Onde ficará o emaranhado da mata? Terá acabado. Onde estará a águia? Irá acabar. Restará dar adeus à andorinha e à caça; será o fim da vida e o começo da luta para sobreviver.

Aqui, não se trata de um apelo nostálgico contra o fim da vida na Terra. As perguntas do Chefe Seattle são tão atuais que ignorá-las é a mais pura ignorância da ignorância humana. Já não é suficiente dizer: o que fazemos a um só ser humano fazemos a todo ser humano. Devemos estender essa dimensão a todo ser vivo: aquele que salva ou preserva um único ser salva, preserva todos os seres.

Deveria nos doer qualquer sofrimento humano, assim como deveria nos doer a dor da devastação imputada à Natureza e a suas espécies. Como já se disse, não existe nenhuma ideia que valha a morte de um único ser humano (Francisco, 2013), também não existe nenhuma ideia que valha a morte de uma única espécie. Somente a interdependência garantirá nossa sobrevivência. Não existe verdade, beleza ou bondade mais nobre que esta.





Cada pessoa pode descobrir um propósito maior na vida e, de modo singular, único ou mesmo singelo, realizá-lo com dignidade, humildade e perfeição. Ao descobrirmos que estamos aqui para dignificar a vida, e não arruiná-la, e ao fazer-nos a pergunta: “como faço para dignificar a vida?” (Francisco, 2013), abre-se, para nós, um portal de esperança antes inimaginado. Entendendo, como afirma Francisco, que se tenho essa dignidade em mim, ela não é minha exclusividade, estendo-a ao próximo que a merece, ao meio em que convivo e à sociedade/ao mundo a que pertenço.

Devemos nos importar com o que pode vir a acabar com a vida, devido à nossa ação destrutiva. Retomar o caminho de uma ética da hospitalidade (assim como adoramos ser bem tratados, reciprocamente tratar). Degustar da alegria gratuita da convivencialidade entre as espécies. Sentir-nos felizes pela integridade do planeta. Festejar em euforia suave as garantias que estão sendo asseguradas à manutenção dos ecossistemas. Comemorar o fim dos conflitos bélicos (sermos instrumentos da paz). Ampliar os direitos do coração. Aspirar ao alvorecer de um novo pacto ético a favor da vida. Saber, como sabiamente disse E. Wilson (2008, p. 22), “[...] que a amplidão de nossa vida e do nosso espírito depende da sobrevivência da Natureza”. Nos convencer de que fazemos parte da Criação – logo, “o destino da Criação é o destino da humanidade”.

Enfatizar a cosmovisão holística do Chefe Seattle (que todos os seres vivam em paz, que todos os seres sejam felizes) é romper com as muitas lógicas hegemônicas da visão eurocêntrica que rege o modo de estar/ser/viver no capitalismo enquanto projeto (infelizmente atual) de sociedade dominante.

10. Não morremos

“Depois que o último homem vermelho tiver partido e a sua lembrança não passar da sombra de uma nuvem a pairar acima das pradarias, a alma do meu povo continuará vivendo nestas florestas e praias, porque





nós a amamos como ama um recém-nascido o bater do coração de sua mãe”.

O pajé Antônio Celestino, do povo Xukuru-Kariri de Palmeira dos Índios, Alagoas, Brasil, sempre enfatiza que não vai morrer. Seu corpo voltará para os abraços de sua Mãe Terra, aquela que lhe deu a vida e uma causa para lutar. Um novo ser surgirá de seu ser, que se integra ao grande Ser e Criador de tudo, aquele que guarda os mistérios ocultos da Terra e dos céus.

Assim como o Chefe Seattle, a alma de Antônio Celestino continuará vivendo nas lembranças de seu povo, nos lugares por onde passou, nas coisas que tocou, na família constituída, na defesa da mata, nas viagens políticas a favor do seu território, nas alianças firmadas pelo êxito do movimento indígena regional. Defende ele:

Ouricuri é a religião do índio. Mas não é qualquer religião. Muitos abandonaram suas religiões para viverem em religião sem significado. Nós, os indígenas, temos religião. Os africanos têm religião. O patrimônio mais forte de um povo é sua religião. A cruz de Cristo é pesada. Mas não vejo nenhum branco querer carregar ela. O índio carrega sua cruz, pelo seu trabalho. Ouricuri é a primeira escola do índio que o prepara para carregar sua cruz. Uma escola misteriosa. Aquilo que tá coberto não deve se descobrir. Por isso, nosso mistério não se revela. O mundo precisa voltar e buscar conhecer seu Criador. Assim como existe o mundo, existe um Criador. Não há nada sem ter um Criador. O povo cresce e as divisões vão chegando, com incentivo de políticas, televisão, partidos, igrejas, empregos. Eu nunca vou morrer, pois minha mãe [a Terra] vai novamente me acolher. E é na vida dela que minha vida continuará, e nunca vai acabar. Por muitos anos, tenho cobrado dos não índios o meu





“bom dia”. Um bom dia que nos foi tirado desde a chegada dos escravizadores ao Brasil.

Carregar consigo a esperança em dias mais plenos, a convicção de alianças entre os mais pobres e o cuidado irrestrito com a Casa Comum (Terra, Grande Mãe e Gaia) nos fará melhores pessoas. Jamais poderemos abdicar de confiar na espera de outro tempo e na boniteza suave dos laços fraternos que nos untam nas diferenças. É fundamental fazermos, com a lucidez necessária que o tempo atual exige, seguindo os passos do Chefe Seattle e de tantos outros chefes espalhados pelo mundo, duras críticas às monstruosidades modernas, quiçá afastando-nos dos muitos males em voga; aspirando ao bem conviver, moldurando a cada instante o coração, nos caminhos da paz e no acolhimento generoso.

Necessário se faz assumir nossa condição humana como uma busca não violenta por sonhos coletivos, esperançosos, edificados pela solidariedade e pela justiça. Certamente, iremos entender que uma boa forma de lidar com as indiferenças, neutralizando as discórdias, é o diálogo franco e honesto, dentro de uma percepção aberta de escuta democrática.

As lições da Carta do Chefe Seattle falam de justiça, compaixão, amor social, solidariedade sem fronteiras, educação planetária, irmandade com as espécies e luta pela terra. A ideia de que fazemos parte de uma única família humana e que todos nós somos corresponsáveis pelo bom êxito do destino comum da **Mãe Terra** é o norte desse magnífico texto-testemunho.

Gerações já se passaram; todavia, nossa compreensão ainda permanece limitada acerca da atualíssima “mensagem/profecia” do Chefe Seattle: estamos todos/as ligados/as, somos da Natureza e Natureza ao mesmo tempo. Unidade na universalidade cósmica. Nossa enorme debilidade está na reprodução destrutiva de delírios civilizatórios.

Buscar acordos de interesses mútuos sob o prisma de uma ética mímina tem um significado enorme no momento atual, quando têm crescido situações de alto risco para a continuidade da vida na Terra. Certamente,





ainda haveremos de demorar quanto à busca de consensos sobre educação, desenvolvimento, mercado, bens, serviços, direitos humanos e do meio ambiente, numa perspectiva generosa, afetuosa, consciente.

O Chefe Seattle e Antônio Celestino falam que não precisamos nos imbuir de ódios gratuitos, instigar violências, destruir a Natureza. O caminho que indicam é o reto agir, pela serenidade, pelo equilíbrio e pela responsabilidade. A defesa da vida no planeta não é uma tarefa espinhosa; ao contrário, é uma exigência de elevada grandeza, essencial para a evolução de todos os sistemas vivos.

O Chefe Seattle nos desafia a reencontrar nossa identidade indígena perdida, petrificada no interior do redemoinho das incansáveis lutas que continuamos a travar, a fim de edificarmos comunidades com mais unidade e bom senso, tornando-nos instrumentos de paz, promotores da justiça, guardiões da cultura e defensores da não violência. Eis o sonho, que não é quimérico, do velho e atual Chefe Seattle que precisamos ainda realizar.





Palavras Finais

26





Há, como foi exposto nas reflexões deste livro, um longo caminho a percorrer na busca por alternativas mínimas que dialoguem com as reais necessidades e aspirações dos mais vulneráveis e no aprimoramento de uma maior consciência quanto à defesa das espécies e do destino da Terra, nossa Casa Comum.

O mundo parece se inclinar novamente aos apelos de movimentos ultraconservadores, favoráveis à violência, gritos de intolerância, aporofoobia, obscurantismo, xenofobia, ostracismo, fundamentalismo, ódio e guerra. Muitas coisas voltam a ficar fora de ordem, embora não signifiquem seu completo fim.

Uma sociedade onde todos/as se sintam acolhidos/as e incluídos/as é fundamental. Que as tiranias sejam definitivamente abolidas é um compromisso ético/político diário. Não existe razão alguma para novos trancaimentos e retrocessos. A crise no Sudão e em Gaza – por si só – bastaria para medir até onde vai nossa (in)sanidade mental. A humanidade já conhece a barbárie; é desnecessário, então, experimentá-la outra vez. Ninguém precisa repetir o que os norte-americanos fizeram ao Japão na Segunda Guerra Mundial para saber o grau mortífero de uma bomba atômica. Certamente, temos suficiente maturidade para construir diálogos sinceros e tecer acordos bilaterais sem prejuízos de partes. Exercer sanções e aumentar constrangimentos só nos levará a um estado de ruína coletiva.

Por isso, acreditar no que nos une faz enorme diferença. Une-nos o desejo de salvaguardar a vida, e vida em abundância. Une-nos, como disse o papa Francisco, a busca por uma nova civilização do amor. Unem-nos o nascer de novo, a entrega absoluta, o estar lado a lado com os mais pobres, o encontro amoroso em testemunhos, palavras e ações de Jesus Cristo, Francisco de Assis, Tereza de Calcutá, Irmã Dulce, Frei Angelino. Une-nos a luta a favor dos direitos humanos e da Natureza, conforme os exemplos de





Chico Mendes e Irmã Dorothy Mae Stang. Une-nos a dignidade na vida e nas condições de trabalho dos/as camponeses/as, como sonhou Margarida Alves. Une-nos a conquista da terra sem males no legado que não morreu de Marçal Tupã-Y.

Une-nos o acolhimento fraternal de Júlio Lancelotti na voz de quem não tem voz pelas ruas do Brasil. Une-nos a defesa dos marginalizados, na denúncia profética de Hélder Câmara e Pedro Casaldáliga. Une-nos o desenvolvimento sem dependência em tempos de medos e mortes no continente africano, no olhar sincero de Vagner Bijagó. Une-nos o grito da Terra na ecologia integral de Leonardo Boff, Marcelo Barros e papa Francisco. Une-nos o direito à alimentação saudável, livre de biocidas, no lúcido clamor de Rachel Carson. Une-nos a cosmologia da paz no terno vigor de Thomas Berry, Henri Nouwen e Thomas Merton.

Unem-nos a busca pelo bem viver e o imaginar outros mundos em Alberto Acosta, Antônio Celestino, Saulo Feitosa, José Karajá, José Bezerra, Sando Lobo. Une-nos a ideia de adiar o fim do mundo no coração sereno de Ailton Krenak e Davi Kopenawa. Unem-nos a reforma do pensamento e a regeneração necessária em Edgar Morin e Albert Schweitzer. Unem-nos a exposição minuciosa de nossa evolução biológica e a compreensão da Terra como um sistema vivo, estudado por Edward Wilson e James Lovelock.

Unem-nos o diálogo respeitoso, a escuta atenta, a assunção da liberdade e a educação libertadora em Paulo Freire, Moacir Gadotti, Rosângela Tenório, João Francisco de Souza. Une-nos a ideia de um universo em expansão através de pesquisas rigorosamente elaboradas por Carl Sagan e Stephen William Hawking. Une-nos a consecução de um Estado Palestino livre do genocídio israelense e de toda forma de agressão e violência contra crianças e mulheres. Une-nos o mover-se sob um novo *ethos* civilizacional e uma ética mínima na perspectiva de Adela Cortina, Rosane Lacerda, Ivone Gebara, Maninha e Raquel Xukuru.

Une-nos uma economia solidária que defende a vida e se reconcilia com a Natureza em Ladislau Dowbor. Une-nos a certeza de que a ciência





não é só europeia e ocidental, que há ciências em todas as sociedades, especialmente entre os povos originários. Unem-nos a defesa da democracia, o fim das *fake news* e das mentiras jurídicas e o combate à desonestidade parlamentar, conforme Jessé Souza, Frei Betto, Steven Levitsky, Daniel Ziblatt. Unem-nos o cuidado fraterno, o perdão incondicional, a responsabilidade consciente e a ideia de que um outro mundo é possível: justo, solidário e hospitalero.

Compreendemos que o acolhimento de algumas dessas ideias, ainda em construção, é um processo lento, cujo esforço requer a conjugação de muitos fatores. No entanto, todo pequeno passo a favor da luta pelos direitos humanos e da transformação ecossocial (alternativas que levem a outras alternativas melhores) contribui para que mais e mais pessoas possam romper com a visão antropocêntrica e a acumulação interminável de bens do sistema capitalista, levando-as a entender e vivenciar experiências em comunidades sob a perspectiva de **bons conviveres**, como uma possibilidade de organizar a própria vida, sem causar desperdícios, provocar sofrimentos, dores ou mortes.

De preferência, podemos caminhar juntos/as, lado a lado, cuidando suavemente uns dos outros e protegendo a **Pacha Mana**, nossa querida Mãe Terra.



REFERÊNCIAS





Referências

ABDALLA, Maurício. *O Princípio da Cooperação: em busca de uma nova racionalidade*. São Paulo: Paulus, 2002.

ACOSTA, Alberto. *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

AMARTYA, Sem. *Desenvolvimento como Liberdade*. São Paulo: Companhia das Letra, 2010.

APPLE, Michel W. *Educando à Direita: Mercados, Padrões, Deus e Desigualdade*. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

BARBALHO, José Ivamilson Silva (Org.). *Defender a Vida, Proteger o Pla-
netá e Humanizar a Sociedade*. Maceió: Edufal, 2023.

BARBALHO, José Ivamilson Silva; ALMEIDA, Giseliane Medeiros (Orgs.). *Educações & Resistências: diálogos, rupturas e alternâncias*. Curitiba: Edi-
tora CRV, 2019.

BARBALHO, José Ivamilson Silva. *Amor à vida ou Amor à Morte: reflexão sobre a Pedagogia do Coronavírus*. In: *REVISTA TERRITÓRIOS*. Caruaru: UFPE, Revista de Educação, vol. 8, nº 16, 2022.

BARROS, Marcelo. *Não deixe cair a profecia: a herança de Dom Helder Camera para a humanidade do século XXI*. Recife, PE: Cepe, 2022.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.





BAUMAN, Zygmunt. A Ética é Possível num Mundo de Consumidores? Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

BOFF, Leonardo. Saber Cuidar: ética do humano, compaixão pela terra. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.

BOFF, Leonardo. Ecologia, Mundialização, Espiritualidade. São Paulo: Editora Record, 2008.

BOFF, Leonardo. Ethos Mundial: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

BOFF, Leonardo. Virtudes para um outro Mundo Possível: hospitalidade – direitos e deveres de todos. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.

BOFF, Leonardo. Virtudes para um outro Mundo Possível: comer e beber juntos e viver em paz. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2006.



BOFF, Leonardo. Ecologia, Grito da Terra, Grito dos Pobres: dignidade e direitos da Mãe Terra. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.

BOFF, Leonardo. A Busca da Justa Medida: como equilibrar o planeta Terra. Rio de Janeiro: Vozes, 2023.

CAPRA, Fritjof. O Ponto de Mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

CAMERA, Helder. Palavras e Reflexões. Recife: Editora da UFPE, 1995.

CAMERA, Helder. O Deserto é Fértil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

CHARDIN, Pierre Teilhard. O Fenômeno Humano. Porto: Livraria Tavares Martins, 1947.



CORTINA, Adela. Ética Mínima. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CORTINA, Adela. Aporofobia. Aaversão ao Pobre: um desafio para democracia. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A Nova Razão do Mundo: ensaio sobre a sociedade liberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEBORD, Guy. A Sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2017.

DOWBOR, Ladislau. A Era do Capital Improdutivo: a nova arquitetura do poder, sob dominação financeira, sequestro da democracia e destruição do planeta. São Paulo: Autonomia Literária, 2017.

ECKHART, Mestre. Sermões Alemães. Petropólis: Vozes, 2006.

ELIAS, Drance; BARBALHO, José Ivamilson Silva (Orgs.). Em Defesa dos pobres. Recife: Editora da UPE, 2021.



FEITOSA, Saulo Ferreira; SILVA, Alcilene Bezerra da; LACERDA, Rosane Freire. Educação para o Bem Conviver: reflexões breves sobre o bem viver ameríndio e suas contribuições ao cuidado com a casa comum. In: Barbalho, José Ivamilson Silva (Org.). Defender a Vida, Proteger o Planeta e Humanizar a Sociedade. Maceió: Edufal, 2023.

FERRERO, Elisabeth M.; HOLLAND, Joe. Carta da Terra: reflexão pela ação. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2004.

FRANCISCO, Papa. Vamos Sonhar Juntos: o caminho para um futuro melhor. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

FRANCISCO, Papa. Laudate Deum: a todas as pessoas de boa vontade sobre a crise climática. SP: Paulinas, 2023.



FRANCISCO, Papa. *Evangelli Gaudium* – A Alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus; Edições Loyola, 2013.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelli Gaudium: a alegria do evangelho*. São Paulo: Editora Canção Nova, 2016.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato SI'*; sobre o cuidado da cada comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. *À Sombra desta Mangueira*. 15^a ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2022.



FREIRE, Paulo. *Denúncia, Anúncio, Profecia, Utopia e Sonho*. In: PAZZIANOTO, Almir et al (Org.). *O Livro da Profecia: o Brasil no Terceiro Milênio*. Brasília: Senado Federal, 1997.

FROMM, Erich. *O Medo à Liberdade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970

FROMM, Erich. *O Coração do Homem: seu gênio para o bem e para o mal*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

FURTER, Pierre. *Educação e Vida*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1979.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. – 4^a Edição – Porto Alegre: Artmed, 2005.

HABERMAS, Jürgen. *O Discurso Filosófico da Modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.



HAN, Byung-Chul. Infrocracia: digitalização e a crise da democracia. Pe- trópolis, RJ: Editora Vozes, 2022.

HESSEL, Stéphane; MORIN, Edgar. O Caminho da Esperança. Rio de Ja- neiro: Bertrand Brasil, 2012.

HOBSBAWM, Eric. Era dos Extremos: o breve século XX – 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. Como as Democracias Morrem. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LIPOVETSKY, Gilles. O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MERTON, Thomas. Gandhi e a Não-Violência. RJ: Editora Vozes, 1967.

MORELLI, Mauro. O Pão Nossa de Cada Dia. In: PAZZIANOTO, Almir et al (Org.). O Livro da Profecia: o Brasil no Terceiro Milênio. Brasília: Senado Federal, 1997.

MORIN, Edgar. Os Sete Saberes Necessários À Educação do Futuro. São Paulo: Cortez, Editora; UNESCO, 2011.

MORIN, Edgar. É Hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus. - 3^a ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

MORIN, Edgar, Fraternidade: para resistir à crueldade do mundo. São Pau- lo: Palas Athena, 2019.

MOLTMANN, Jorgen. No Fim, O Início: breve tratado sobre a esperança. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

MULLER, Robert. O Nascimento de uma Civilização Global. São Paulo: Aquariana, 1993.



KAZANTZAKIS, Nikos. *O Pobre de Deus*. SP: Círculo do Livro, S/D.

NOUWEN, Henri. *Trabalho pela Paz: oração, resistência, comunidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

NOUWEN, Henri. *Caminho do Coração: a espiritualidade dos padres e madres do deserto*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

SANTOS, Milton. *Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o Autoritarismo Brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHWARTZ, Barry. *O Paradoxo da Escolha: por que mais é menos?* São Paulo: Editora Conhecimento Liberta, 2024.

SCHWEITZER, Albert. *Decadência e Regeneração da Cultura*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1959.

SCHUMACHER, E. F. *O Negócio é ser Pequeno: estudos sobre uma economia em que as pessoas são importantes*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2024.

TSÉ, Lao. *Tao Te Ching: o livro que revela Deus*. SP: Martin Claret, 2004.

TSÉ, Lao. *Tao Te Ching: o livro do caminho perfeito*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

WILSON, Edward. *A Conquista Social da Terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

WILSON, Edward. *A Criação: como salvar a vida na Terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.



Ensinais a seus filhos o que ensinamos aos nossos: que a terra é nossa mãe. Se os homens cospem no solo, estão cuspindo em si mesmos. Todas as coisas estão relacionadas como o sangue que une uma família. Tudo está associado. O que fere a terra também fere aos filhos da terra. O homem não tece a teia da vida: é, antes, um dos seus fios. O que quer que faça a essa teia, faz a si próprio.

Chefe Seattle

ISBN: 978-65-85656-26-9



9 786585 656269